

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ALINE TRIERWEILER DE SOUSA

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA DOS *CAMPI* FORA DE SEDE DA UFSC**

PORTO ALEGRE

2021

ALINE TRIERWEILER DE SOUSA

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO CIENTÍFICA DOS *CAMPI* FORA DE SEDE DA UFSC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

PORTO ALEGRE

2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Sousa, Aline Trierweiler de  
A institucionalização dos Campi fora de sede da  
UFSC / Aline Trierweiler de Sousa. -- 2021.  
147 f.  
Orientador: Rene Faustino Gabriel Junior.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da  
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Universidades-Institucionalização. 2. Campi fora  
de sede. 3. Pesquisa científica. 4. Pesquisa  
tecnológica. I. Gabriel Junior, Rene Faustino, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALINE TRIERWEILER DE SOUSA

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS *CAMPI* FORA DE SEDE DA UFSC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

Aprovada em: 19 de maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Vinícius Medina Kern  
Universidade Federal de Santa Catarina – Membro Externo

---

Prof. Leilah Santiago Bufrem  
Universidade Federal de Pernambuco – Membro Externo

---

Prof. Ana Maria de Moura  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Membro do Programa PPGCIN

---

Prof. Rene Faustino Gabriel Junior  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Orientador

## AGRADECIMENTOS

Enfim, chegamos ao final dessa jornada. Esta dissertação vem carregada de esforço, entrega e dedicação. Mas, eu jamais teria chegado até aqui se não fossem pelos apoios incríveis que eu recebi ao longo dessa caminhada, marcada por tantos eventos impactantes quer seja na minha vida pessoal, quer seja para a sociedade como um todo.

Em 2019 realizei a inscrição no processo seletivo do PPGCIN, graças ao incentivo da amiga e colega de profissão Hilda. Muito obrigada, Hilda, não só pelo incentivo inicial, mas também por participares ativamente de todo o processo ao longo dos 2 anos do mestrado, por meio das nossas boas trocas e conversas (também, pela hospedagem para a prova de proficiência em Floripa!!!). Uma das minhas resistências em tentar o ingresso estava no fato de ter que me deslocar por 600km para cursar o mestrado, caso passasse. Eu nem imaginava que o desafio seria ainda maior.

Com o resultado positivo do processo seletivo do mestrado, veio também o positivo para a minha gestação, na época com 12 semanas. Eu gestava a minha Beatriz! Nesse momento eu pensei que seria, realmente, impossível realizar o curso.

Minhas amigas da vida, Francine e Juliana, me incentivaram a seguir a diante e encarar. Fizeram-me enxergar que não poderia ser a vinda da Beatriz que me impediria de ir atrás dos meus sonhos e objetivos; e, que, a conclusão dessa etapa seria importante para o nosso futuro: o meu e o da minha família que ali se iniciava. Tempos depois, durante as aulas presenciais, a casa da Ju virou hospedaria para mim e, eu simplesmente amava, porque estávamos juntas quase que semanalmente.

Foram idas semanais, de Blumenau para Porto Alegre no primeiro semestre. Foi uma experiência incrível, na verdade. Como os meus pais moram próximo a Porto Alegre e tenho amigos na região, eu consegui partilhar boa parte da gestação na presença deles. Agradeço muito aos meus pais Sadi e Odete e ao meu irmão Douglas pelo incentivo de sempre.

Minha gratidão imensa ao meu orientador, Prof. Rene, que nunca viu a minha situação como impeditiva para iniciar o mestrado. Pelo contrário, demonstrou sensibilidade com a minha situação e sempre trouxe palavras de incentivo.

À UFRGS pela oportunidade de retornar a ela e ter experiências tão significativas em uma das melhores universidades brasileiras. E ao PPGIN da UFRGS minha eterna gratidão. Vários professores me apoiaram. Da mesma forma, a nossa primeira turma do mestrado foi demais! As meninas, minhas colegas, foram pessoas incríveis. Eu ganhei até um chá de fralda surpresa durante uma aula, tudo preparado com muito carinho. É uma lembrança linda que eu

jamais esquecerei. Senti-me acolhida. Retornei para Blumenau com um ‘sacolão’ cheio de fraldas e outros mimos para a Bia.

Dentre as colegas, agradeço especialmente à Larissa, que sempre me deu muito suporte no curso. Quando eu estava em casa, em licença gestante, ela fazia chamadas de vídeo para que eu pudesse assistir às aulas, me passava informações sobre atividades que deveriam ser realizadas etc. Foi uma rede de apoio muito importante, que tenho um carinho especial.

Depois que a Beatriz nasceu, a minha rede de apoio “em casa” foi, sem dúvida alguma, o meu esposo Maykon e a sua família. Família Machado, muito obrigada por fazerem tanto por nós, especialmente à minha sogra Darlete e à minha cunhada Camila, que desde que soube da minha aprovação no mestrado, me estimulou a cursá-lo. E, Maykon, minha eterna gratidão por sempre me incentivares, acreditares em mim e, acima de tudo, me apoiares na prática.

Minha gratidão à minha prima Mayara e ao Eduardo, seu parceiro, por me socorrerem em tantos momentos, por me acolherem, me receberem na casa deles, quando as coisas estavam pesadas demais, quando eu precisava dividir. Da mesma forma, minha gratidão à amiga Letícia e ao amigo Roney, pelo incentivo, por nos acolherem sempre tão bem, por serem inspiração e pela mão estendida.

Agradeço imensamente a Dra. Yara, meu anjo da guarda aqui na Terra, e à Jane, por terem acreditado em mim, quando eu desacreditava. O apoio de vocês foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Meu agradecimento aos/às meus/minhas colegas da UFSC, especialmente as que vivenciaram mais de perto, comigo, a experiência do mestrado: Anthonia, Daiana e Júlia. Obrigada pelo incentivo e pela compreensão ao longo de todo esse processo. Agradeço também à Zenira, que me trouxe exemplos para me mostrar que era possível, sim.

Ao grupo do Facebook “Mamães na pós-graduação” pelos numerosos relatos de mães que vivenciam a maternidade em conjunto com a vida acadêmica e a pesquisa. Cada relato lido gerava em mim uma vontade visceral de seguir adiante. De verdade, que grupo fantástico!!! Gratidão!

Por fim, mas não menos importante, minha gratidão à minha, hoje, pequena Beatriz. Minha força motriz para que eu quisesse fazer dar certo. Com ela eu descobri que filhos não nos impedem de nada, absolutamente nada, bem pelo contrário. É claro que exigem mais organização e apoio, mas o fato de ser mais difícil não condiciona à impossibilidade. Te amo, minha pequena!

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.

Eclesiastes 3:1-8

## RESUMO

Na década de 2000 houve a criação de vários *campi* fora de sede da UFSC. Dez anos depois, compreender como se encontra a institucionalização destes *campi* é importante para identificar a representatividade do modelo *multicampi* para a produção científica e tecnológica. O estudo analisa a institucionalização dos *campi* fora de sede da UFSC (Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville) focando na produção científica e tecnológica, tendo como base o campus sede (Florianópolis). São objetivos específicos deste trabalho: a) descrever a estrutura física, organizacional e humana do campus sede da UFSC e de seus *campi* fora de sede; b) analisar os indicadores da produção científica e tecnológica dos docentes da UFSC; e c) identificar as colaborações nos documentos científicos dos *campi* da UFSC. Parte de uma abordagem quantitativa, tendo como apoio a análise de domínio, com aporte dos Estudos Métricos da Informação (EMI). Utiliza a Plataforma Lattes e a Scopus como fontes de informação para a extração dos dados que compõem o *corpus* da pesquisa. Como resultados principais apresenta a constituição organizacional da UFSC, demonstrando a estrutura do campus sede e dos *campi* fora de sede, os quais, por sua vez, apresentam estruturas físicas em expansão, sendo observadas áreas em construção. Com relação ao perfil acadêmico de formação dos docentes, a UFSC apresenta muitos docentes formados pela própria instituição nos cursos de mestrado e doutorado, reforçando, assim, o processo de endogenia. A maioria dos docentes da UFSC é formada em instituições públicas. Quanto às produções científicas, observou-se que os anais de eventos e os artigos científicos são os mais representativos e, que, o campus de Curitibanos, do ponto de vista científico, está entre os mais produtivos da UFSC. De maneira geral, ao comparar com as médias de produção do campus sede, os *campi* fora de sede da UFSC têm produtividade considerável. Em relação às produções tecnológicas, o campus de Joinville é o mais representativo, dentre todos os *campi* da UFSC, nas produções de *softwares*, patentes e produtos tecnológicos. O *campus* de Blumenau, mesmo sendo o mais novo de todos eles, também ficou à frente do campus sede no quesito ‘produções tecnológicas’. No geral, a produção de conhecimento científico e tecnológico na UFSC está mais concentrada no campus sede. Sobre as colaborações científicas na UFSC, Blumenau é o campus com maior número de autores por trabalhos. No campus Florianópolis observou-se a presença mais intensa de instituições do sudeste brasileiro. Também, o campus sede apresenta maior diversidade de países colaboradores, mas as colaborações costumam ocorrer mais entre instituições nacionais e, principalmente, dentro da própria UFSC. Em síntese, se observa que a institucionalização dos *campi* fora de sede da UFSC tem ocorrido, contudo é um processo que exige tempo e investimentos para que se consolide. Os índices de produtividade científica e tecnológica demonstram que os *campi* fora de sede se destacam em alguns aspectos.

**Palavras-chave:** Universidades-Institucionalização. *Campi* fora de sede. Pesquisa científica. Pesquisa tecnológica.



## ABSTRACT

In the decade of 2000, several UFSC campuses were created apart from the main one. Ten years later, it is important to understand how the process of institutionalization of these campuses is being conducted in order to identify how representative the multicampus model is for scientific and technological production. This study analyses the institutionalization of the UFSC campuses located outside the main one (in the cities of Araranguá, Blumenau, Curitibanos and Joinville), focusing on the scientific and technological production in comparison with the main campus located in the city of Florianópolis. The specific objectives of this work are: a) to describe the physical, organizational and human structures of the main UFSC campus as well as the other campuses; b) to describe indicators concerning the scientific and technological production realized by teachers and professors; and c) to analyze the collaborations in scientific documents produced in UFSC campuses. The approach for this study is quantitative, having support from domain analysis and contribution from metric studies of information. Plataforma Lattes and Scopus database were utilized as sources of information for the extraction of the data that constitute the corpus of research. As main results, this work presents UFSC's organizational constitution, presenting the structure of all its campuses, which are being expanding as evidenced by construction sites. Concerning the academic formation profile, many UFSC's teachers completed their Master's degree and Doctorate in this same institution, thus maintaining the process of endogeneity. The majority of UFSC's teachers and professors graduated from public institutions. With respect to scientific production, it was observed that annals of events and scientific articles are the most representative of that production, and that the campus of Curitibanos is one of the most productive of UFSC's campuses. In general, when compared to the production averages of the main campus, the decentralized campuses present considerable productivity. Concerning technological production, the Joinville campus is the most representative among all UFSC's campuses when it comes to software production, patents, and technological products. The Blumenau campus, even being the newest among them, also stood ahead of the main campus when it comes to technological production. In general, UFSC's production of scientific and technological knowledge is more concentrated in the main campus. Concerning the scientific collaboration in UFSC, the Blumenau campus has the highest number of authors per work. In the Florianópolis campus it was observed a more intense presence of institutions from the Southeast region of the country. Also, the main campus presents higher level of diversity of countries working in collaboration, but these collaborations usually occur more between national institutions and mostly inside UFSC itself. In summary, it was observed that although the institutionalization of UFSC's campuses outside the main one has occurred, it is a process that demands time and investment to be consolidated. The scientific and technological productivity indexes show that the campuses outside Florianópolis stand out in some aspects.

**Keywords:** Universities. Institutionalization. Decentralized campuses. Scientific research. Technological research.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Estrutura Organizacional da Administração da UFSC .....	25
Figura 2 - As três etapas da institucionalização .....	33

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de artigos brasileiros, da América Latina e do mundo publicados em periódicos científicos indexados pela Scopus, 2000-2018 .....	44
Gráfico 2 - Citações de artigos brasileiros publicados em periódicos indexados pela Scopus e percentual em relação ao mundo, 2000-2018.....	45
Gráfico 3 - Posição do Brasil, de acordo com o número de artigos científicos na Web of Science (WoS), 2011-2016.....	46
Gráfico 4 - Número de patentes, depositados no INPI, segundo tipo de patentes, 2000-2017	47
Gráfico 5 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Araranguá.....	67
Gráfico 6 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Araranguá (n=108) .....	69
Gráfico 7 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Blumenau .....	71
Gráfico 8 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Blumenau (n=96) .....	72
Gráfico 9 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Curitibanos.....	74
Gráfico 10 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Curitibanos (n=80) .....	76
Gráfico 11 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Florianópolis .....	78
Gráfico 12 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Florianópolis (n=2.035) .....	79
Gráfico 13 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Joinville.....	81
Gráfico 14 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Joinville (n=100) .....	82
Gráfico 15 - Distribuição das áreas de formação dos docentes dos <i>campi</i> da UFSC.....	88
Gráfico 16 - Produção científica e tecnológica campus de Florianópolis, de 2009 a 2020 .....	96
Gráfico 17 - Média da produção científica e tecnológica por pesquisador da UFSC, de 2009 a 2020 .....	97
Gráfico 18 - Distribuição da produção científica e tecnológica entre os <i>campi</i> fora de sede e o campus sede da UFSC, de 2009 a 2020 .....	98
Gráfico 19 - Concentração dos Programas de Pós-Graduação na UFSC .....	100
Gráfico 20 - Proporção dos cursos de mestrado e doutorado na UFSC, 2019 .....	102
Gráfico 21 - Distribuição dos docentes por campus sede e <i>campi</i> fora de sede UFSC.....	103
Gráfico 22 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Araranguá.....	105

Gráfico 23 - Países colaboradores com o Campus Araranguá .....	106
Gráfico 24 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Blumenau .....	107
Gráfico 25 - Países colaboradores com o Campus Blumenau.....	108
Gráfico 26 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Curitibanos .....	109
Gráfico 27 - Países colaboradores com o Campus Curitibanos.....	110
Gráfico 28 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Florianópolis ....	111
Gráfico 29 - Países colaboradores com o Campus Florianópolis.....	112
Gráfico 30 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Joinville.....	113
Gráfico 31 - Países colaboradores com o Campus Joinville .....	114

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pesquisa dos termos “ <i>campi</i> fora de sede” e “multicampi” na legislação brasileira .....	40
Quadro 2 - Estrutura física Campus Araranguá.....	57
Quadro 3 - Estrutura humana Campus Araranguá.....	58
Quadro 4 - Estrutura física Campus Blumenau .....	58
Quadro 5 - Estrutura humana Campus Blumenau .....	59
Quadro 6 - Estrutura física Campus Curitibanos.....	60
Quadro 7 - Estrutura humana Campus Curitibanos.....	60
Quadro 8 - Estrutura física Campus Florianópolis .....	61
Quadro 9 - Estrutura humana Campus Florianópolis .....	62
Quadro 10 - Programas de Pós-Graduação no campus Florianópolis .....	63
Quadro 11 - Estrutura física Campus Joinville.....	66
Quadro 12 - Estrutura humana Campus Joinville.....	66
Quadro 13 - Média da Produção Científica e Tecnológica dos pesquisadores da UFSC por tipo de documento.....	91
Quadro 14 - Colaboração de autores referente ao Campus Araranguá .....	105
Quadro 15 - Colaboração de autores referente ao Campus Blumenau.....	107
Quadro 16 - Colaboração de autores referente ao Campus Curitibanos.....	109
Quadro 17 - Colaboração de autores referente ao Campus Florianópolis.....	111
Quadro 18 - Colaboração de autores referente ao Campus Joinville .....	113

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AER	Economic Review
APUFSC	Associação dos Professores Sindicato Nacional
AVU	Associação dos Volantes
BB	Banco do Brasil
BEM	Departamento de Engenharias de Mobilidade
BIC	Biotério Central
BU	Biblioteca Universitária
C&T	Ciência e Tecnologia
CA	Colégio de Aplicação
CAC	Departamento de Engenharia de Controle, Automação e
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CCB	Centro de Ciências Biológicas
CCE	Centro de Comunicação e Expressão
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCU	Centro de Cultura
CDS	Centro de Desportos
CEBIME	Centro de Biologia Molecular Estrutural
CED	Centro de Ciências da Educação
CEE	Departamento de Ciências Exatas e Educação
CEF	Caixa Econômica Federal
CFH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CFM	Centro de Ciências Físicas e Matemáticas
CIT	Coordenadoria Especial Interdisciplinar em Tecnologia da
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
CORNELL	Cornell University
CSE	Centro Socioeconômico
CTC	Centro Tecnológico
CTE	Centro Tecnológico, de Ciências Exatas e Educação
CTJ	Centro Tecnológico de Joinville
CUJAE	Instituto Superior Politécnico José Antonio Eche
CUn	Conselho Universitário
CVU	Centro de Convivência Social
DAC	Departamento Artístico Cultural
DAE	Departamento de Administração Escolar
DAG	Departamento de Administração Geral
DAP	Departamento de Administração de Pessoal
DCS	Departamento de Ciências da Saúde
DEC	Departamento de Computação
DET	Departamento de Engenharia Têxtil
DEX	Departamento de Apoio à Extensão
DGP	Diretório dos Grupos de Pesquisa
EC-LYON	Ecole Centrale de Lyon
ECU	Templo Ecumênico
EDI	Editora Universitária

EES	Departamento de Energia e Sustentabilidade
EMI	Estudos Métricos da Informação
EMT	Coordenadoria Especial de Engenharia de Materiais
ESC	Escoteiros
ETUSC	Escritório Técnico da UFSC
FMQ	Coordenadoria Especial de Física, Química e Matemática
FURB	Universidade Regional de Blumenau
HU	Hospital Universitário
IES	Instituições de Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Intelectual
IU	Imprensa Universitária
JPE	Journal of Political Economy
KIT	University of Karlsruhe
LED	Laboratório de Ensino a Distância
LOA	Lei Orçamentária Anual
MAT	Departamento de Matemática
MCP	Multiple Country Publication
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
MOR	Moradia Estudantil
MU	Museu Universitário
NDI	Núcleo de Desenvolvimento Infantil
NITS	Núcleos de Inovação Tecnológica
PE	Prefeitura Universitária
PLA	Projeto Larus
PPGCIN	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PRODEGESP	Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica – PR
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
REI	REITORIA
REUNI	Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades
RFEPT	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
RU	Restaurante Universitário
RWTH Aachen	Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule Aache
SBG	Subestações
SCI	Science Citation Index
SCP	Single Country Publication
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SID	Secretaria Integrada de Departamentos
SIG	Secretaria Integrada de Graduação
SIGPG	Secretaria Integrada de Pós-Graduação
SINTUFSC	Sindicato dos Trabalhadores da UFSC
SNI	Sistema Nacional de Investigadores do México
SWANSEA	Swansea University
TAES	Técnicos-Administrativos em Educação
TU-Darmstadt	Technische Universitaet Darmstadt
TU-Dresden	Technische Universität Dresden
UAB	Universidade Aberta do Brasil

UAH	Universidad de Alcalá
UC	Universidade de Coimbra
UCALGARY	University of Calgary
UCLA	Universidad Centrocidental Lisandro Alvarado
UCLA	Universidad Central Lisandro Alvarado
UCM	Universidad Complutense de Madrid
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UESUKRAINE	Universidade Estatal de Economia de Kharkiv
UFABC	Fundação Universidade do ABC
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPeI	Universidade de Pelotas
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UMINHO	Universidade do Minho
UNAC	Universidad Nacional Del Callao
UNAL	Universidade Nacional de Colômbia
UnB	Universidade de Brasília
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNI-BREMEN	Universität Bremen
ÚNICA	Università degli Studi di Cagliari
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFI	Università di Firenze
UNI-MUNSTER	University of Münster
UNIPAMPLONA	Universidad de Pamplona
UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville
UNM	The University of New México
UNSA	Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa
UP	Universidad de Panamá
UP	Universidade do Porto
UPEL	Universidad Pedagógica Experimental Libertador
UPEL	Universidad Pedagógica Experimental Libertador
UPO	Universidade Pablo de Olavide
URCAMP	Universidade Regional da Campanha
USP	Universidade de São Paulo
UTA	Universidad de Tarapacá
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
WoS	Web of Science



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
1.1	JUSTIFICATIVA.....	20
1.2	OBJETIVOS .....	21
1.2.1	Objetivo Geral .....	22
1.2.2	Objetivos Específicos .....	22
<b>2 A</b>	<b>UFSC – CONTEXTO DO ESTUDO</b> .....	<b>23</b>
2.1	Criação e composição da comunidade UFSC .....	23
2.2	Estrutura organizacional e física .....	24
2.3	Os <i>Campi</i> .....	28
<b>3</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>30</b>
3.1	A INSTITUCIONALIZAÇÃO: CONCEITOS.....	30
3.2	CAMPUS FORA DE SEDE E MULTICAMPIS .....	38
3.3	PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA NAS UNIVERSIDADES .....	41
3.4	COLABORAÇÃO CIENTÍFICA E VISIBILIDADE CIENTÍFICA.....	48
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>52</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	<b>57</b>
5.1	ESTRUTURA FÍSICA, HUMANA E ORGANIZACIONAL .....	57
5.1.1	Campus Araranguá.....	57
5.1.2	Campus Blumenau .....	58
5.1.3	Campus Curitibanos .....	59
5.1.4	Campus Florianópolis.....	61
5.1.5	Campus Joinville .....	66
5.2	O PERFIL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PESQUISADORES DA UFSC ....	67
5.2.1	Campus Araranguá.....	67
5.2.2	Campus Blumenau .....	70
5.2.3	Campus Curitibanos .....	73
5.2.4	Campus Florianópolis.....	76
5.2.5	Campus Joinville .....	80
5.2.6	Panorama geral do perfil acadêmico dos docentes da UFSC.....	83
5.3	INDICADORES DE PRODUÇÃO DOS PESQUISADORES DA UFSC .....	89
5.3.1	Distribuição da produção científica e tecnológica por docentes da UFSC e tipo de documento .....	90

5.3.2	Produção geral de conhecimento pelos <i>campi</i> da UFSC.....	96
5.3.3	Distribuição geral da produção científica e tecnológica da UFSC: <i>campi</i> fora de sede x campus sede .....	98
5.3.4	Os Programas de Pós-Graduação na UFSC .....	99
5.3.5	Distribuição de docentes na UFSC .....	103
5.4	COLABORAÇÕES CIENTÍFICAS NOS <i>CAMPI</i> DA UFSC .....	104
5.4.1	Colaboração no Campus Araranguá.....	104
5.4.2	Colaboração no Campus Blumenau .....	106
5.4.3	Colaboração no Campus Curitibanos .....	108
5.4.4	Colaboração no Campus Florianópolis.....	110
5.4.5	Colaboração no Campus Joinville .....	112
5.4.6	Panorama geral das colaborações na UFSC.....	114
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	118
	REFERÊNCIAS .....	123
	APÊNDICE A – Planilha ( <i>Excel</i> ) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Araranguá. ....	124
	APÊNDICE B – Planilha ( <i>Excel</i> ) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Blumenau. ....	124
	APÊNDICE C – Planilha ( <i>Excel</i> ) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Curitibanos. ..	124
	APÊNDICE D – Planilha ( <i>Excel</i> ) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Florianópolis. ....	124
	APÊNDICE E – Planilha ( <i>Excel</i> ) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Joinville. ....	124

## 1 INTRODUÇÃO

As universidades federais brasileiras desde o seu surgimento passam por reformulações constantes. Em momentos distintos já se observou a fragilização do ensino público superior brasileiro (FRANÇA, 2008; BOTTONI, SARDANO; COSTA FILHO, 2013). Ao rememorar a época da ditadura militar, em 1964, França (2008) observa a precarização das instituições de ensino superior, que volta a ocorrer em 1990. Além disso, observa-se que em diversos governos há uma tendência em precarizar o ensino público e incentivar o surgimento de instituições particulares (BOTTONI, SARDANO; COSTA FILHO, 2013).

Contudo, a partir do final da década de 2000, as universidades federais brasileiras passaram a se difundir por meio do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto n. 6.096, de 24 de abril de 2007. As universidades federais brasileiras puderam optar em crescer e se estender pelo território nacional. O objetivo do REUNI foi também promover um melhor aproveitamento do que as instituições de ensino superior federais já dispunham.

No Brasil, todas as universidades federais brasileiras aderiram ao programa REUNI, cujo objetivo era ampliar o acesso e a permanência no ensino superior nacional. A meta do programa era dobrar o número de ingressantes nos cursos de graduação em dez anos, permitindo a 680 mil estudantes a mais ingressarem nas universidades federais (BRASIL, 2018).

De acordo com Lima (2013) as universidades que aderissem ao REUNI receberiam recursos para a ampliação de estruturas físicas e tecnológicas, bem como a contratação de pessoal. Em contrapartida, as instituições deveriam apresentar percentual de 90% de conclusões dos cursos de graduação e uma média de 18 alunos por professor. Ainda, conforme Lima (2013), o REUNI esteve associado a criação de novos cursos de graduação, sem necessariamente se preocupar em reformular cursos de graduação já existentes, por exemplo.

Diante do contexto de crescimento da universidade, é esperado que as atividades desenvolvidas por essas instituições também cresçam, assim como o tripé no qual elas se constituem (ensino, pesquisa e extensão). No caso específico desta dissertação, o foco está na consolidação dos *campi* fora sede. Logo, a institucionalização científica se faz presente ao longo do trabalho, visando pontuar de que maneira a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) está estruturada, tanto do ponto de vista físico quanto organizacional; como ocorrem

as produções científicas e tecnológicas na UFSC; qual é o cenário que aparece relativo à formação acadêmica dos docentes da instituição; e, como acontecem as colaborações científicas entre os seus docentes.

Com isso, a estrutura multicampi a qual a UFSC está submetida despertou o interesse em verificar se os seus *campi* fora de sede têm demonstrado consolidação na pesquisa, como ocorre em seu campus sede. Embora a sede tenha 50 anos a mais de existência do que as unidades fora dela, observar a forma como o processo de institucionalização científica dos *campi* fora de sede tem ocorrido é importante, sobretudo pelo cenário apresentado nos últimos anos, em relação aos cortes de verbas para a educação superior federal brasileira.

Como instituição, a UFSC é uma das 63 universidades federais brasileiras. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [201-?]), estando entre as 601-800 melhores universidades do mundo de acordo com o World University Rankings 2021. Cabe apresentar que a UFSC foi criada em 1960, em Florianópolis, com um campus central, ou sede. Com o REUNI, a partir de 2009 se expandiu e construiu outros quatro *campi*, denominados de ‘fora de sede’, sendo eles: Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville.

Um elemento relevante para esse estudo é a institucionalização, abordada nesta dissertação, nomeada como ‘institucionalização plena’, utilizando-se do conceito de Tolbert e Zucker (2007), até um conceito mais específico, denominada ‘institucionalização científica’, utilizando-se de definições de autores como Withley (1975, 1989), Bazi e Silveira (2007) e Arboit, Bufrem e Moreiro-González (2011).

Segundo Tolbert e Zucker (2007), a institucionalização plena se constitui por três etapas: pré-institucionalização (forças externas à instituição), semi-institucionalização (solidificação das instituições) e total institucionalização (perpetuação e consolidação). Para as universidades, a última etapa é a que representa conhecimento e reconhecimento no meio acadêmico e científico, uma vez que, quando uma instituição atinge esse nível, significa que seus processos e papéis sociais estão bem definidos.

Na institucionalização científica a consolidação das atividades da ciência se dá quando outra ciência consegue reconhecer tais atividades e operações. Nesse sentido, a organização da ciência, com elementos claros e bem definidos é de fundamental importância. Em meio a isso, está a divulgação das informações científicas, bem como o ensino, a pesquisa e a aplicação de conhecimento (ALFONSO-GOLDFARB; FERRAZ, 2002; BAZI; SILVEIRA, 2007).

Para este estudo, a compreensão de como ocorre a institucionalização científica transita pelos Estudos Métricos da Informação (EMI), uma vez que essa é a metodologia

adotada para viabilizar a análise dos resultados, composto por um *corpus* de pesquisa proveniente das plataformas como o Lattes e a Scopus. O emprego das técnicas Bibliométricas e Cientométricas confere a “[...] possibilidade de conhecer, pelo estudo das publicações, o desenvolvimento de uma área determinada da ciência, em âmbito geográfico específico, com recortes relativos a temáticas, materiais ou períodos específicos.” (BUFREM; PRATES, 2005, p. 13).

A seguir são apresentadas a justificativa, os objetivos, o contexto do estudo, a revisão de literatura, a metodologia empregada, os resultados e a análise da pesquisa, e as considerações finais. Na justificativa demonstra-se as motivações para a realização deste estudo e apresenta-se o problema de pesquisa, ao final. Em seguida são descritos o objetivo geral e os objetivos específicos. No contexto do estudo, apresenta-se a UFSC, incluindo o seu campus sede e os seus quatro *campi* fora de sede. A revisão de literatura parte de conceitos acerca da institucionalização, de maneira mais ampla, até chegar à institucionalização científica, foco principal deste trabalho; em seguida, discute-se sobre os termos ‘*campi* fora de sede’ e ‘multicampi’, e elenca-se o termo mais adequado para ser abordado neste estudo; após, apresenta-se literatura acerca da pesquisa científica e tecnológica nas universidades; e, por último, a discussão apresentada se refere à colaboração científica e visibilidade científica. Posteriormente, descreve a metodologia empregada neste estudo, pautada nos EMI. Em seguida, são demonstrados os resultados e as suas análises, por meio de seções que especificam a estrutura física, humana e organizacional da UFSC; o perfil de formação acadêmica dos docentes da UFSC; os indicadores dos pesquisadores da UFSC; e, por fim, as colaborações científicas na UFSC. Por último, apresentam-se as considerações finais.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A partir da década de 2000, muitas universidades públicas federais buscaram a descentralização com a criação de *campi* fora de suas cidades de origem, interiorizando o acesso a sua tríade — ensino, pesquisa e extensão. Passados alguns anos e considerando a expansão do ensino superior por parte das universidades públicas federais, inquieta-se sobre a institucionalização desses novos *campi*, do ponto de vista da pesquisa, com a observação da produção científica em tais instituições, caracterizando-se como objeto de estudo de relevância para o cenário instaurado atualmente no Brasil, especialmente no campo da educação superior de caráter público.

Uma das motivações para a realização deste estudo foram as diversas ações tomadas pelo Governo Federal, que vão desde o contingenciamento de recursos destinados às despesas discricionárias, como custos com água, luz, limpeza, bolsas auxílios para os estudantes, em 2019, até a redução do valor de repasse da Lei Orçamentária Anual (LOA), em 2020.

Diante disso, esta pesquisa procurou apresentar análises de dados que exponham a institucionalização da UFSC, no que diz respeito aos seus *campi* fora de sede, de modo a demonstrar como a UFSC tem respondido científica e tecnologicamente aos recursos que são injetados pelo Governo Federal.

A partir deste estudo, a própria universidade poderá tomar posse dos dados gerados e analisados, a fim de embasar novos estudos e direcionamentos relacionados aos seus processos produtivos de conhecimento.

No campo da Ciência da Informação, esta pesquisa, que se baseia em Estudos Métricos da Informação (EMI), e está diretamente relacionada à Linha 1 do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem como foco os processos de produção, de organização e de comunicação da informação científica e tecnológica.

Outra motivação se deve ao fato de a autora deste estudo, por atuar como servidora técnica-administrativa na instituição analisada nesta dissertação, ocupante do cargo de Bibliotecária-Documentalista em um dos *campi* fora de sede da UFSC (campus Blumenau), ter sentido a necessidade de estabelecer uma visão global acerca das questões de pesquisa, tecnologia e inovação que ocorrem na referida universidade.

Também, a autora, por atender a especialidades distintas durante o fazer profissional, tem interesse em observar como estas especialidades se comportam diante das suas produções, de modo a conhecer mais profundamente a UFSC, instituição com a qual mantém vínculo atualmente.

Portanto, a partir dessa inquietação, este trabalho procura responder a seguinte pergunta de pesquisa: “Como estão se institucionalizando os *campi* fora de sede da UFSC?”.

## 1.2 OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo, para melhor serem desenvolvidos, foram divididos em objetivo geral e específicos, sendo apresentados nas próximas subseções.

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Analisar a institucionalização científica dos *campi* fora de sede da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por meio de indicadores de produção e colaboração científica e tecnológica.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

São objetivos específicos deste trabalho:

- a) descrever a estrutura física, organizacional e humana do campus sede da UFSC e de seus *campi* fora de sede;
- b) analisar os indicadores da produção científica e tecnológica dos docentes da UFSC;
- c) identificar as colaborações nos documentos científicos dos *campi* da UFSC.

## 2 A UFSC – CONTEXTO DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida na UFSC, e para melhor contextualização da universidade serão apresentadas o histórico da criação e composição da comunidade UFSC, a sua estrutura organizacional e física, e os seus *campi*.

### 2.1 CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DA COMUNIDADE UFSC

A UFSC foi fundada em 18 de dezembro de 1960, na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, com o nome de ‘Universidade de Santa Catarina’ (UFSC, 2014). Sua origem se deu a partir de oito faculdades: Direito, Ciências Econômicas, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Serviço Social, Medicina e Engenharia Industrial. As quatro primeiras tiveram origem a partir do Instituto Politécnico cuja data de fundação foi 1917, tendo sido absorvido em 1930 por uma instituição privada subsidiada pelo governo estadual (UFSC, 2014). Foi esse mesmo instituto que ofereceu os primeiros cursos superiores em Santa Catarina.

O curso de Direito, fundado em 1932, já apresentava o interesse em criar uma universidade em Santa Catarina, seguindo outras instituições que estavam sendo criadas no país como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Porto Alegre, atualmente a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (UFSC, 2014).

A UFSC recebeu o nome de ‘Universidade Federal’ pela Lei n. 4.759, de 20 de agosto de 1965. E com a reforma universitária de 1969 (Decreto n. 64.824, de 15 de julho de 1969) surgiram as unidades universitárias, centros e departamentos (UFSC, 2014).

Em 1961 é criado o Colégio de Aplicação e em 1980, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC, ambos atendem a educação infantil, ao ensino fundamental e médio. Além de atenderem demandas de estágios supervisionados e servirem de espaço para projetos de pesquisa e extensão para alunos de professores da UFSC e de outras instituições públicas (UFSC, 2014).

Em 1995 a UFSC inicia as suas atividades no ensino a distância, a partir da criação do Laboratório de Ensino a Distância (LED). Nesse processo houve a participação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) também (UFSC, 2014).

Por fim, em 2009, foram criados os *campi* fora de sede da UFSC de Araranguá, Curitiba e Joinville, e, em 2013 foi inaugurado o campus de Blumenau (UFSC, 2014).



Sua comunidade é composta por cerca de 70 mil pessoas entre servidores (docentes e técnicos-administrativos), estudantes de graduação e de pós-graduação, ensino médio, fundamental e básico e público externo. Compõem o grupo de servidores, cerca de 2.650 professores e 3.200 Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) (UFSC, 2020).

## 2.2 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E FÍSICA

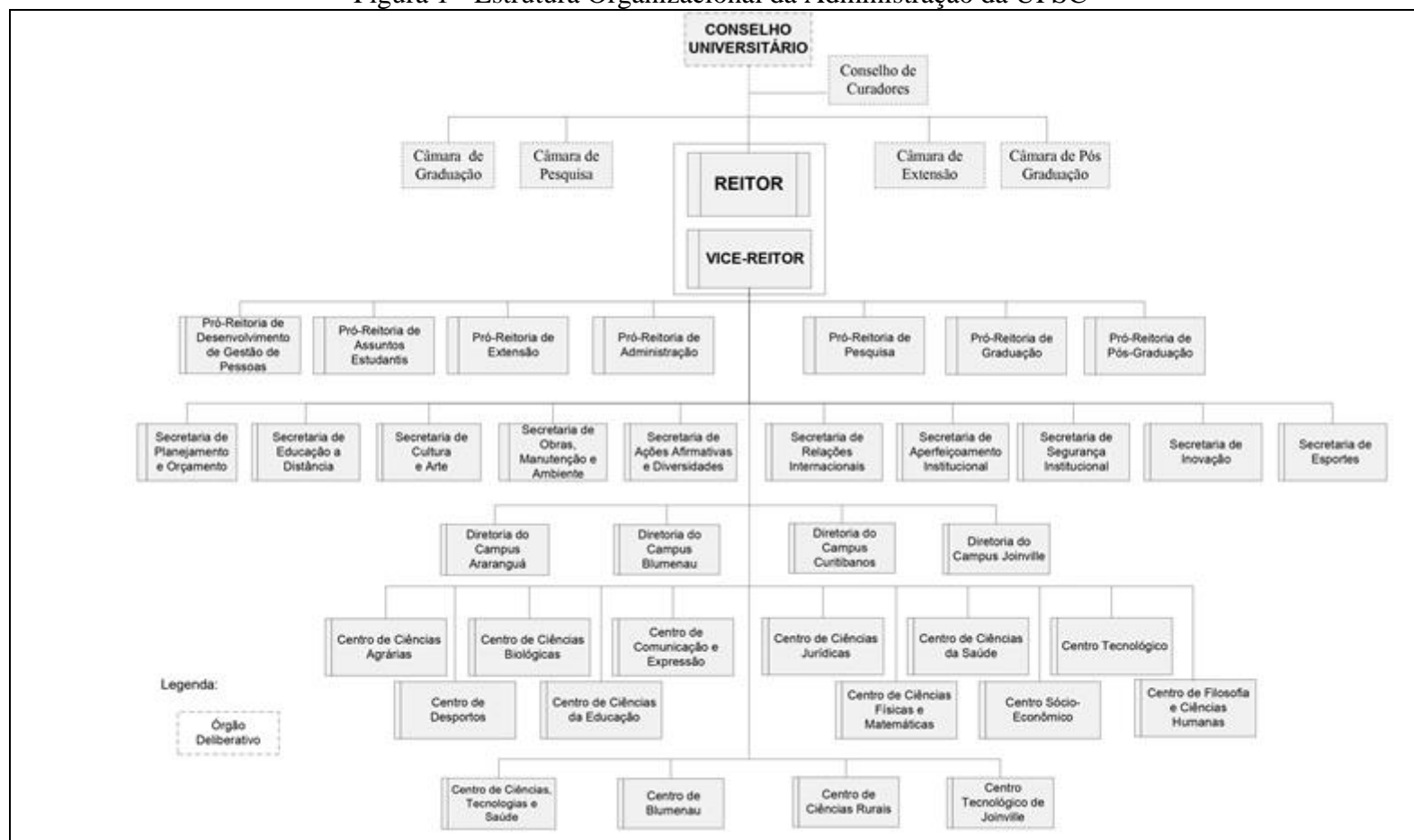
Em termos de estrutura organizacional, a UFSC é composta pela Reitoria, Pró-Reitorias, Secretarias, Centros de Ensino e Departamentos, Órgãos Deliberativos Centrais e Órgãos Suplementares (UFSC, 2020).

São Órgãos Deliberativos Centrais da instituição, por ordem hierárquica: o Conselho Universitário, o Conselho de Curadores, a Câmara de Graduação, a Câmara de Pós-Graduação, a Câmara de Pesquisa e a Câmara de Extensão (UFSC, 2020).

Aos Órgãos Suplementares estão compreendidos: a Biblioteca Universitária, o Biotério Central, a Editora Universitária, o Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago, o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral e o Restaurante Universitário (UFSC, 2020).

Na Figura 1 apresenta-se o organograma geral da UFSC.

Figura 1 - Estrutura Organizacional da Administração da UFSC



Fonte: UFSC (2020).

A UFSC apresenta como missão:

[...] produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade da vida (UFSC, 2020).

A UFSC (2020) tem como objetivo “[...] promover o ensino, a pesquisa e a extensão [...]”, e como visão: “ser uma universidade de excelência e inclusiva”.

Em termos de espaço físico, no quesito terrenos (m<sup>2</sup>), a UFSC se distribui da seguinte maneira: Campus Florianópolis, com 10.536.318,04m<sup>2</sup> — inclui o Campus Universitário Trindade, Mangue do Itacorubi, CCA-Itacorubi, Estação de Maricultura Professor Elpídio Beltrame, Fazenda Ressacada, Ferreira Lima, 82, Travessa Ratclif, 42, Unidade de Controle Ambiental Desterro (UCAD), Dom Joaquim, 757; Campus Araranguá, com 129.195,42m<sup>2</sup> — inclui a Área Sede, a Fazenda Experimental Agropecuária e a Fazenda Experimental Florestal; Campus Curitibanos, com 806.973m<sup>2</sup>; Campus Joinville, com 1.181.190,07m<sup>2</sup>; Outros.

Quanto às edificações, a UFSC se divide da seguinte maneira, de acordo com o Boletim de Dados (UFSC, 2018):

- a) setor acadêmico: Centro de Ciências Biológicas (CCB), Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Desportos (CDS), Centro de Desportos - Áreas Descobertas (CDS), Centro de Ciências da Educação (CED), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM), Centro Socioeconômico (CSE), Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), Centro Tecnológico (CTC), Colégio de Aplicação (CA), Centro de Biologia Molecular Estrutural (CEBIME), Bloco Universitário I - Salas de aula (BL UNIV I), Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) — com 258.038,70m<sup>2</sup> construídos e 22.735,82 em construção, totalizando 280.774,52m<sup>2</sup> em edificações;
- b) setor administrativo: Escritório Técnico da UFSC (ETUSC), Departamento de Administração Escolar (DAE), Departamento de Administração Geral (DAG), Editora Universitária (EDI), Imprensa Universitária (IU), Projeto Larus (PLA), Prefeitura Universitária (PU), Reitoria (REI), Subestações (SBG) — totalizando 19.205,83m<sup>2</sup> construídos;
- c) setor de apoio acadêmico: Biblioteca Universitária (BU), Biotério Central (BIC), Departamento Artístico Cultural (DAC), Departamento de Apoio à Extensão (DEX), Hospital Universitário (HU), Hospital Universitário - Áreas Descobertas

- (HU), Museu Universitário (MU) — totalizando 57.787,32m<sup>2</sup> construídos;
- d) setor social: Centro de Convivência Social (CVU), Escoteiros (ESC), Moradia Estudantil (MOR), Restaurante Universitário (RU), Centro de Cultura (CCU), Templo Ecumênico (ECU) — totalizando 23.180,26m<sup>2</sup> construídos;
- e) setor das fundações: FEESC (FND), FEPESE (FND), FAPEU (FND), CERTI (FND) — totalizando 8.153,85m<sup>2</sup> construídos;
- f) setor das associações e sindicatos: Associação dos Professores Sindicato Nacional (APUFSC), Associação dos Volantes (AVU), Associação dos Volantes - Áreas Descobertas (AVU), Grêmio dos Servidores do HU (HU), Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (SINTUFSC), Sindicato dos Trabalhadores da UFSC - Áreas Descobertas (SINTUFSC) — totalizando 5.929,86m<sup>2</sup> construídos;
- g) setor de serviços externos: Banco do Brasil (BB), Jardim de Infância, Guarita Carvoeira, Lanchonete HU, Torre da Telesc, Fórum, Caixa Econômica Federal, Farmácia, Bancas de Revistas — totalizando 5.025,36m<sup>2</sup> construídos;
- h) urbanização: ciclovia — totalizando 1.846,96m<sup>2</sup> construídos;
- i) outras unidades do campus Florianópolis: Campus Sul da Ilha, Centro de Ciências Agrárias (CCA) - Itacorubi, Unidade Barra da Lagoa, Unidade Lagoa do Peri, Unidade Ferreira Lima, 26, Unidade Travessa Ratclif, 41, Unidade Dom Joaquim, 757 — totalizando 33.447,96m<sup>2</sup> construídos;
- j) Campus Araranguá: Unidade Mato Alto e Unidade Jardim das Avenidas (locação) — com 6.990,56m<sup>2</sup> construídos e 6.400m<sup>2</sup> em construção, totalizando 13.390,56m<sup>2</sup> em edificações;
- k) Campus Blumenau: Unidade Blumenau (locação) e Unidade Blumenau (cooperação) — com 3.343,21 de área construída;
- l) Campus Curitibanos: Campus Sede, Fazenda Agropecuária e Fundação Universidade do Contestado (locação) — com 6.334,34m<sup>2</sup> construídos e 9.269,16 em construção, totalizando 15.603,50m<sup>2</sup>;
- m) Campus Joinville: Unidade Joinville e Unidade Joinville (locação) — com 15.088,04m<sup>2</sup> em construção e 10.455,28 de área construída, totalizando 25.543,32m<sup>2</sup>;
- n) outras unidades da UFSC: Unidade Barra do Sul e Unidade Bom Jardim da Serra — com 530,93m<sup>2</sup>.

As alíneas da ‘a’ a ‘i’ se referem aos setores presentes no Campus Florianópolis, que soma 435.351,96m<sup>2</sup> em edificações, sendo 412.616,14m<sup>2</sup> construídos e 22.735,82m<sup>2</sup>.

### 2.3 OS CAMPI

Com o REUNI, a UFSC foi uma das instituições federais que o integrou. E com vistas a atender ao estado de Santa Catarina de maneira abrangente, a UFSC se expandiu e se interiorizou. Portanto, além do campus central já consolidado na cidade de Florianópolis, a UFSC criou outros quatro *campi* fora de sede, sendo eles em: Araranguá, Blumenau, Joinville e Curitibanos. Dando origem a uma estrutura ‘multicampi’.

Os *campi* de Araranguá, Curitibanos e Joinville iniciaram as suas atividades no ano de 2009, e o campus de Blumenau passou a funcionar em 2014. Atualmente os quatro *campi* fora de sede disponibilizam cursos de graduação, pós-graduação, além de iniciativas voltadas a projetos de extensão.

O campus Araranguá iniciou as suas atividades com o oferecimento dos cursos de graduação. Desse modo, em 2009, o primeiro curso oferecido para a comunidade foi o de Tecnologia da Informação e Comunicação; seguido de Engenharia de Energia, em 2010; Engenharia da Computação e Fisioterapia, em 2011; e Medicina, em 2018. Em 2014, o campus passou a ofertar os cursos de pós-graduação com o Mestrado em Tecnologia da Informação e Comunicação; seguido pelo Mestrado Profissional em Ensino de Física, Mestrado em Energia e Sustentabilidade e Mestrado em Ciências da Reabilitação (UFSC, 2020a).

Logo que iniciou o seu funcionamento, em 2009, o campus de Curitibanos, oferecia o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Rurais. A partir de 2013, o curso foi desmembrado e deu-se início a duas vertentes, o curso de Agronomia e o curso de Engenharia Florestal. Em 2012 foram iniciadas as aulas do curso de Medicina Veterinária. Posteriormente, teve início o Mestrado em Ecossistemas Agrícolas e Naturais (UFSC, 2020c).

Na cidade de Joinville, os cursos disponibilizados pela UFSC são, na graduação: Bacharelado em Ciência e Tecnologia, Engenharia Aeroespacial, Engenharia Automotiva, Engenharia Civil de Infraestrutura, Engenharia de Transportes e Logística, Engenharia Ferroviária e Metroviária, Engenharia Mecatrônica e Engenharia Naval. Os cursos de pós-graduação correspondem ao Mestrado em Engenharia e Ciências Mecânicas e ao Mestrado em Engenharia de Sistemas Eletrônicos (UFSC, 2020d).

No campus Blumenau são oferecidos os cursos de graduação: Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Materiais, Engenharia Têxtil, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Química e Bacharelado em Química. São cursos de pós-graduação do campus: Mestrado em Nanociência, Processos e Materiais Avançados, Mestrado em

Engenharia Têxtil, Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física e Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (UFSC, 2020b).

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção é apresentado o embasamento teórico que dá suporte à metodologia e às análises deste estudo.

#### 3.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO: CONCEITOS

Nesta subseção são trabalhados conceitos que repercutem desde a institucionalização das universidades até a institucionalização da ciência.

A institucionalização está associada à construção do homem enquanto ser humano, sendo um processo de implantar uma convenção ou norma na sociedade, isso acontece quando os hábitos se tornam normais ou realidade. A institucionalização decorre do hábito humano e, portanto, da tipificação recíproca das ações habituais pelos atores envolvidos. (BERGER; LUCKMANN, 2014)

Nesse sentido, Tolbert e Zucker (1999) enfatizam que a institucionalização diz respeito aos comportamentos adotados pelos atores ou grupo de atores envolvidos em tal processo. Os atores podem ser “[...] socializados ou se adaptar conscientemente às instituições, mas os atores também podem desviar ou reinterpretar instituições de maneira que mudem essas instituições”. (JACKSON, 2010, p. 9, tradução nossa).

Para Machado-da-Silva *et al.* (2001), a institucionalização se caracteriza como um processo que respeita normas aceitas pela sociedade e pela absorção de um sistema de conhecimento proveniente da interação social, de modo a refletir a realidade de atores sociais, ditando seus comportamentos.

A institucionalização expressa uma natureza funcionalista, condensada no que Selznick (1996, p. 235) conceitua como institucionalização localizada (*thick institutionalization*) ao observar que os “sistemas formais agem somente por meio de pessoas. Uma realidade social deve ser criada, e esta realidade, que tem dinâmica e imperativos próprios, empresta textura para a organização”.

A institucionalização é o que proporciona a consolidação em um contexto social, e quando relacionado com a ciência, seu reconhecimento. A institucionalização se faz com as instituições (VALE, 2012).

Para Giddens (2003), as instituições são meios reguladores e normativos das ações humanas e por apresentarem poder normativo e coercitivo têm papel importante frente à sociedade e à democracia. Para Meyer, Boli e Thomas (1994, p. 10), as instituições são as

“[...] regras culturais que, fornecendo significado coletivo e valor a entidades e atividades particulares, integram-nas a sistemas mais amplos.” Machado-da-Silva *et al.* (2001) defendem que o conceito de instituição se refere à “[...] ideia de resultante, isto é, de estado [...]”, e o de institucionalização remete “[...] ao processo e aos mecanismos que resultam nessas regras culturais”.

Vale (2012) menciona que as instituições são compostas por normas, ações e recursos que, quando aplicadas de forma repetitiva, levam à produção e reprodução de práticas sociais. Holm (1995) afirma que as instituições são resultado da ação, portanto, são criadas para atender a um propósito e, da mesma forma, compõem as ações. Os padrões de normas e valores presentes em uma organização são denominados de ‘cultura organizacional’ (MOREIRA; MOREIRA; PALMEIRA, 2009).

De acordo com Silva, Junqueira e Cardoso (2016, p. 110), instituições “[...] operam em diferentes níveis de competência, a partir do sistema mundial de relações interpessoais”. Scott (2001) menciona que embora as instituições estejam sob certa constância, estão sujeitas também a sofrerem modificações.

Holm (1995) apresenta duas vertentes na institucionalização: na primeira, as estruturas são mais conservadoras, voltadas para o cumprimento de regras de conduta pelos atores sociais; no segundo, as organizações criam ou modificam antigas estruturas. Portanto, as práticas institucionais são importantes, pois levam a transformação das instituições.

Silva, Junqueira e Cardoso (2016, p. 110) frisam que a relação entre instituições e organizações é vista desde os anos 1970. Os autores trabalham com a Teoria Institucional, onde considera-se além dos “[...] recursos humanos, materiais e econômicos, os elementos culturais, tais como valores, símbolos, mitos, sistemas de crenças e programas profissionais”, no processo institucional.

Segundo Moreira, Moreira e Palmeira (2009), a Teoria Institucional leva em consideração que o grau em que as normas e os valores são institucionalizados depende do nível de especialização da organização e, portanto, depende da dinâmica interna da organização. Diante desse cenário, conforme os referidos autores, destaca-se o papel de quem exerce funções de poder tanto para garantir a prática da cultura organizacional quanto para assegurar que eles permaneçam condizentes com a comunidade à qual estão inseridas as organizações em que lideram.

Para Selznick (1972), a institucionalização consiste na movimentação que acontece em uma organização no decorrer do tempo, refletindo a sua história e sendo construída pelas pessoas que compõem tal organização e pela maneira como se relacionam com o ambiente.



Esta ideia começa a mudar com Meyer e Rowan (1977), e um novo conceito de institucionalismo (Neoinstitucionalismo), que considera que a institucionalização está relacionada a um processo social, passando a assumir pensamentos e ações sociais.

Barley e Tolbert (1997) destacam que as variações e as mudanças organizacionais são prioritárias na Teoria Institucional, ao invés da permanência, homogeneidade e conformidade. Tais mudanças acontecem porque os atores sociais são compostos pela cognição, pelos valores e por significados institucionais (ZILBER, 2002), possibilitando que esses atores interpretem o ambiente em que estão inseridos e as pressões internas e externas advindas de conhecimentos adquiridos anteriormente. Nesse cenário, destaca-se a importância da ação que só após ser interpretada como desejável, legítima e viável, conforme Vale (2012), é reproduzida pelos indivíduos, consolidada e institucionalizada.

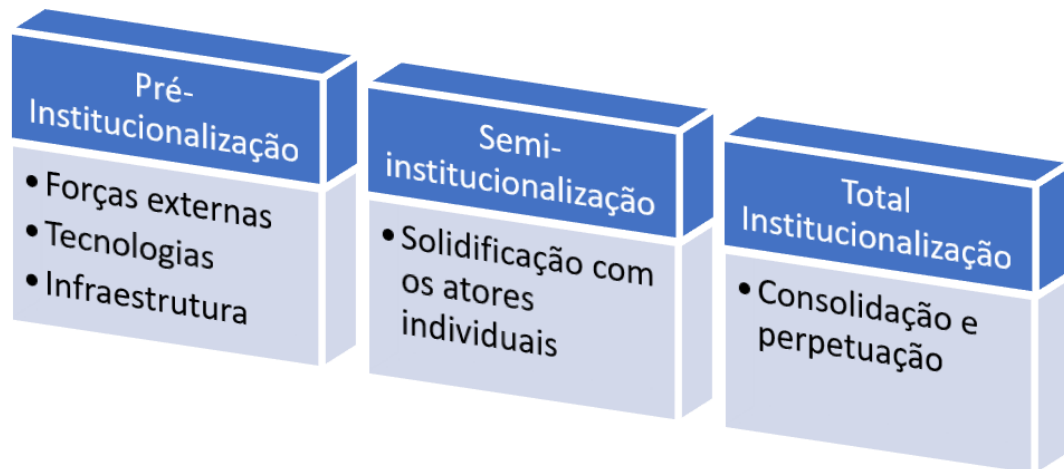
As normas, ações e comportamentos são reproduzidos de maneira consciente pelos indivíduos e de acordo com o conhecimento prévio que eles detêm. Assim como as instituições podem ditar padrões de comportamentos aos indivíduos e, estes por sua vez, podem modificar ou até mesmo eliminar instituições (BARLEY; TOLBERT, 1977).

No contexto desse estudo, as Instituições de Ensino Superior (IES) são compostas por atores sociais que, por meio de suas ações, contribuem para a construção da realidade social. Sendo assim, docentes e pesquisadores envolvidos nos processos de pesquisa científica e tecnológica são um bom exemplo dessa construção de realidade social, porém dependem de uma institucionalização funcional (estrutural) para que isso se concretize.

Nesta natureza funcional, normas e valores institucionalizados norteiam os atores e indicam o que pode ser considerado aceitável dentro das universidades. A manifestação das regras e procedimentos institucionalizados é uma das ações das organizações, segundo Moreira, Moreira e Palmeira (2009).

Em uma consolidação institucional plena, Tolbert e Zucker (2007) descrevem que para atingi-la, o processo de institucionalização passa por três estágios, sendo eles: pré-institucionalização, semi-institucionalização e total institucionalização. Segundo os autores, no primeiro estágio estão as forças externas à instituição, como tecnologias, legislação e forças de mercado, que podem contribuir para o processo de inovação das organizações. No segundo, está a consolidação das instituições formadas entre os atores individuais. E, por fim, a institucionalização total é quando as organizações conseguem se perpetuar entre as próximas gerações.

Figura 2 - As três etapas da institucionalização



Fonte: Adaptado de Tolbert e Zucker (2007).

Zucker (1999 apud PEREIRA, 2012) apresenta outras três etapas do processo de institucionalização: a objetificação, onde a ação desempenhada é generalizada; esta é obtida com a habitualização; e a sedimentação, que é a perpetuação da estrutura organizacional por um longo período de tempo.

Quando uma instituição atinge o último estágio proposto por Tolbert e Zucker (2007), a ‘total institucionalização’, pode-se deduzir que tal organização atingiu seu nível máximo, de modo que apresentam uma menor “[...] possibilidade da modificação do *script* dos atores sociais em determinado contexto por falta de aprovação dos observadores e da sociedade como um todo [...]” (VALE, 2012, p. 34).

No caso das universidades, a total institucionalização pode ser demonstrada pela consolidação de seus cursos de graduação e pós-graduação, a partir do reconhecimento dos pesquisadores na produção científica e na consolidação e reconhecimento dos seus pares. Uma forma de comprovar que essa consolidação ocorre é por meio das avaliações de órgãos como o Ministério da Educação (MEC), para a graduação, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para a pós-graduação. Logo, quando as universidades têm os seus cursos bem avaliados por ambos os órgãos, pode-se inferir que a sua consolidação ocorreu, ou, tem ocorrido.

Ao realizar uma analogia das referidas etapas com o presente estudo, pode-se deduzir que a pré-institucionalização está associada à presença da legislação que regula o funcionamento das instituições de ensino superior (especialmente as públicas e federais). O segundo estágio, quando reportado às instituições de ensino superior, pode ser traduzido como a estrutura física e humana dessas entidades. E o último estágio, a institucionalização em si,

para as universidades federais pode significar a consolidação da pesquisa e da ciência.

Considera-se a etapa de total institucionalização nas universidades uma das mais importantes e pertinentes para este trabalho, pois quando tais instituições atingem esse nível, significa que os seus processos estão bem definidos, seu papel social já está estabelecido, e que demonstra conhecimento e reconhecimento no meio acadêmico/científico.

Meyer e Rowan (1977, p. 341, tradução nossa) defendem que “Pesquisa e desenvolvimento é uma categoria institucionalizada da atividade organizacional que tem significado e valor em muitos setores da sociedade”. Nesse sentido, cabe destacar as universidades e os espaços provenientes de sua existência.

A visibilidade e a legitimação do conhecimento pela sociedade exigem a discussão das relações existentes entre a ciência e a prática social, por isso faz-se necessário os espaços de socialização do conhecimento (FUJINO; PEREIRA; MARICATO, 2012). Nesse contexto, Bazi e Silveira (2007, p. 132) destacam os “componentes sociais”, ou “estruturas formais”, que correspondem aos cursos de graduação e pós-graduação; às entidades profissionais e/ou acadêmicas; às agências de fomento; aos periódicos científicos especializados; aos eventos profissionais e científicos; aos colégios invisíveis e à frente de pesquisa. Portanto, nesses espaços, agrega-se a institucionalização no âmbito organizacional com a institucionalização científica.

Considerando que as universidades estão inseridas no contexto científico cabe destacar que o corpo de conhecimento que compõe uma ciência é fundamental para a sua constituição como tal. A ciência é formada pelo conjunto de ideias, composta por procedimentos teóricos-metodológicos a fim de abordar seus problemas com base nos seus objetivos teóricos e da pesquisa (FUJINO; PEREIRA; MARICATO, 2012).

Ao analisar a institucionalização no contexto do universo científico, Whitley (1975) defende que as técnicas empregadas na pesquisa também podem ser institucionalizadas, quando formalizadas como um conjunto de regras e procedimentos. Nesse contexto, “institucionalizar”, em linhas gerais, significa tornar-se uma instituição ou adquirir caráter institucional. Bazi e Silveira (2007, p. 133) traduzem o termo ‘institucionalizar’ em “oficializar-se” e “estabelecer-se”.

A **institucionalização científica**, segundo Whitley (1975), tem duas esferas: a social e a cognitiva. Na esfera cognitiva estão alocados os conceitos, as teorias, os problemas, os métodos, as leis e as técnicas próprias de uma ciência. Enquanto a esfera social está relacionada à criação de instituições formais que representam a ciência, que correspondem a livros, revistas, sociedades científicas, cursos de graduação e pós-graduação, grupos de

pesquisa e eventos. Há que se ter em mente que ambas as esferas interagem dinamicamente. A epistemologia, as pesquisas e os métodos interferem no funcionamento das instituições formais e estas, por sua vez, impactam o desenvolvimento cognitivo da ciência.

Ainda segundo Whitley (1975), as áreas são fortemente institucionalizadas quando o grupo de cientistas que a elas pertencem comungam das mesmas ideias, métodos e objetivos. Na esfera cognitiva da institucionalização há duas questões a considerar: “[...] primeiro, o grau de consenso e clareza para a formulação de problemas de pesquisa considerados relevantes, definição e aceitação de soluções, assim como técnicas apropriadas e instrumentação; segundo, o que define a atividade de um cientista em termos de consenso [...]” (ARBOIT; BUFREM; MOREIRO-GONZÁLEZ, 2011).

Em áreas consideradas altamente institucionalizadas é possível identificar a maneira com que os estudos são realizados, justamente porque a institucionalização permite modelar as técnicas e métodos que devem ser adotados para estudos de determinada natureza. Enquanto em áreas pouco institucionalizadas há “[...] um baixo grau de ordem intelectual [...]” (ARBOIT; BUFREM; MOREIRO-GONZÁLEZ, 2011, p. 80).

Para Bazi e Silveira (2007, p. 130), a institucionalização diz respeito ao quão consolidadas são as atividades e as operações científicas para uma dita “ciência”, de modo que outras ‘ciências’ reconheçam esta condição e a “[...] convidam para incorporar ao conjunto das ciências”.

Bazi e Silveira (2007, p. 129) defendem que a ciência para ser tratada como tal necessita seguir um conjunto de elementos claros, definidos e organizados. Tais componentes são constituídos e delimitados a partir do compartilhamento das informações científicas. Conforme os autores, a ciência se caracteriza como “[...] um sistema de teorias, leis e métodos científicos que expliquem as realidades às que se dedicam, tendo objetos e objetivos claros que demonstrem sincronia com o fundo de conhecimento a que pertencem [...]”. E devem apresentar meios formais e informais de compartilhamento do conhecimento produzidos pelos seus atores, os pesquisadores. Todos esses elementos necessitam estar presentes para que a ciência se constitua e se institucionalize.

Arboit, Bufrem e Moreiro-González (2011, p. 76), corroboram a ideia de Bazi e Silveira (2007), ao afirmarem que “A consolidação de uma ciência ocorre simultaneamente à sua institucionalização”. Com isso, os autores argumentam que o estudo do conhecimento científico deve levar em consideração as instituições que servem de cenário para tais conhecimentos.

Alfonso-Goldfarb e Ferraz (2002, p. 4) descrevem que para que a institucionalização da ciência seja possível, é necessário o entrosamento de quatro elementos, denominados por eles de ‘fundamentais’: ensino, pesquisa, divulgação e aplicação do conhecimento. Ao pensar a ciência como um grande sistema que envolve todos esses elementos, se observa que a pesquisa alimenta os demais componentes da cadeia. Por exemplo, na medida em que as pesquisas avançam, novas teorias e práticas se agregam ao conhecimento que, por sua vez, são repassadas no processo de ensino; a comunicação, por meio da divulgação, se consolida e tais teorias e práticas novas podem ser disseminadas; a aplicação do conhecimento ganha novas proporções, ampliando-se por meio da inovação de técnicas, produtos e serviços (BAZI; SILVEIRA, 2007).

A estrutura social é importante para que haja o desenvolvimento da ciência em um país, fazendo com que pesquisadores se engajem e contribuam com a esfera cognitiva do campo científico que lhes pertencem. Nesse contexto, as instituições sociais são extremamente relevantes para o aumento da participação da comunidade científica na construção e consolidação da estrutura cognitiva (ARBOIT; BUFREM; MOREIRO-GONZÁLEZ, 2011).

Eliel (2008) destaca que no caso da criação de organizações acadêmicas e de pesquisa é importante a participação do Estado por meio de seus órgãos como o MEC e a CAPES, haja vista que são os responsáveis por estabelecer parâmetros para a criação e manutenção de instituições desse tipo, no Brasil.

Cabe a esses componentes sociais o papel de reforçar a visibilidade da ciência, uma vez que tal visibilidade está relacionada ao processo de comunicação das pesquisas. Comunicar conhecimento para que novos avanços sejam possíveis é uma importante função das instituições vinculadas ao universo científico. Portanto, a ciência precisa de “[...] espaços e avanços institucionais para operacionalizar tais atos comunicativos, os quais garantem a circulação, a preservação e o registro dos conhecimentos científicos gerados por uma comunidade científica [...]” (BAZI; SILVEIRA, 2007, p. 132).

Cabe aos cursos de graduação e pós-graduação, principalmente quando disponibilizados por instituições públicas de ensino superior, o estudo de conhecimentos previamente estabelecidos e a geração de novos saberes, reforçando, dessa maneira, a função da pesquisa científica em seus currículos. Embora os cursos de graduação tenham uma estrutura mais voltada para a prática profissional, na maioria das vezes, o primeiro contato com o universo científico ocorre na graduação. A pós-graduação, vem como uma segunda etapa no processo de consolidação do fazer científico. Barradas (2016, p. 77) destaca que a

pós-graduação é o “[...] nascedouro da pesquisa científica e do conhecimento de uma área [...]”. Tanto a graduação como a pós-graduação “[...] conferem títulos que indicam a maturidade científica construída pelo pesquisador no universo da pesquisa” (BAZI; SILVEIRA, 2007, p. 132).

As agências de fomento são independentes e exercem papel de grande relevância junto à ciência. Conforme Barradas (2016), tais instituições surgem após a Segunda Guerra Mundial, quando a sociedade detecta a necessidade de investir massivamente no desenvolvimento das pesquisas científicas. Para Bazi e Silveira (2007, p. 133) o objetivo principal dessas instituições é “[...] subsidiar o desenvolvimento científico e tecnológico de uma região, priorizando as atividades de pesquisa, a partir de subvenções financeiras, humanas e de infra-estrutura (*sic*) [...]”. Lopes e Oliveira (2018) defendem que o papel de tais agências vai além da questão financeira, cabe a elas a articulação e a elaboração de iniciativas, que vão além do financiamento. Os recursos destinados à pesquisa no Brasil provêm do Tesouro Nacional, agências de fomento nacionais e internacionais, fundos setoriais de pesquisa, empresas públicas ou privadas, e de receitas próprias (LOPES; OLIVEIRA, 2018, p. 1).

Conforme Lopes e Oliveira (2018) são as universidades e os institutos de pesquisa brasileiros que mais recebem recursos com vistas ao desenvolvimento da pesquisa no País, haja vista que, quase que a totalidade das pesquisas no Brasil são realizadas por essas instituições. Nas universidades, a pós-graduação *stricto sensu* é a maior responsável por esse tipo de atividade, reiteram os autores.

Ainda na esfera das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), o financiamento da pós-graduação brasileira ocorre majoritariamente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Portanto, o maior investidor brasileiro em pós-graduação é o Governo Federal (LOPES; OLIVEIRA, 2018).

Maltrás-Barba (2003) defende que as publicações científicas contribuem para o controle institucionalizado do conhecimento, visto que elas se consolidam após superarem algumas etapas como críticas, aceitação e a confirmação da comunidade científica a que pertencem.

Dentre esses estudos, destacam-se pelo uso dos estudos métricos da informação e, por consequência, no acompanhamento das publicações científicas, o trabalho de Arboit, Bufrem e Moreira-González (2011), que analisaram a institucionalização pela comunicação científica, e o desenvolvimento da área de Ciência da Informação. Kobashi e Santos (2006) abordam, em

seu trabalho, a cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. Fujino, Pereira e Maricato (2013) demonstram, a partir dos estudos métricos da informação, como ocorre a institucionalização por meio da pesquisa sobre patentes na Ciência da Informação.

Nesse sentido, este trabalho, como mencionado anteriormente, pretende verificar o contexto da institucionalização da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a partir dos incentivos do REUNI, enfatizando tal processo nos seus *campi* fora de sede, de modo que se consiga concluir se a integração dos “novos” *campi* fora de sede à UFSC ocorreu ou tem ocorrido. E, ao fazer uso dos Estudos Métricos da Informação (EMI), espera-se pontuar se a produtividade dos docentes lotados nas referidas unidades tem contribuído, ou não, para o crescimento e fortalecimento dos *campi* e, conseqüentemente, da UFSC como um todo.

### 3.2 CAMPUS FORA DE SEDE E MULTICAMPIS

Considerando-se a linha tênue que define “*campi* fora de sede” e “estrutura multicampi”, nesta seção objetivou-se tratar de ambos os termos a fim de confrontá-los, de modo a identificá-los, individualmente.

Entende-se *campi* fora de sede como locais secundários “[...] de funcionamento da instituição, fora do município onde se localiza a sede da instituição, observada a legislação, onde se oferecem cursos e realizam atividades administrativas. É restrito às universidades e aos centros universitários e depende de credenciamento específico” (BRASIL, 2017a). E, de acordo com a Portaria Normativa n. 40, de 12 de dezembro de 2017, via de regra, não detém autonomia perante o campus sede.

O parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CES 282/2002 corrobora tal conceito quando afirma que “O conceito de sede é o da legislação civil, que nas pessoas jurídicas de Direito Privado corresponde ao município em que foram registrados seus atos constitutivos”. (BRASIL, 2002, p. 5).

Com a intensificação dos *campi* fora de sede das universidades federais brasileiras, ocorrida nos últimos anos devido às políticas públicas que dizem respeito a expansão universitária desenvolvidas em solo brasileiro, em 2017 no Decreto n. 9.235, de 15 de dezembro de 2017, que dispõe sobre a regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e pós-graduação no sistema federal de ensino, a seção VI se destina exclusivamente a explorar as questões pertinentes aos *campi* fora de sede. São questões pertinentes, abordadas pelo referido documento:

- a) O pedido de credenciamento de campus fora de sede pode ser feito somente para municípios integrantes do mesmo estado da Instituição de Ensino Superior (IES);
- b) As instituições que desejarem abrir unidades fora de sede, precisarão apresentar Conceito Institucional maior ou superior a quatro, com base na última avaliação realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira;
- c) O pedido de credenciamento do campus fora de sede é executado como aditamento ao ato de credenciamento;
- d) O documento estipula que a abertura de cursos de graduação em campus fora de sede fica restrito ao máximo de cinco cursos, quando no ato de autorização;
- e) Cabe à Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação abrir processo simplificado para credenciar campus fora de sede e para estender a autonomia, processar a autorização de funcionamento de cursos e aumentar o número de vagas a serem ofertadas fora de sede (BRASIL, 2017b).

O termo “multicampi”, conforme Sousa (2015), tem sido utilizado no meio acadêmico para referenciar universidades que apresentam mais de um campus distante geograficamente de sede. O uso da expressão “universidade multicampi” pode representar realidades diversas. Nesse sentido, Bampi e Diel (2013) consideram que para serem considerados como tal, além da distância existente entre vários *campi* de uma mesma universidade, é necessário que esses *campi* ofereçam diversos cursos e apresentem uma certa integração, sejam movidos pela administração descentralizada, tenham “[...] uma práxis característica e uma organização orientada para maximizar os resultados possíveis desse modelo.” (BAMPI; DIEI, 2013, p. 2). Abreu Júnior (2018) chama a atenção de que esse formato se mostra singular, complexo e bastante diferente do modelo tradicional de universidade ao qual a sociedade está acostumada.

Sousa (2015) esclarece que a administração das unidades fora de sede é impactada pelo fato de essas unidades estarem geograficamente distantes da sede. Desse modo, a autora destaca que a maneira como as unidades nesse formato funciona difere do formato que uma unidade tradicional opera.

Por outro lado, Pimenta (2007) defende que o fato de haver essa multiplicação da universidade é possível uma maior interação com comunidades externas e contextos distintos e que, por isso, consegue atender um número maior de pessoas, muito embora o trabalho com comunidades externas e contextos diversos ocorra em universidades ditas ‘tradicional’. Todavia, o nível de abrangência no modelo multicampi consegue ser maior. Nesse viés, é importante que as instituições articulem fatores externos aos internos, conforme Pimenta



(2007). Isso vale também para o modelo de “*campi* fora de sede”.

Autores como Pimenta (2007) e Abreu Júnior (2017) expõem que essa modalidade de universidade multicampi ocorre também em outros países e não apenas aqui no Brasil, como por exemplo, na Universidade do Quebec, no Canadá; na Universidade de Nova York, nos estados Unidos; na Universidade de Salamanca, na Espanha; na Universidade de Bologna, na Itália.

Ao realizar um levantamento na legislação brasileira, no campo da educação, a fim de identificar de que maneira tem sido realizada a abordagem dos termos “*campi* fora de sede” e “multicampi”, identificou-se o seguinte:

Quadro 1 - Pesquisa dos termos “*campi* fora de sede” e “multicampi” na legislação brasileira

Lei/Decreto	Termo “ <i>campi</i> fora de sede” e “multicampi”	Nota
Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.	Não contempla nenhum dos dois termos.	Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
Decreto Federal n. 3.860, de 9 de julho de 2001.	Contempla “ <i>campi</i> fora de sede” e não contempla “multicampi”.	Revogado pelo Decreto n. 5.773, de 2006.
Decreto Federal n. 5.773, de 9 de maio de 2006.	Contempla o termo “ <i>campi</i> fora de sede”, não contempla “multicampi”	Revogado pelo Decreto n. 9235, de 2017.
Decreto Federal n. 5.786, de 24 de maio de 2006.	Não contempla nenhum dos dois termos.	Revogado.
Decreto Federal n. 6.303, de 12 de dezembro de 2007	Não contempla nenhum dos dois termos.	Revogado.
Lei Federal n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008.	Contempla “multicampi”.	Lei sobre os Institutos Federais (IFs).
Decreto n. 8.142, de 21 de novembro de 2013	Não contempla nenhum dos dois termos.	Revogado.
Decreto Federal n. 8.754, de 10 de maio de 2016.	Não contempla nenhum dos dois termos.	Revogado.
Decreto Federal n. 9.235, de 15 de dezembro de 2017.	Contempla o termo “ <i>campi</i> fora de sede”, não contempla “multicampi”.	Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para esse levantamento foram considerados também os decretos revogados, a fim de identificar a partir de que momento se iniciou o uso de ambos os termos na legislação. É possível verificar que o termo “multicampi” aparece somente na Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, e é uma lei que trata dos Institutos Federais.

Cabe ressaltar que diante da análise realizada, para este estudo, tanto na legislação quanto em trabalhos provenientes da academia, considerou-se que o termo “*campi* fora de sede” é mais abordado pela legislação enquanto o termo “multicampi” é tratado mais intensamente pela academia. Outra questão observada é que “*campi* fora de sede” está fortemente relacionado ao campus instalado em um município diferente de onde encontra-se o campus sede, porém, dentro do mesmo estado da federação. Enquanto o conceito de “multicampi” é mais amplo, pois compreende as questões de estrutura, podendo ser na mesma cidade e estado. Também, ao se pesquisar na literatura internacional, observou-se que o termo usualmente utilizado é o “multicampi”.

Contudo, considerando a forma como a UFSC se refere aos seus *campi* localizados em cidades distantes ao campus sede e, contrariando o que foi observado mais comumente na academia, neste trabalho adotou-se o termo “*campi* fora de sede” como referência às unidades da UFSC localizadas em Araranguá, Curitibanos, Joinville e Blumenau.

Outra nomenclatura que merece atenção é a que se refere às palavras ‘*campi*’, ‘câmpus’ e ‘campus’. Desde 2012 as duas primeiras (*campi* e câmpus) são utilizadas como sinônimos, pela Assessoria de Comunicação do Ministério da Educação (MEC) e têm origem na palavra do latim ‘*campi*’ que quer dizer “[...] um conjunto universitário que agrupa unidades de ensino e residência”. E a partir de um estudo feito pela Universidade de Brasília (UnB), constatou-se que seu uso poderia ser aportuguesado para “câmpus”, com acento circunflexo no ‘a’. Enquanto que ‘campus’ corresponde ao termo no singular (UFMA, 2013).

Com base nisso, para este trabalho foi adotada a palavra “*campi*” como plural de campus. ‘*Campi*’ será utilizado em itálico, por se tratar de um termo vindo do latim e ‘campus’ será empregado sem recursos de destaque.

### 3.3 PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA NAS UNIVERSIDADES

As melhores instituições científicas são as que geram e aplicam o conhecimento, de modo a atrair melhores recursos, tanto financeiros quanto humanos. Sabe-se que as universidades são palco para a produção de conhecimento científico e tecnológico, principalmente às localizadas na América do Sul, caracterizando-se como um fenômeno

recente, conforme o autor. Enquanto em países com a economia desenvolvida, as pesquisas e o desenvolvimento tecnológico costumam ocorrer em empresas privadas e instituições de pesquisa governamentais, civis e militares (SCHWARTZMANN, 2008).

Troster (2015) ressalta que a ciência produz sistemas teóricos para explicar o mundo e a forma como ele funciona. O autor destaca que a casualidade é componente da ciência e que ela pode ser entendida como “[...] a possibilidade de descrever um sistema através de uma cadeia de causas e efeitos na qual, caso algum dos elos seja alterado, o resto do sistema também será.” (TROSTER, 2015, p. 12). Demo (2012) afirma que a ciência sempre é controversa enquanto prática “[...] porque, então, não se trata de teorema e lógica, e sim de como a ciência impacta a sociedade e a comunidade científica”.

No âmbito da tecnologia, Pinto (2005) destaca quatro sentidos mais usuais para o conceito de ‘tecnologia’. São eles: o primeiro, e mais geral, no sentido etimológico, ou seja, tecnologia enquanto tratado da técnica, englobando “a teoria, a ciência, a discussão da técnica, abrangidas nesta última acepção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa” (PINTO, 2005, p. 2219); o segundo, pautado no senso comum, como sinônimo de técnica ou *know-how*; o terceiro, se refere às forças produtivas de uma determinada sociedade, podendo ser entendido como o conjunto de técnicas que uma sociedade detém; e o quarto, tecnologia como ‘ideologia da técnica’.

No estudo feito por Freitas Júnior *et al.* (2014), os autores definem pesquisa científica e tecnológica, expondo suas características, por meio de variáveis. Conforme Cupani (2006), a ciência se constitui de teorias de amplo alcance, necessitando, inclusive, de adaptação para que a sua aplicação seja possível; já as teorias aplicadas à tecnologia são limitadas, levando-se em consideração que o conhecimento tecnológico diz respeito a uma tarefa específica.

Motta e Pereira (2019, p. 796) enfatizam que a produção científica resulta de pesquisa básica “[...] chamada de pesquisa pura ou fundamental [...]”, que tem como produto, na maioria das vezes, artigos científicos publicados em periódicos especializados e indexados. Enquanto a produção tecnológica é resultante da pesquisa aplicada e experimental, “[...] que, diferentemente da pesquisa básica, visa não apenas à geração do conhecimento, mas a sua aplicação prática, resultante em novas tecnologias”.

Conforme Freitas Júnior *et al.* (2014), na academia há diferentes tipos de comunidades que se segmentam conforme as características das suas áreas, devido ao foco de estudo, perfil dos especialistas e tipo de pesquisa que desenvolvem. Segundo os autores, observa-se, por exemplo, nas áreas de engenharia e informática o predomínio da pesquisa tecnológica; enquanto na pedagogia, na sociologia e na psicologia a pesquisa científica mostra-se

predominante (FREITAS JÚNIOR *et al.*, 2014).

Witter (1989) destaca que a produção científica está relacionada aos cursos de pós-graduação, tanto do ponto de vista científico quanto na formação de professores e pesquisadores. Para a autora, o produto da produção científica “[...] é relevante, inclusive como veículo para a mudança da dependência para a independência científica e tecnológica e, conseqüentemente, econômica e política” (WITTER, 1989, p. 29).

Na pesquisa científica os resultados estão associados a algo já existente, enquanto na pesquisa tecnológica eles consistem na criação de algo novo (CUPANI, 2006). Com relação às limitações, o autor menciona que a ciência é limitada pela teoria, e a tecnologia, por sua vez, é limitada pela tarefa. Outra questão que esboça a diferença entre pesquisa científica e pesquisa tecnológica, é que a segunda se utiliza de experimentação não científica, cuja finalidade é testar os artefatos criados, para verificar se eles se adaptam, ou não, às necessidades para as quais foram criados. As leis que governam as pesquisas científicas e tecnológicas também as diferenciam: a primeira está pautada nos fenômenos naturais e a segunda nos fenômenos artificiais (CUPANI, 2006).

No que se refere aos objetivos da ciência e da tecnologia, Freitas Júnior *et al.* (2014, p. 8) alertam que na primeira busca-se o “[...] avanço do conhecimento científico [...]” e na segunda a meta é mais ampla, de modo que as questões são mais específicas e, em muitos casos, são detectadas por meio da experimentação, sem que haja necessariamente base teórica.

No contexto das universidades, quando aliadas à pesquisa há um termo denominado de ‘tripla hélice’, que conforme Etzkowitz e Zhou (2017), é um modelo de inovação que integra a universidade com a indústria e o governo, a fim de promover o desenvolvimento, a partir da inovação e do empreendedorismo.

O empreendedorismo, a inovação e a propriedade intelectual são temas cada vez mais em voga nas universidades e que tal importância tem sido considerada por órgãos governamentais como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e uma agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Ainda, para os autores, essa importância é vista a partir da inserção da aba “Patentes e Registros” e “Inovação”, na plataforma do Currículo Lattes, mantida pelo CNPq. Diante desse contexto, as universidades têm se inserido no movimento para a implantação dos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs) (NUNES *et al.*, 2013).

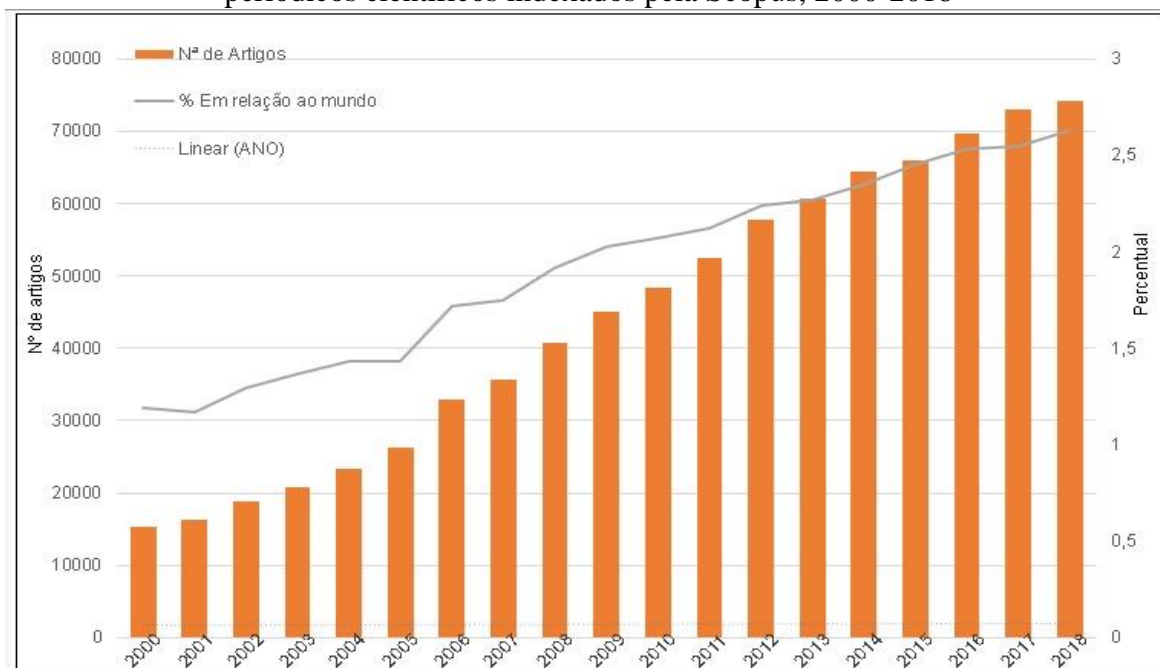
No campo da inovação, cabe tratar das patentes que, conforme Cativelli e Lucas (2016), são publicações capazes de proteger a descrição do conhecimento descoberto e a sua aplicação. É o tipo de publicação que dá exclusividade de uso ao “[...] objeto concebido [...]”

para o responsável titular da descoberta (CATIVELLI; LUCAS, 2016, p. 68). O destaque da autoria das patentes é prerrogativa dos inventores. As instituições depositantes podem ter um certo destaque, que não ocorre nas publicações científicas. Há, portanto, dois papéis de destaque nas patentes: o depositante ou requerente, também identificado como ‘titular’ ou proprietário da patente (pessoa física ou jurídica); e o segundo papel, conhecido como ‘inventor’, que é quem responde pela autoria da descoberta, “[...] sendo a pessoa física que encontrou a solução do problema por meio do ato criativo” (CATIVELLI; LUCAS, 2016, p. 68).

Estudos como ‘Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação’, do MCTI (2019) e o estudo realizado por Cross, Thomson e Sinclair (2017) para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), demonstram que o Brasil tem crescido tanto no número de publicações científicas quanto tecnológicas.

Do ponto de vista da produção científica, o MCTI (2019) realizou uma análise dos periódicos indexados na base de dados Scopus, no período de 2000 a 2018, e observou que no ano 2000 eram 15.259 artigos brasileiros indexados na Scopus, no ano de 2018 esse número saltou para 74.195, pulando de 1,19% no ano 2000, para 2,63% em 2018, na representação mundial, conforme exposto no Gráfico 1.

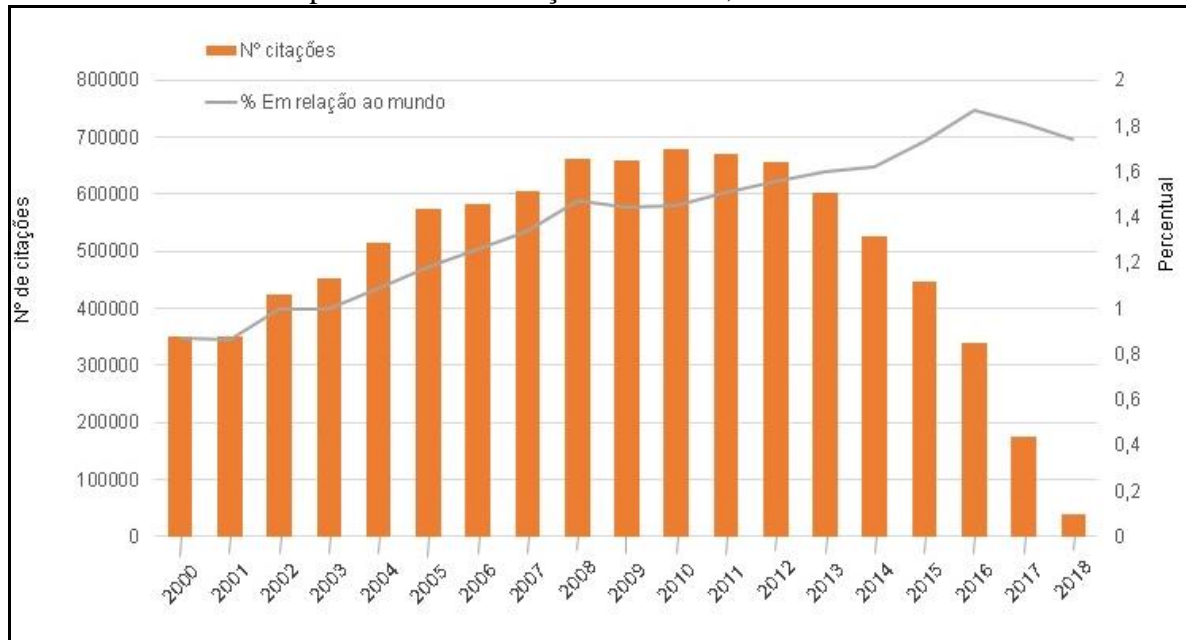
Gráfico 1 - Número de artigos brasileiros, da América Latina e do mundo publicados em periódicos científicos indexados pela Scopus, 2000-2018



Fonte: MCTI (2019).

Conseqüentemente, o mesmo documento menciona que houve um salto nas citações em relação a artigos brasileiros, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Citações de artigos brasileiros publicados em periódicos indexados pela Scopus e percentual em relação ao mundo, 2000-2018

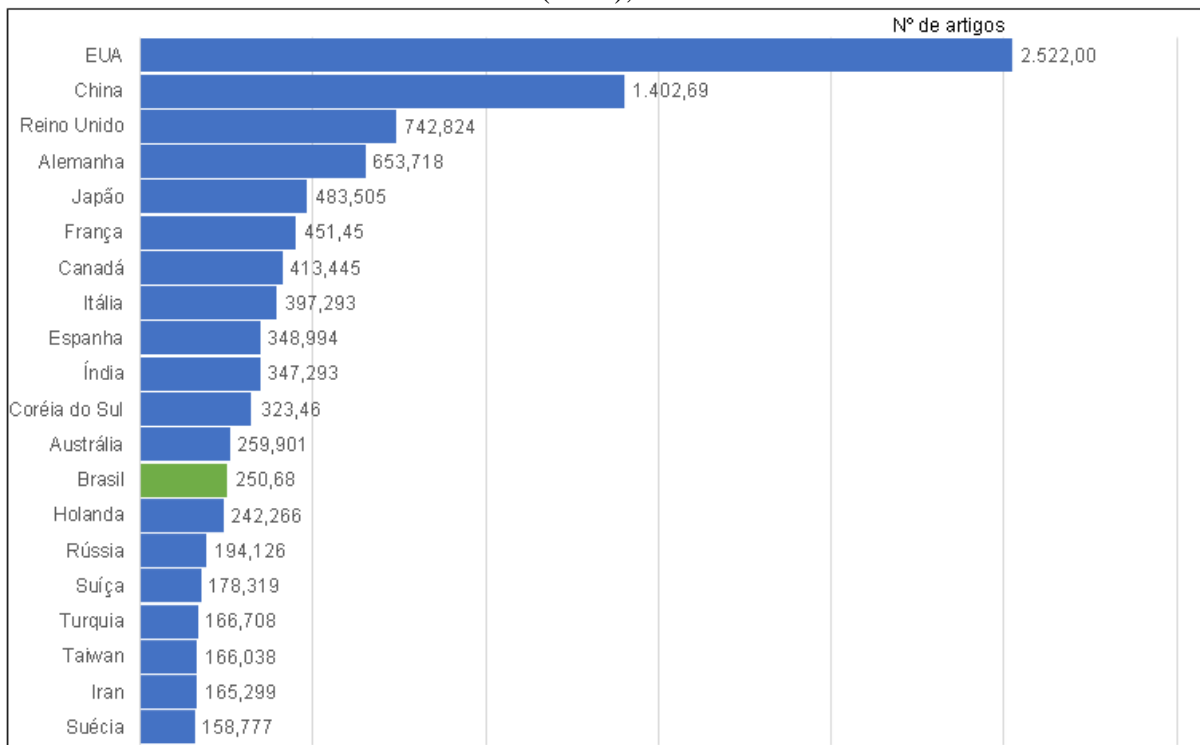


Fonte: MCTI (2019).

O Gráfico 2 apresenta uma ascensão do percentual de citações de artigos brasileiros, que inicia entre 2000-2001 e vai aumentando no decorrer dos anos, entre 2008 e 2012 há um pequeno recuo e, após isso, a linha de crescimento continua a subir até 2017, havendo recuo em 2018. Ainda assim, a representatividade da citação brasileira cresceu de 0,87% para 1,74%, quando comparado ao cenário mundial, entre o período verificado (MCTI, 2019).

Cross, Thomson e Sinclair (2017) realizaram seu levantamento na base de dados Web of Science, no período de 2011 a 2016 e identificaram que o Brasil se encontrava na posição de 13º lugar na referida base, quando o assunto se refere à publicação científica, conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Posição do Brasil, de acordo com o número de artigos científicos na Web of Science (WoS), 2011-2016

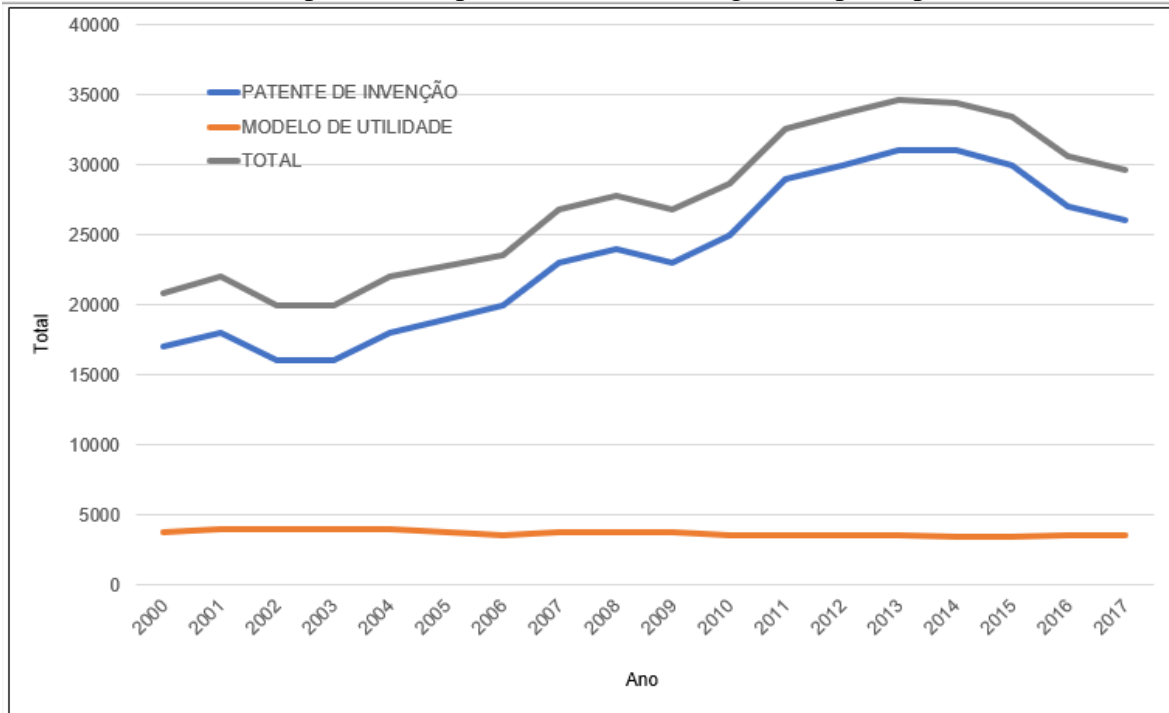


Fonte: Cross, Thomson e Sinclair (2017).

Com relação ao impacto da pesquisa brasileira, o estudo de Cross, Thomson e Sinclair (2017) verificou os artigos brasileiros indexados pela WoS e apontou que entre 2011 e 2016 o impacto da citação brasileira ficou abaixo da média mundial, mas que o impacto do Brasil tem aumentado, subindo de 0,73% na média da WoS, em 2011, para 0,86%, em 2016; tendo subido 18%, com projeção para chegar a 1,0% em 2021 se a taxa de crescimento se mantiver dessa forma.

Com relação à produção tecnológica, e visitando o cenário das patentes, é possível observar um aumento no número de depósitos realizados no Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI), conforme demonstrado no Gráfico 4 (MCTI, 2019).

Gráfico 4 - Número de patentes, depositados no INPI, segundo tipo de patentes, 2000-2017



Fonte: MCTI (2019).

Jorge *et al.* (2008) apresentam os “Indicadores de Propriedade Industrial 2018”, que têm como referência o intervalo de tempo de 2008 a 2017, e expõem dados relativos a indicadores de patentes, desenhos industriais, marcas, contratos de tecnologias, indicações geográficas, programas de computador e topografias de circuito integrado.

De acordo com os autores, na escala das dez principais instituições depositantes residentes de patentes de invenção no Brasil, no ano de 2017, em ordem crescente estão: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal do Ceará (UFC); CNH Industrial Brasil; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Pontifícia Universidade Católica - PR (PUC-PR); e, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Portanto, das instituições listadas, nove são universidades, das quais oito são universidades públicas (JORGE *et al.*, 2008).

O estudo de Jorge *et al.* (2008) demonstra também que as universidades são sete das nove principais instituições depositantes de *softwares*, no Brasil: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Fundação Universidade do ABC (UFABC); Universidade Federal de Sergipe (UFS); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);



Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Fundação Universidade de Brasília (FUB); e Universidade de São Paulo (USP).

Todavia, Mota e Pereira (2019) enfatizam que o País não explora todo o seu potencial tecnológico e que, por isso, a publicação científica ainda é priorizada por muitos pesquisadores, quando comparado a países como a China, por exemplo (GAO *et al.*, 2014).

### 3.4 COLABORAÇÃO CIENTÍFICA E VISIBILIDADE CIENTÍFICA

Dagnino (2015) destaca a importância do conceito de comunidade de pesquisa que, de acordo com o autor, são os profissionais que trabalham com ensino e pesquisa em universidades e os que atuam em agências de fomento e planejamento da Ciência e Tecnologia (C&T).

Odelius e Sena (2009) mencionam que o trabalho em equipe reflete positivamente tanto na quantidade quanto na qualidade da produção proveniente de entidades que desenvolvem pesquisa. Acedo *et al.* (2006) destacam a participação em grupos de pesquisa como uma forma de colaboração chamada de ‘formal’ por eles. Nesse sentido, os grupos de pesquisa são importantes dentro das comunidades científicas. Eles funcionam como agentes no processo de comunicação formal, uma vez que, muitas pesquisas ocorrem nesses grupos e findam por serem publicadas em canais formais de comunicação, tais como anais de eventos, periódicos científicos, entre outros. Chalhub e Guerra (2011, p. 186) reiteram que o conhecimento advindo dos grupos de pesquisa tem base em “[...] incansáveis observações empíricas [...]” e um trabalho árduo de pesquisa, que só é efetivado com a publicação científica.

De acordo com Acedo *et al.* (2006) há estudos que podem ser desenvolvidos com relação aos grupos de pesquisa, que se traduziriam em explicar as razões pelas quais os pesquisadores contribuem entre si, os reflexos de tal colaboração nos artigos publicados, o papel dos grupos de pesquisa e de seus integrantes perante as publicações.

Conforme o CNPq ([2020]) entende-se grupo de pesquisa como

[...] um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente: cujo organizador são a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; em que há envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa; no qual o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos”. Cada grupo deve, portanto, organizar-se em torno de uma liderança (eventualmente duas) e estar “abrigado” em uma instituição previamente autorizada pelo CNPq.

Dentre as competências dos grupos de pesquisa, Odellius e Sena (2009) apontam os processos de aprendizado decorrentes da interação entre seus integrantes e do acesso ao conhecimento acumulado e a formação de redes sociais. Os autores frisam que os grupos de pesquisa estimulam o trabalho cooperativo, o ‘saber trabalhar em equipe’, de modo que os integrantes precisam desenvolver competências que permitam que esse trabalho em conjunto ocorra.

No Brasil, o CNPq mantém um sistema denominado Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP), que se constitui como um “[...] inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no país” (CNPq, [2020]). O Diretório contempla informações sobre os recursos humanos que compõem os grupos de pesquisa, bem como as linhas de pesquisa em andamento, as áreas do conhecimento, os setores de aplicação, a produção científica, tecnológica e artística envolvida e “[...] as parcerias estabelecidas entre os grupos e as instituições, sobretudo com as empresas do setor produtivo. Com isso, é capaz de descrever os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil” (CNPq, [2020]). Os grupos de pesquisa presentes no diretório são provenientes de universidades, instituições isoladas de ensino superior com cursos de pós-graduação *stricto sensu*, institutos de pesquisa científica e institutos tecnológicos.

Dentro da temática dos grupos de pesquisa, vem à tona os estudos sobre coautoria que, Acedo *et al.* (2006) adotam duas abordagens diferentes: a primeira, que busca analisar os motivos pelos quais os autores colaboram entre si e as consequências de tal decisão; e a segunda baseada na ideia de redes sociais entre pesquisadores.

A interação entre os cientistas é importante para a ciência; a colaboração científica consiste no trabalho conjunto de dois ou mais pesquisadores que compartilham recursos intelectuais e materiais (VANZ; STUMPF, 2010).

Laband e Tollison (2000) colocam a coautoria como parte da colaboração intelectual na ciência. De acordo com Vanz e Stumpf (2000, p. 45), muitas vezes, na literatura, a coautoria é vista como sinônimo da colaboração, o que é um equívoco, “[...] pois ela não mede a colaboração na sua totalidade e complexidade”. Acedo *et al.* (2006) alegam que a coautoria tem tendência a crescer em quase todas as disciplinas científicas.

Para Laband e Tollison (2000), os trabalhos em coautoria podem ser formais e informais. A coautoria formal tende a aumentar a produtividade e a qualidade profissional dos pesquisadores envolvidos. De acordo com os autores são consideradas coautorias formais: trabalhos conjuntos, orientação de dissertações de doutorado e participação em grupos de pesquisa; e coautorias informais: decorrentes dos comentários de colegas, revisores e editores.

Acedo *et al.* (2006) relatam que até a metade do século XX raramente se viam trabalhos realizados em conjunto, com mais de um autor. Os autores exemplificam com as revistas *Journal of Political Economy* (JPE) e *American Economic Review* (AER), as quais no ano de 1950 possuíam apenas 8% dos seus artigos com coautoria. Os autores escrevem que “A pesquisa científica foi essencialmente o trabalho de indivíduos solitários, publicado em artigos de autoria única”; todavia, em 1993, a JPE e a AER possuíam 39,6% e 54,9% de artigos com coautoria, respectivamente (ACEDO *et al.*, 2009, tradução nossa).

Katz e Martin (1997) defendem que a colaboração na pesquisa deve ser incentivada com o objetivo de estimular a relação entre indivíduos pesquisadores, reunindo-os em grandes centros de excelência ou grupos de pesquisa interdisciplinares. Os autores mencionam que a colaboração contribui para a melhora do vínculo entre ciência e tecnologia, incentivando o fomento à pesquisa e as relações entre indústria e universidade.

A colaboração científica contribui para a obtenção de prestígio e da autoridade científica e, conseqüentemente beneficia a visibilidade científica, uma vez que permeia o universo institucional, interinstitucional e até mesmo a autoria atribuída a uma nação, além do mais a rede colaborativa que se forma entre pesquisadores de diferentes áreas promovem a visibilidade internacional das pesquisas (SILVA; TARGINO, 2018).

Segundo o estudo de Vanz e Stumpf (2010, p. 50), no topo da lista de motivos pelos quais a colaboração ocorre, está o “[...] desejo de aumentar a popularidade científica, a visibilidade e o reconhecimento pessoal [...]”. Segundo as autoras, mais do que o trabalho conjunto em um projeto de pesquisa, a colaboração científica corresponde ao compartilhamento de recursos intelectuais, econômicos e físicos. E, o colaborador, conforme Vanz e Stumpf (2010), pode ser desde o que fornece o que as autoras denominam de ‘input’ até o indivíduo que participa de todo o processo de pesquisa, desde o seu início até a sua conclusão. Maia e Caregnato (2008) frisam que o trabalho em conjunto condiz com economia de tempo, de recursos financeiros e materiais e, por isso, as agências de fomento à pesquisa incentivam essa iniciativa. Conforme as autoras, pesquisadores que conseguem formar boas, eficientes e produtivas equipes são valorizados na atualidade.

Maia e Caregnato (2008) destacam que a ascensão das tecnologias de comunicação e informação e as facilidades de deslocamento têm aumentado a quantidade de estudos realizados em coautoria e por meio de redes de colaboração científica, tanto entre indivíduos, instituições e países, assim como se evidencia a expansão dos estudos que visam analisar as colaborações, de modo a apresentar suas características e motivações. (MAIA; CAREGNATO, 2008). Observa-se, também, uma ampliação nas publicações que se referem a

estudos de redes sociais, que procuram apresentar as relações estabelecidas entre todas as partes envolvidas no processo de pesquisa, de maneira oposta à análise de colaboração que enfoca nas características individuais. As análises de rede evidenciam relações, vínculos, influências e interações entre unidades, que podem referir-se a indivíduos, empresas, organizações, instituições ou nações; enquanto as redes sociais dizem respeito ao conjunto de pessoas, instituições ou organizações que trabalham conjuntamente em prol da pesquisa e que constroem uma estrutura social a partir disso (MAIA; CAREGNATO, 2008).

A colaboração científica varia de acordo com a área da pesquisa. Smith (1958) evidenciou que estudos com caráter mais teórico geralmente produzem artigos com menos autores, enquanto trabalhos cuja essência é experimental costumam apresentar um número maior de autores. Isso pode ser explicado, conforme Katz e Martin (1997), pelo uso de grandes equipamentos em pesquisas experimentais, por exemplo.

Da mesma forma, a natureza da pesquisa pode ditar o nível de colaboração, haja vista que pesquisas aplicadas tendem a ser de cunho interdisciplinar e, portanto, requerem conhecimentos de áreas distintas. Também, pesquisadores vinculados a grandes departamentos e universidades costumam participar de grupos de pesquisa, o que ocasiona o envolvimento desses em produções conjuntas a outros pesquisadores (SMITH, 1958).

Vanz e Stumpf (2010) destacam que a interdisciplinaridade da ciência na atualidade é um dos principais motivos que levam à colaboração. Somados a isto aparecem os fatores econômicos, considerando os custos elevados dos equipamentos e investimentos necessários para a realização das pesquisas, sobretudo quando se trata de pesquisas experimentais; e os fatores sociais, como o estabelecimento de vínculos profissionais e pessoais, afinidade temática, emocional e ideológica.

Glänzel (2001) afirma que artigos publicados em coautoria recebem mais citações do que os produzidos individualmente. Nesse sentido, Katz e Martin (1997) destacam que a coautoria tem sido utilizada pelas áreas de bibliometria e cientometria para investigar a colaboração entre pessoas, instituições e países.

Em paralelo à colaboração científica há o processo de comunicação científica, que também tem forte participação quando o assunto é 'visibilidade científica'. De acordo com Chalhub e Guerra (2011), a publicação de trabalhos funciona como uma forma de prestação de contas das atividades científicas do pesquisador para com a sociedade, além de permitir que ele seja reconhecido pelos seus pares e preparar esse pesquisador para novos financiamentos de pesquisa.

## 4 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como pesquisa aplicada. Conforme Vergara (1998, p. 45), a pesquisa aplicada tem como característica a motivação pela “[...] necessidade de resolver problemas concretos, mais imediatos, ou não”.

Este estudo tem apoio a análise de domínio que, conforme Hjørland (2017, p. 437, tradução nossa), “[...] concentra-se na importância do assunto conhecimento” e, ainda, que domínio se refere à “[...] divisão cognitiva do trabalho que é teoricamente coerente ou socialmente institucionalizado” (HJORLAND, p. 439, tradução nossa), visto que trabalha com o aporte dos Estudos Métricos da Informação (EMI), permitindo um melhor aprofundamento sobre o tema, a partir da apresentação de dados e de análises desses dados.

Quanto ao tipo, trata-se de pesquisa descritiva, pois tem como objetivo delinear as características de um grupo específico e de estabelecer relações entre as variáveis (GIL, 2010). Köch (2015) menciona que na pesquisa descritiva se trabalha, normalmente, com duas ou mais variáveis relacionadas a um dado fenômeno, sem a manipulação a priori e com a constatação a posteriori, de tais variáveis.

Levando-se em consideração os EMI, optou-se pelo emprego de técnicas bibliométricas e cientométricas para auxiliar na mensuração da produtividade dos autores, bem como a origem de sua formação acadêmica, utilizando Leis da Bibliometria por meio de ferramentas (REED<sup>1</sup>, linguagem R, Pajek, Vozviewer e Excel) e, tendo como fonte dos dados a serem analisados, a Plataforma Lattes.

Para a análise das redes de colaboração científica provenientes da coautoria e parcerias institucionais da produção científica e tecnológica de cada *campi* fora de sede da UFSC, fez-se uso da Scopus como fonte de dados e utilizou-se o *software* R, bem como o *software* Bibliometrix e o Excel. O emprego das técnicas bibliométricas e cientométricas confere a “[...] possibilidade de conhecer, pelo estudo das publicações, o desenvolvimento de uma área determinada da ciência, em âmbito geográfico específico, com recortes relativos a temáticas, materiais ou períodos específicos” (BUFREM; PRATES, 2005, p. 13).

Em relação ao procedimento, trata-se de pesquisa de levantamento, uma vez que para a sua realização foram consultados documentos institucionais, páginas eletrônicas, plataformas como a do Currículo Lattes e a Scopus, cuja finalidade é levantar dados acerca de uma população — no caso específico deste estudo, os docentes lotados nos *campi* da UFSC.

---

<sup>1</sup> Sistema que analisa os arquivos XML do Lattes para a geração de indicadores.

Entre as vantagens desse tipo de estudo estão “[...] o conhecimento direto da realidade, economia e rapidez [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), além do agrupamento dos dados por meio de tabelas que enriquecem a análise estatística.

A etapa de coleta de dados é de extrema importância para a pesquisa. Nela, são selecionados o arsenal de dados que serão os responsáveis por compor o *corpus* da pesquisa, e que, após receberem o tratamento devido, serão capazes de auxiliar o pesquisador na busca de respostas para o problema de pesquisa. Marconi e Lakatos (2002) apontam para a importância do planejamento nessa etapa, de modo que o pesquisador consiga realizar o entrosamento das atividades organizacionais e administrativas com as científicas. Também é necessária especial atenção aos prazos, haja vista que, conforme os autores, na maioria das vezes, esta é uma etapa que toma mais tempo do que o inicialmente previsto.

Realizou-se um teste piloto com o campus de Joinville, um dos *campi* fora de sede da UFSC. A escolha por tal unidade se deu de maneira aleatória e foi utilizada na qualificação para apresentar uma prévia do estudo que se pretendia realizar.

Para fins desta pesquisa, visando analisar a institucionalização dos *campi* da UFSC, a partir das três etapas apontadas por Tolbert e Zucker (2007), descritas na subseção 3.1 desta dissertação, na solidificação das instituições encontram-se os atores envolvidos no processo que, neste estudo, correspondem à estrutura humana, que diz respeito aos docentes que compõem o quadro de pessoal da UFSC. Logo, a identificação da estrutura humana da UFSC ocorreu, inicialmente, por meio da geração de relatório via Portal da Transparência. Contudo, tal ferramenta não discriminava quais docentes pertenciam aos *campi* fora de sede, todos apareciam lotados em “UFSC”. A partir de então, realizou-se o contato com o Departamento de Administração de Pessoal (DAP), setor de Cadastro, vinculado a Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas (PRODEGESP) da UFSC, por meio de e-mail. Em resposta, o setor em questão encaminhou a relação de docentes ativos na universidade, identificando-os por departamento de lotação e campus em que exercem as suas atividades. Os dados foram apresentados em planilha do *software Excel*, na primeira quinzena do mês de abril de 2020.

Na etapa seguinte, recorreu-se à Plataforma Lattes, a fim de realizar o *download* do currículo Lattes em formato .XML de cada um dos docentes da UFSC. A coleta se deu manualmente. Foram coletados os currículos tanto dos docentes lotados nos *campi* fora de sede, quanto dos que exercem as suas atividades no campus sede, em Florianópolis, à exceção dos professores lotados no Colégio de Aplicação e no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), que não foram contemplados nesta pesquisa.

Diante disso, foram considerados para a coleta 2.051 currículos de docentes de Florianópolis, dos quais 16 não foram localizados na Plataforma Lattes; 108 currículos do campus de Araranguá; 96 do campus de Blumenau; 80 do campus de Curitibanos e 100 do Campus de Joinville. Esta pesquisa considerou 2.437 currículos, dos quais foram localizados e analisados, efetivamente, 2.419 currículos. É importante salientar que os docentes permanentes se referem a todos os docentes que compõe o quadro de pessoal da UFSC, tendo seu ingresso efetivado por meio de concurso público no magistério superior.

Embora o intuito desta pesquisa seja verificar a produção científica e tecnológica, analisar a formação acadêmica dos docentes, e observar as colaborações existentes nos *campi* fora de sede da UFSC, entende-se que ao consultar a realidade do campus sede, é possível apresentar um panorama da produção de conhecimento dos *campi* mais novos — Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville — a partir da comparação com o campus consolidado de Florianópolis.

Considerando-se que o campus sede (Florianópolis) teve origem no ano de 1960, enquanto os demais campus foram criados em 2009 (Araranguá, Curitibanos e Joinville) e em 2013 (Blumenau), optou-se por fazer um recorte temporal de 11 anos, contemplando a data de início do funcionamento dos primeiros *campi* fora de sede da UFSC (2009) até a data de coleta dos currículos Lattes (2020). Tal medida se deu para tornar a análise dos resultados mais justa com a realidade dos *campi* fora de sede e, também, para se evitar que a produção dos docentes, anterior à criação dos *campi* fora de sede interferisse no contexto do estudo.

Os currículos Lattes foram utilizados como fonte de informação para revelar a produção científica e tecnológica dos *campi* da UFSC, assim como para evidenciar o perfil de formação acadêmica dos docentes da UFSC.

Todos os currículos em formato .zip foram coletados na primeira quinzena do mês de dezembro de 2020. Os currículos Lattes foram baixados em arquivos compactados em formato .ZIP para posterior processamento pelo software REED.

O software REED é um aplicativo que lê os metadados do arquivo XML do currículo Lattes e transforma em planilhas em dados tabulares abertos (.csv); esse tipo de arquivo pode ser lido e processado por aplicativos como o Excel e o software estatístico R.

As análises dos dados foram realizadas na linguagem R, Pajek, Vozviewer e no Excel. A apresentação dos dados foi realizada por meio de gráficos e tabelas.

Os dados brutos utilizados para esta pesquisa, ou seja, as planilhas .csv geradas a partir da leitura dos arquivos XML pelo *software* REED serão disponibilizadas em <http://cedapdados.ufrgs.br/loginpage.xhtml;jsessionid=8c1143546d75f74ff2d1dadac080?redir>

[ectPage=%2Fdataset.xhtml%3FpersistentId%3Ddoi%3A10.80102%2Fdv%2FKRXAVR,](#)

podendo ser acessada por qualquer pessoa, a qualquer tempo, em qualquer local, desde que haja conexão com a Internet.

Para o estudo acerca das redes de colaboração científica provenientes de coautoria e parcerias institucionais da produção científica e tecnológica de cada *campus* da UFSC realizou-se a coleta de dados junto à base de dados Scopus, na qual aplicou-se a seguinte estratégia de busca:

(AFFILORG (universidade AND federal AND de AND santa AND catarina) AND AFFILCITY (cidade onde há campus da UFSC)) AND PUBYEAR > 2008 AND PUBYEAR < 2022 AND (LIMIT-TO (AF-ID, "Universidade Federal de Santa Catarina" 60017609))

Essa estratégia de busca foi replicada cinco vezes; uma vez para cada campus da UFSC, no campo “*affilcity*”, e para cada campus pesquisado foi gerado um arquivo em BIBTEX, capaz de ser processado pelo *software* Bibliometrix, rodado pelo *software* em linguagem R.

Durante o refinamento da busca na base Scopus, observou-se que há limitação quanto à recuperação das informações pesquisadas. Embora se estabeleça a recuperação da informação por “*affilorg*” (Universidade Federal de Santa Catarina) e seus *campi* “*affilcity*” (Araranguá, Blumenau, Curitibanos, Florianópolis e Joinville), alguns registros recuperados, desconsideram a informação da cidade ou *campi* fora de sede e apresenta trabalhos cujo vínculo associado ao campus sede (Florianópolis) e, em alguma outra instituição da mesma cidade pesquisada. Por exemplo, na busca realizada pelo campus da UFSC Blumenau, alguns trabalhos retornados trouxeram pesquisas efetivadas entre professores da UFSC, campus Florianópolis, e docentes da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), com sede em Blumenau. Portanto, houve ‘poluição’ nos dados recuperados.

Durante o processo de busca na Scopus foram estabelecidos alguns critérios para a construção do *corpus* de pesquisa, como o recorte temporal, sendo considerados documentos publicados entre os anos de 2009 e 2020. Tal escolha é justificada por levar em consideração que a criação dos *campi* fora de sede ocorreu a partir de 2009 — na realidade foram três *campi* criados nesse ano (Araranguá, Curitibanos e Joinville) e o campus de Blumenau, criado em 2013. Outro critério considerado foi quanto ao tipo de documento, tendo sido selecionados todos os tipos identificados na busca — artigos, capítulos de livros, trabalhos apresentados em eventos, erratas, cartas ao editor, notas de pesquisa e artigo de revisão.



Cabe salientar que se optou pela análise apenas das colaborações em produções científicas, e desconsiderou-se a análise das colaborações nas produções tecnológicas, porque a base *Patent Scope*, que disponibiliza dados para esse tipo de verificação, não permite o refinamento, no momento da busca, pelos *campi*. A busca seria possível apenas pela universidade UFSC como um todo, não podendo-se identificar quais são os docentes de cada campus, enquanto a base Scopus, utilizada para a composição do *corpus* de pesquisa referente às colaborações nas produções científicas, permite que a busca seja refinada por campus.

## 5 RESULTADOS E ANÁLISES

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos nesta pesquisa e que buscam responder aos objetivos traçados e, conseqüentemente, ao problema de pesquisa deste estudo.

### 5.1 ESTRUTURA FÍSICA, HUMANA E ORGANIZACIONAL

A seguir são apresentadas as informações que se referem aos cinco *campi* da UFSC, que inclui o campus sede (Florianópolis) e os *campi* fora de sede (Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville). Cabe destacar que para o levantamento dos cursos de pós-graduação foram levados em consideração somente os programas de pós-graduação que oferecem cursos *stricto sensu*. Portanto, foram desconsiderados os cursos *lato sensu*.

#### 5.1.1 Campus Araranguá

O campus Araranguá possui a estrutura física apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 - Estrutura física Campus Araranguá

<b>Estrutura Física</b>		
<b>Área construída</b>	<b>Área em construção</b>	<b>Área total</b>
6.990,56m <sup>2</sup>	6.400m <sup>2</sup>	13.390,56m <sup>2</sup>

Fonte: UFSC Araranguá (2020).

A UFSC Araranguá iniciou as suas atividades no prédio localizado no bairro Mato Alto. Com o passar do tempo, o aumento da demanda por espaço público fez com que a universidade tivesse que alugar um novo espaço, no bairro Jardim das Avenidas. Desse modo, a unidade Jardim das Avenidas comporta os cursos de graduação e as unidades administrativas, enquanto a estrutura localizada no bairro Mato Alto concentra os cursos de pós-graduação e alguns laboratórios de pesquisa (UFSC ARARANGUÁ, 2020).

No ano de 2018 a UFSC Araranguá teve publicada no Diário Oficial da União a Portaria n. 239 que autorizou o funcionamento do curso de Medicina, demanda há muitos anos reivindicada pela comunidade do sul de Santa Catarina (UFSC, 2021).

Quanto à estrutura organizacional, o campus é administrado por um Diretor e um Vice-Diretor e uma Diretora Administrativa. A estrutura atual contempla uma única Unidade Universitária, que recebe o nome de Centro de Ciências, Tecnologias e Saúde do Campus

Araranguá. Compõe a sua estrutura, também, a Secretaria Integrada de Graduação (SIG), Secretaria Integrada de Pós-Graduação (SIPG), Secretaria Integrada de Departamentos (SID); além dos Departamentos de Ensino — Coordenadoria Especial de Física, Química e Matemática (FMQ), Coordenadoria Especial Interdisciplinar em Tecnologia da Informação e Comunicação (CIT), Departamento de Computação (DEC), Departamento de Ciências da Saúde (DCS), Departamento de Energia e Sustentabilidade (EES). (UFSC ARARANGUÁ, 2020).

Com relação à estrutura humana, o campus Araranguá se compõe de acordo com o apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Estrutura humana Campus Araranguá

<b>Estrutura</b>	<b>Araranguá</b>
Docentes permanentes	108
Técnico-Administrativos	50
<b>Total de Servidores</b>	<b>158</b>

Fonte: UFSC ARARANGUÁ (2020).

Os cursos de graduação disponibilizados pelo campus Araranguá são: Tecnologia da Informação e Comunicação; Engenharia de Energia; Engenharia da Computação; Fisioterapia; e Medicina.

Na pós-graduação *stricto sensu* o campus Araranguá conta com os seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação; Programa de Pós-Graduação em Energia e Sustentabilidade; Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de Física; e Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação.

### 5.1.2 Campus Blumenau

A UFSC Blumenau apresenta espaço de área construída, conforme indicado no Quadro 4.

Quadro 4 - Estrutura física Campus Blumenau

<b>Estrutura Física</b>		
<b>Área construída</b>	<b>Área em construção</b>	<b>Área total</b>
3.343,21	-	3.343,21

Fonte: UFSC Blumenau (2020).

O campus Blumenau apresenta duas instalações físicas. Um prédio locado e o outro em cooperação. Ambos estão localizados na mesma rua, no bairro da Velha. Assim como os demais *campi* fora de sede, o campus Blumenau é administrado por um Diretor Geral, um Vice-Diretor e uma Diretora Administrativa. O campus é formado por uma Unidade de Ensino, denominado de Centro Tecnológico, de Ciências Exatas e Educação (CTE), sendo constituídos pelos Departamentos de Ensino, são eles: Departamento de Engenharia de Controle, Automação e Computação (CAC); Departamento de Engenharia Têxtil (DET). Departamento de Ciências Exatas e Educação (CEE); Departamento de Matemática (MAT), Coordenadoria Especial de Engenharia de Materiais (EMT) (UFSC BLUMENAU, 2020).

Com relação à estrutura humana, o campus Blumenau se compõe conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 - Estrutura humana Campus Blumenau

<b>Estrutura</b>	<b>Blumenau</b>
Docentes permanentes	96
Técnico-Administrativos	59
<b>Total de Servidores</b>	<b>155</b>

Fonte: UFSC Blumenau (2020).

Os cursos de graduação ofertados pelo campus Blumenau, são: Engenharia de Controle e Automação; Engenharia de Materiais; Engenharia Têxtil; Licenciatura em Matemática; Licenciatura em Química; e Bacharelado em Química.

Na pós-graduação *stricto sensu* o campus conta com os seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Engenharia Têxtil; Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de Física; Programa Nacional de Matemática; e Programa de Pós-Graduação em Nanociência, Processos e Materiais Avançados (UFSC BLUMENAU, 2020).

### 5.1.3 Campus Curitiba

A UFSC Curitiba apresenta espaço de área construída, conforme indicado no Quadro 6.

Quadro 6 - Estrutura física Campus Curitibanos

<b>Estrutura Física</b>		
<b>Área construída</b>	<b>Área em construção</b>	<b>Área total</b>
6.334,34m <sup>2</sup>	9.269,16m <sup>2</sup>	15.603,50m <sup>2</sup>

Fonte: UFSC Curitibanos (2020).

O campus Curitibanos está distribuído fisicamente entre quatro áreas: a área sede, a área CEDUP, a área experimental agropecuária e a área experimental florestal. Todas elas contemplam estruturas que possibilitam o atendimento dos setores acadêmicos, que incluem salas de aula, laboratórios etc.

Em termos de terreno, a área sede conta com 245.788,24m<sup>2</sup>. A área CEDUP tem 5.529m<sup>2</sup>. A área experimental agropecuária conta com 1.273m<sup>2</sup>. E a área experimental florestal possui terreno de 319.185,26m<sup>2</sup>.

Quanto à estrutura organizacional, o campus é administrado por um Diretor, um Vice-Diretor e um Diretor Administrativo. O campus é composto por uma Unidade Universitária, denominada de Centro de Ciências Rurais. Os docentes lotados nesse campus estão distribuídos em quatro departamentos: Departamento de Agricultura, Biodiversidade e Florestas; Coordenadoria Especial de Biociências e Saúde Única; Coordenadoria Especial de Ciências Biológicas e Agronômicas; e Departamento de Ciências Naturais e Sociais.

Com relação à estrutura humana, o campus Curitibanos é composto de acordo com o disposto no Quadro 7.

Quadro 7 - Estrutura humana Campus Curitibanos

<b>Estrutura</b>	<b>Curitibanos</b>
Docentes permanentes	80
Técnico-Administrativos	54
<b>Total de Servidores</b>	<b>134</b>

Fonte: UFSC Curitibanos (2020).

Os cursos de graduação oferecidos pelo campus Curitibanos, são: Agronomia, Engenharia Florestal e Medicina Veterinária.

Na pós-graduação *stricto sensu* o campus é constituído pelo Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais e Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária Convencional e Integrativa.

### 5.1.4 Campus Florianópolis

O campus Florianópolis, em termos de estrutura física, se apresenta conforme o estabelecido no Quadro 8.

Quadro 8 - Estrutura física Campus Florianópolis

<b>Estrutura Física</b>		
<b>Área construída</b>	<b>Área em construção</b>	<b>Área total</b>
412.616,14m <sup>2</sup>	22.735,82m <sup>2</sup>	435.351,96m <sup>2</sup>

Fonte: UFSC Florianópolis (2018).

O campus Florianópolis conta com setores acadêmicos, nos quais encontram-se os centros de ensino, setores administrativos, setores de apoio acadêmico, setor social, setor de fundações, setor das associações e sindicatos, setor de serviços externos, setor de urbanização, além de outras unidades pertencentes ao campus Florianópolis.

São centros de ensino da UFSC: Centro de Ciências Biológicas (CCB), Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Desportos (CDS), Centro de Ciências da Educação (CED), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM), Centro Socioeconômico (CSE), Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), Centro Tecnológico (CTC), além do Centro de Biologia Molecular Estrutural (CEBIME) e do Colégio de Aplicação (CA), que não foram analisados neste estudo por não apresentarem cursos de graduação e pós-graduação alocados em sua estrutura.

Quanto à estrutura organizacional, a Reitoria da UFSC se organiza da seguinte forma: o órgão máximo da instituição é o Conselho Universitário (CUn); abaixo dele está o Conselho de Curadores, depois vem a Câmara de Graduação, Câmara de Pesquisa, Câmara de Extensão, Câmara de Pós-Graduação, Reitor, Vice-Reitor, em seguida as Pró-Reitorias, depois as Secretarias, na sequência as Diretorias dos Campus, a seguir os Centros de Ensino, conforme a Figura 1 demonstrada na seção 2 deste trabalho.

Com relação à estrutura humana, o campus Florianópolis é composto de acordo com o apresentado no Quadro 9.

Quadro 9 - Estrutura humana Campus Florianópolis

<b>Estrutura</b>	<b>Florianópolis</b>
Docentes permanentes	2180
Técnico-Administrativos	2852
<b>Total de Servidores</b>	<b>5032</b>

Fonte: UFSC Florianópolis (2020).

Os cursos de graduação oferecidos pelo campus Florianópolis, de acordo com os centros de ensino são: Bacharelado em Ciências Biológicas e Licenciatura em Ciências Biológicas; Licenciatura em Ciências Biológicas EaD, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB); Artes Cênicas, Cinema, Design (com habilitações em Design Gráfico, Animação e Produto); Jornalismo; Letras-LIBRAS; Letras-Língua-Estrangeira; Letras-Português; Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Fonoaudiologia; Educação Física; Arquivologia; Biblioteconomia; Ciência da Informação; Licenciatura em Educação do Campo – Áreas da Ciência da Natureza e Matemática; Pedagogia; Antropologia; Ciências Sociais; Filosofia; Filosofia – EaD; Geografia; Geologia; História; Licenciatura Indígena; Museologia e Psicologia; EaD - Matemática – Licenciatura; EaD - Física – Licenciatura; Física – Bacharelado; Química – Bacharelado; Matemática – Bacharelado; Química – Licenciatura; Matemática – Bacharelado; Matemática – Licenciatura; Matemática - Licenciatura (noturno); Física - Licenciatura (noturno); Meteorologia; Oceanografia; EaD\_UAB - Ciências Econômicas; EaD-UAB - Ciências Contábeis; EaD-UAB - Administração Pública; EaD-UAB – Administração; Administração; Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Serviço Social; Administração (noturno); Ciências Contábeis (noturno); Ciências Econômicas (noturno); Serviço Social (noturno); Relações Internacionais; Direito; Engenharia Civil; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; Arquitetura e Urbanismo; Ciências da Computação; Engenharia Sanitária e Ambiental; Engenharia de Produção Civil; Engenharia de Produção Elétrica; Engenharia de Produção Mecânica; Engenharia de Alimentos; Engenharia Química; Engenharia de Controle e Automação; Engenharia de Materiais; Engenharia Eletrônica; Engenharia de Materiais [semestral]; Sistemas de Informação (noturno).

Na pós-graduação, os cursos *stricto sensu* ofertados pelo campus sede, conforme a Relação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC (UFSC, [2019]), são listados no Quadro 10.

Quadro 10 - Programas de Pós-Graduação no campus Florianópolis

CURSO	GRANDE ÁREA	CAMPUS	INÍCIO MESTRADO	INÍCIO DOUTORADO	NÍVEL	NOTA CAPES
Administração (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	1978	2008	Mestrado e Doutorado	4
Administração Universitária (profissional)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2010		Mestrado	4
Agrocossistemas (acadêmico)	Multidisciplinar	Florianópolis	1995	2013	Mestrado e Doutorado	4
Agrocossistemas (profissional)	Multidisciplinar	Florianópolis	2009		Mestrado	2
Antropologia Social (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1985	1999	Mestrado e Doutorado	5
Aquicultura (acadêmico)	Agrárias	Florianópolis	1988	2005	Mestrado e Doutorado	6
Arquitetura e urbanismo (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2002	2010	Mestrado e Doutorado	5
Assistência Farmacêutica (acadêmico)	Saúde	PPG em REDE Florianópolis	2011		Mestrado e Doutorado	4
Biologia Celular e do Desenvolvimento (acadêmico)	Biológicas	Florianópolis	2009	2009	Mestrado e Doutorado	4
Biologia de Fungos, Algas e Plantas (acadêmico)	Biológicas	Florianópolis	1999	2017	Mestrado e Doutorado	4
Bioquímica (acadêmico)	Biológicas	Florianópolis	2008	2008	Mestrado e Doutorado	5
Biotecnologia e Biociências (acadêmico)	Multidisciplinar	Florianópolis	1995	2005	Mestrado e Doutorado	5
Ciência da Computação (acadêmico)	Exatas e da Terra	Florianópolis	1992	2012	Mestrado e Doutorado	5
Ciência da Informação (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2003	2013	Mestrado e Doutorado	5
Ciências dos Alimentos (acadêmico)	Agrárias	Florianópolis	1988	2002	Mestrado e Doutorado	6
Ciência e Engenharia de Materiais (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1994	1994	Mestrado e Doutorado	7
Ciências da Reabilitação (acadêmico)	Saúde	Araranguá	2016		Mestrado	3
Ciências Médicas (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	2008	2008	Mestrado e Doutorado	4
Contabilidade (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2004	2013	Mestrado e Doutorado	5
Cuidados Intensivos e Paliativos (profissional)	Saúde	Florianópolis	2011		Mestrado	2
Controle de Gestão (profissional)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2019		Mestrado	
Desastres Naturais (profissional)	Multidisciplinar	Florianópolis	2014		Mestrado	3
Design (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2007	2013	Mestrado e Doutorado	5
Direito (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	1974	1984	Mestrado e Doutorado	6
Direito (profissional)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2016		Mestrado	3
Ecologia (acadêmico)	Biológicas	Florianópolis	2008	2011	Mestrado e Doutorado	5
Economia (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	1995	2012	Mestrado e Doutorado	5
Ecosistemas Agrícolas e Naturais (acadêmico)	Agrárias	Curitibanos	2016		Mestrado	3
Educação (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1984	1994	Mestrado e Doutorado	4
Educação Científica e Tecnológica (acadêmico)	Multidisciplinar	Florianópolis	2002	2002	Mestrado e Doutorado	6
Educação Física (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	1996	2006	Mestrado e Doutorado	6
Energia e Sustentabilidade (acadêmico)	Engenharias	Araranguá	2014		Mestrado	3
Enfermagem (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	1976	1993	Mestrado e Doutorado	6
Engenharia Ambiental (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1994	2001	Mestrado e Doutorado	6
Engenharia Ambiental (profissional)	Engenharias	Florianópolis	2010		Mestrado	3
Engenharia Civil (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1991	1999	Mestrado e Doutorado	5
Engenharia de Alimentos (acadêmico)	Agrárias	Florianópolis	2000	2005	Mestrado e Doutorado	6
Engenharia de Automação e Sistemas (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	2007	2007	Mestrado e Doutorado	6
Engenharia de Produção (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1969	1989	Mestrado e Doutorado	5
Engenharia de Sistemas Eletrônicos (acadêmico)	Engenharias	Joinville	2017		Mestrado	3
Engenharia de Transportes e Gestão Territorial (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	2015		Mestrado	3
Engenharia e Ciências Mecânicas (acadêmico)	Engenharias	Joinville	2015		Mestrado	3
Engenharia e Gestão do Conhecimento (acadêmico)	Multidisciplinar	Florianópolis	2004	2004	Mestrado e Doutorado	6



Engenharia Elétrica (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1971	1987	Mestrado e Doutorado	6
Engenharia Mecânica (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1969	1981	Mestrado e Doutorado	6
Engenharia Química (acadêmico)	Engenharias	Florianópolis	1993	1998	Mestrado e Doutorado	7
Engenharia Têxtil (acadêmico)	Engenharias	Blumenau	2019		Mestrado	
Ensino de Biologia (profissional)	Biológicas	PPG em REDE Florianópolis	2017		Mestrado	4
Ensino de Física – ARA (profissional)	Exatas e da Terra	PPG em REDE Araranguá	2014		Mestrado	4
Ensino de Física – BNU (profissional)	Exatas e da Terra	PPG em REDE Blumenau	2016		Mestrado	4
Ensino de Física – FLN (profissional)	Exatas e da Terra	PPG em REDE Florianópolis	2014		Mestrado	4
Ensino de História (profissional)	Humanas	PPG em REDE Florianópolis	2014		Mestrado	4
Estudos da Tradução (acadêmico)	Linguística, Letras e Artes	Florianópolis	2004	2009	Mestrado e Doutorado	6
Farmácia (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	1999	2005	Mestrado e Doutorado	5
Farmacologia (acadêmico)	Biológicas	Florianópolis	1991	1996	Mestrado e Doutorado	6
Farmacologia (profissional)	Biológicas	Florianópolis	2009		Mestrado	4
Filosofia (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1997	2005	Mestrado e Doutorado	6
Física (acadêmico)	Exatas e da Terra	Florianópolis	1988	1996	Mestrado e Doutorado	4
Geografia (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1985	1999	Mestrado e Doutorado	5
Geologia (acadêmico)	Exatas e da Terra	Florianópolis	2019		Mestrado	
Gestão do Cuidado em Enfermagem (profissional)	Saúde	Florianópolis	2009	2020	Mestrado e Doutorado	5
História (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1975	1998	Mestrado e Doutorado	4
Informática em Saúde (profissional)	Saúde	Florianópolis	2016		Mestrado	4
Inglês: Estudos Linguísticos e Literários (acadêmico)	Linguística, Letras e Artes	Florianópolis	1972	1987	Mestrado e Doutorado	5
Interdisciplinar em Ciências Humanas (acadêmico)	Multidisciplinar	Florianópolis		1995	Doutorado	5
Jornalismo (acadêmico)	Linguística, Letras e Artes	Florianópolis	2007	2014	Mestrado e Doutorado	4
Letras (profissional)	Linguística, Letras e Artes	PPG em REDE Florianópolis	2012		Mestrado	4
Linguística (acadêmico)	Linguística, Letras e Artes	Florianópolis	1971	1988	Mestrado e Doutorado	6
Literatura (acadêmico)	Linguística, Letras e Artes	Florianópolis	1971	1997	Mestrado e Doutorado	5
Matemática (FLN)	Exatas e da Terra	PPG em REDE Florianópolis	2013		Mestrado	5
Matemática (BNU)	Exatas e da Terra	PPG em REDE Blumenau	2017		Mestrado	5
Matemática Pura e Aplicada (acadêmico)	Exatas e da Terra	Florianópolis	1976	2013	Mestrado e Doutorado	5
Métodos e Gestão em Avaliação (profissional)	Multidisciplinar	Florianópolis	2012		Mestrado	3
Multicêntrico em Ciências Fisiológicas (acadêmico)	Biológicas	PPG em REDE Florianópolis	2009	2009	Mestrado e Doutorado	4
Nanociência, Processos e Materiais Avançados (acadêmico)	Multidisciplinar	Blumenau	2019		Mestrado	
Nanotecnologia Farmacêutica (acadêmico)	Saúde	PPG em REDE Florianópolis		2011	Doutorado	4
Neurociências (acadêmico)	Biológicas	Florianópolis	1994	2005	Mestrado e Doutorado	5
Nutrição (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	2002	2012	Mestrado e Doutorado	4
Oceanografia (acadêmico)	Exatas e da Terra	Florianópolis	2014		Mestrado	3
Odontologia (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	1971	2000	Mestrado e Doutorado	4
Perícias Criminais Ambientais (profissional)	Biológicas	Florianópolis	2011		Mestrado	3
Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (profissional)	Sociais Aplicadas	PPG em REDE Florianópolis	2016		Mestrado	4
Psicologia (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1995	2004	Mestrado e Doutorado	5

Química (acadêmico)	Exatas e da Terra	Florianópolis	1971	1988	Mestrado e Doutorado	7
Recursos Genéticos Vegetais (acadêmico)	Agrárias	Florianópolis	1997	2003	Mestrado e Doutorado	6
Relações Internacionais (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	2011	2019	Mestrado e Doutorado	4
Saúde Coletiva (acadêmico)	Saúde	Florianópolis	1996	2009	Mestrado e Doutorado	5
Saúde Mental e Atenção Psicossocial (profissional)	Saúde	Florianópolis	2011		Mestrado	3
Serviço Social (acadêmico)	Sociais Aplicadas	Florianópolis	2001	2011	Mestrado e Doutorado	5
Sociologia Política (acadêmico)	Humanas	Florianópolis	1985	1999	Mestrado e Doutorado	5
Tecnologias da Informação e Comunicação (acadêmico)	Multidisciplinar	Araranguá	2014		Mestrado	3

Fonte: Relação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC (UFSC, [2019]).

São 91 Programas de Pós-Graduação ofertados pela UFSC Florianópolis, ao todo, conforme especificado no Quadro 10. Além de programas ofertados na modalidade “em rede”, conforme descrito na subseção 5.3.4 deste trabalho.

### 5.1.5 Campus Joinville

Quanto à estrutura física, a UFSC Joinville conta com um prédio alugado, distribuída de acordo com o Quadro 11.

Quadro 11 - Estrutura física Campus Joinville

<b>Estrutura Física</b>		
<b>Área construída</b>	<b>Área em construção</b>	<b>Área total</b>
10.455,28m <sup>2</sup>	15.088,04m <sup>2</sup>	25.543,32m <sup>2</sup>

Fonte: UFSC Joinville (2018).

Atualmente, o campus encontra-se localizado no condomínio empresarial Perini, situado na Zona Industrial de Joinville. A edificação apresenta três blocos: Bloco U (administrativo e de aulas), Bloco Central (com RU, bicicletário e convivência) e Bloco Lab (laboratórios e equipes de competição).

Em termos de estrutura organizacional, o campus é administrado por uma Diretoria e Vice-Diretoria e uma Diretoria Administrativa. A estrutura atual contempla uma única Unidade Universitária, que é o Centro Tecnológico de Joinville (CTJ), e uma única subunidade universitária, o Departamento de Engenharias de Mobilidade (EMB).

Com relação à sua estrutura humana, o campus Joinville se compõe conforme o Quadro 12.

Quadro 12 - Estrutura humana Campus Joinville

<b>Estrutura</b>	<b>Joinville</b>
Docentes permanentes	100
Técnico-Administrativos	48
<b>Total de Servidores</b>	<b>148</b>

Fonte: UFSC Joinville (2020).

Os cursos disponibilizados pela UFSC em Joinville são, na graduação: Bacharelado em Ciência e Tecnologia; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Automotiva; Engenharia Civil de Infraestrutura; Engenharia de Transportes e Logística; Engenharia Ferroviária e Metroviária; Engenharia Mecatrônica; e Engenharia Naval. Na pós-graduação o campus conta com o Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Ciências Mecânicas e o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Sistemas Eletrônicos.

Para fins desta pesquisa, os dados referentes à produção científica e tecnológica, dizem respeito às produções dos 100 docentes da UFSC Joinville.

## 5.2 O PERFIL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PESQUISADORES DA UFSC

Nesta seção são apresentados inicialmente os dados de cada um dos *campi* da UFSC, em subseções que recebem os nomes de cada *campi* a que se referem. Ao final, há uma subseção que busca analisar os dados entre os *campi* e relacioná-los com a literatura científica a respeito da mobilidade docente.

Buscando identificar a origem do local de formação dos docentes dos *campi* da UFSC — Araranguá, Blumenau, Curitibanos, Florianópolis e Joinville — foram analisadas a instituição de graduação (G), a instituição da titulação do mestrado (M) e a titulação do doutorado (D), e aplicado a um gráfico Sankey para representar graficamente esta mobilidade para cada um dos cinco *campi* da referida universidade.

A intenção foi fazer uma análise geral dos locais de formação dos docentes que compõem os quatro *campi* fora de sede (Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville) e do campus sede (Florianópolis).

Todos os dados apresentados nesta seção estão disponíveis ao final deste trabalho, nos APÊNDICES A, B, C, D e E.

### 5.2.1 Campus Araranguá

O total de 108 arquivos XML do Campus Araranguá foi recuperado e processado. O resultado apresentou a identificação de 98 currículos com o campo graduação (G) preenchidos, mestrado (M) e doutorado (D), com 96 currículos e 95 currículos, respectivamente. Encontrou-se uma diferença no registro dos currículos com o total de docentes, conforme será abordado na subseção 5.2.5.

No campus Araranguá a representação gráfica da formação dos docentes é apresentada no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Araranguá

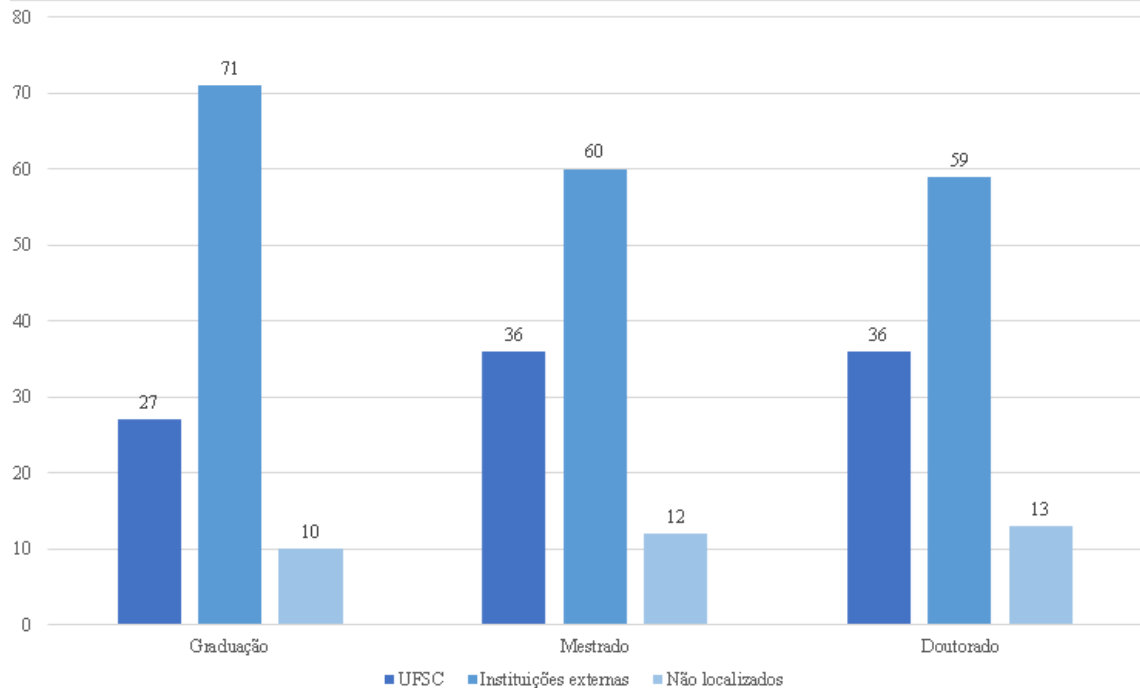


Fonte: Lattes (2020).

Conforme Gráfico 5, observa-se que há uma grande concentração de docentes cuja formação ocorreu na UFSC, tanto na graduação, no mestrado, como no doutorado. Outra questão a ser notada é a variedade de instituições que aparecem no gráfico em análise.

Com base no Gráfico 6, 27 currículos que apresentaram graduação se referem a docentes formados na própria UFSC, o que corresponde a 27,6% do total; 36 docentes são egressos da UFSC na formação de mestrado (representando 37,5% do total verificado) e no doutorado, 36 professores tiveram sua formação na instituição em que atuam como professores, o que condiz com 37,9% do total de currículos vistos para o mestrado.

Gráfico 6 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Araranguá (n=108)



Fonte: Lattes (2020).

Na graduação, foram identificados os maiores índices depois da UFSC com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com seis currículos (6%); a Universidade de Pelotas (UFPel) com cinco formações (5%); e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) com quatro currículos (4%).

No mestrado, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) aparece atrás da UFSC, na segunda posição, com 15 currículos (15,6%); a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), com cinco (5,2%) currículos e a Universidade São Paulo (USP) com quatro (4,2%) currículos.

No doutorado, a UFRGS apareceu novamente em segundo lugar, apenas atrás da

UFSC, apresentando 13 docentes formados por ela (13,7%), seguida da Universidade de São Paulo (USP) com sete currículos (7,4%), após a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com cinco docentes (5,3%), e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) com quatro currículos, representando 4,2% dos currículos.

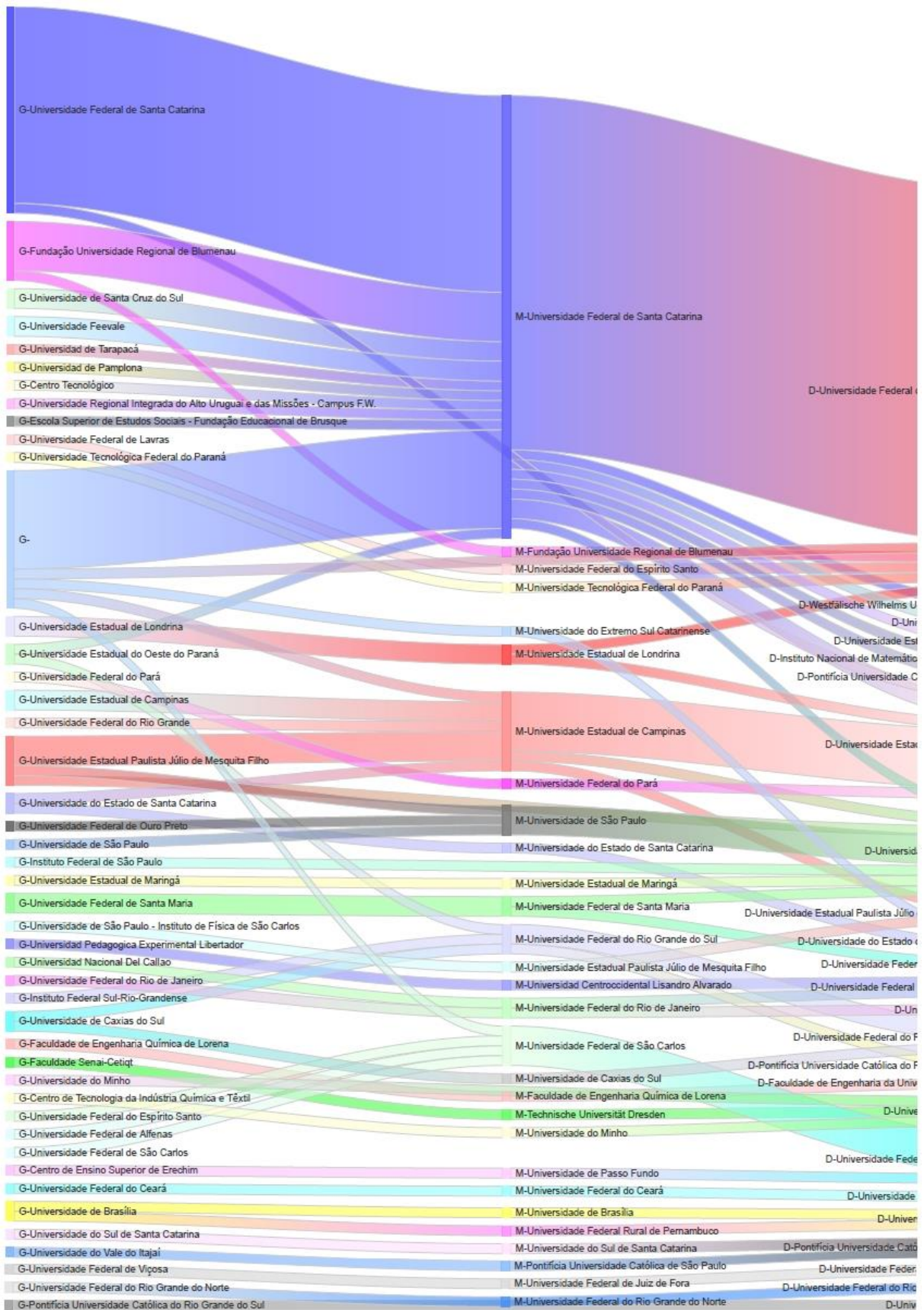
Quanto às formações no exterior, na graduação aparecem três currículos, um para cada uma das instituições: Universidad Complutense de Madrid (UCM), na Espanha; Universidad de Panamá (UP), no Panamá; e Universidade Estatal de Economia de Kharkiv (UESUKRAINE), na Ucrânia. No mestrado, aparecem duas instituições estrangeiras: The University of New México (UNM), no México, e Universidad Complutense de Madrid (UCM), na Espanha. No doutorado são sete as instituições internacionais: Swansea University (Swansea), no Reino Unido; Technische Universitaet Darmstadt (TU-Darmstadt) e Universität Bremen (UNI-BREMEM), na Alemanha; The University of New México (UNM), no México; Universidad Complutense de Madrid (UCM) e Universidad de Alcalá (UAH), na Espanha; e University of Calgary (UCALGARY), no Canadá.

### **5.2.2 Campus Blumenau**

Ao todo, foram recuperados 96 currículos da Plataforma Lattes de docentes do campus Blumenau, sendo que 82 currículos apresentaram o campo graduação (G) preenchidos, e mestrado (M) e doutorado (D) com 90 e 95 currículos, respectivamente.

O Gráfico 7 representa a formação dos docentes que integram o campus Blumenau.

Gráfico 7 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Blumenau



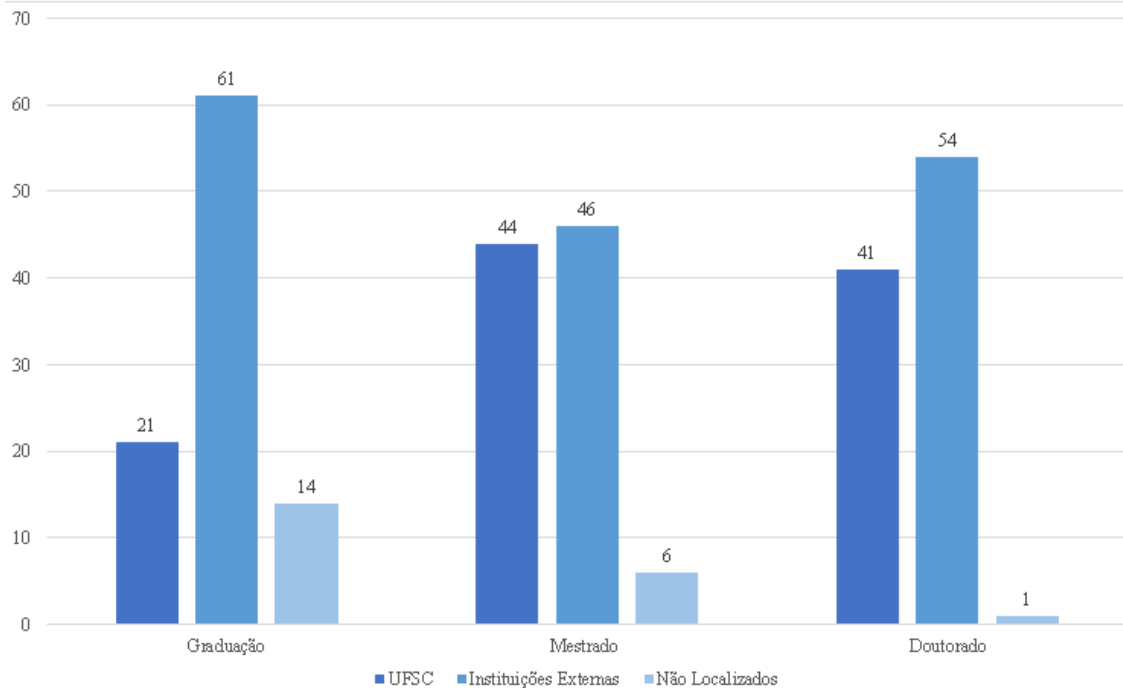
Fonte: Lattes (2020).



De acordo com o Gráfico 7 é possível verificar que há concentração de formações na UFSC Blumenau para a graduação, mestrado e doutorado. Além disso, percebe-se uma variedade de instituições que compõe a formação acadêmica dos docentes desse campus.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 8, 21 (25,6%) currículos dos docentes, na graduação, correspondem a professores formados pela UFSC; no mestrado quase a metade, 44 (48,9%) dos currículos analisados, equivalem à formação na UFSC; e no doutorado, 41 (43,2%) currículos considerados para essa análise são oriundos da universidade em questão.

Gráfico 8 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Blumenau (n=96)



Fonte: Lattes (2020).

Na graduação, as demais instituições (externas) de destaque são: a Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) com seis (7,3%) currículos; e a UNESP com cinco (6,1%) currículos. No mestrado, as universidades externas de destaque são: a UNICAMP com oito (8,9%) currículos; seguida da UFSCar com quatro (4,4%) currículos. No doutorado, destaca-se a UNICAMP com 11 (11,6%) currículos; a USP com nove (9,5%) formações; e a UFSCar com cinco (5,3%) currículos.

Na graduação foram observadas 43 instituições distintas nos currículos dos docentes da UFSC Blumenau; no mestrado o número reduz para 30 e no doutorado para 24, evidenciando-se, assim, um afunilamento da quantidade de instituições à medida que se avança na formação acadêmica, provavelmente pela especificidade das áreas que se vinculam

aos programas de pós-graduação que as contemplam.

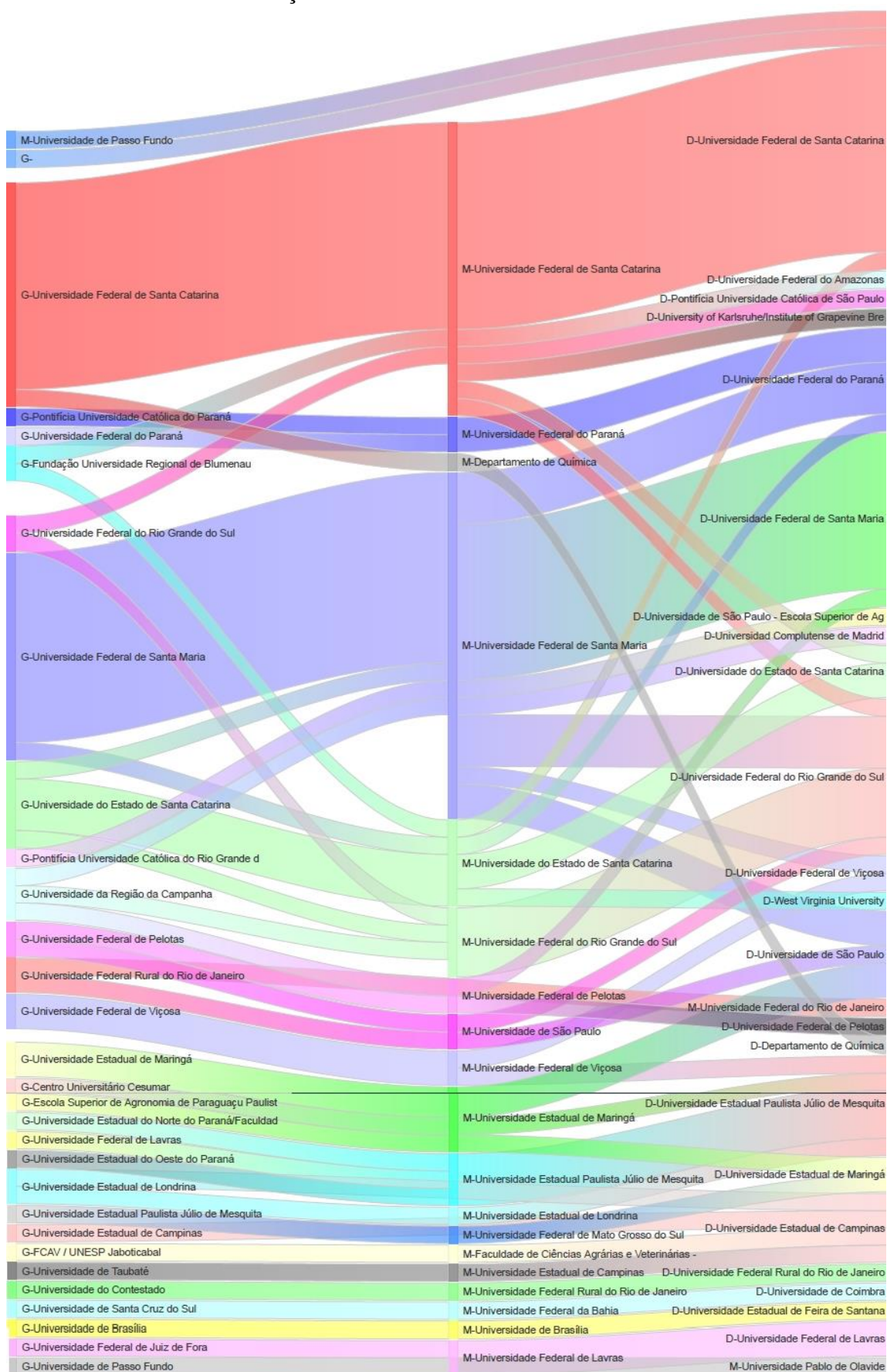
As seguintes instituições estrangeiras aparecem na formação da graduação dos docentes da UFSC Blumenau: a Universidad de Pamplona (UNIPAMPLONA), na Colômbia; a Universidad de Tarapacá (UTA), no Chile; a Universidad Nacional Del Callao (UNAC), no Peru; e a Universidad Pedagogica Experimental Libertador (UPEL), na Venezuela. No mestrado observa-se a presença de três instituições estrangeiras: a Universidad Centroccidental Lisandro Alvarado (UCLA), na Venezuela; a Technische Universität Dresden (TU-Dresden), na Alemanha; e a Universidade do Minho (UMINHO), em Portugal. No doutorado, foram identificadas as universidades internacionais UMINHO e Universidade do Porto (UP), em Portugal; Università di Firenze (UNIFI), na Itália; e University of Münster (UNI-MUNSTER).

### **5.2.3 Campus Curitibanos**

O Campus de Curitibanos apresentou 80 currículos extraídos da Plataforma Lattes. Desses, 65 diziam respeito à graduação (G), e 75 apresentaram as formações de mestrado (M) e doutorado (D).

É possível observar a formação docente do campus Curitibanos no Gráfico 9.

Gráfico 9 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Curitibanos



Fonte: Lattes (2020).

No Gráfico 9 é possível verificar que a UFSC e a UFSM apresentam uma concentração maior de formações dos docentes da UFSC Curitibanos. Também, constata-se a diversidade de instituições encontradas nos Lattes dos docentes desse campus.

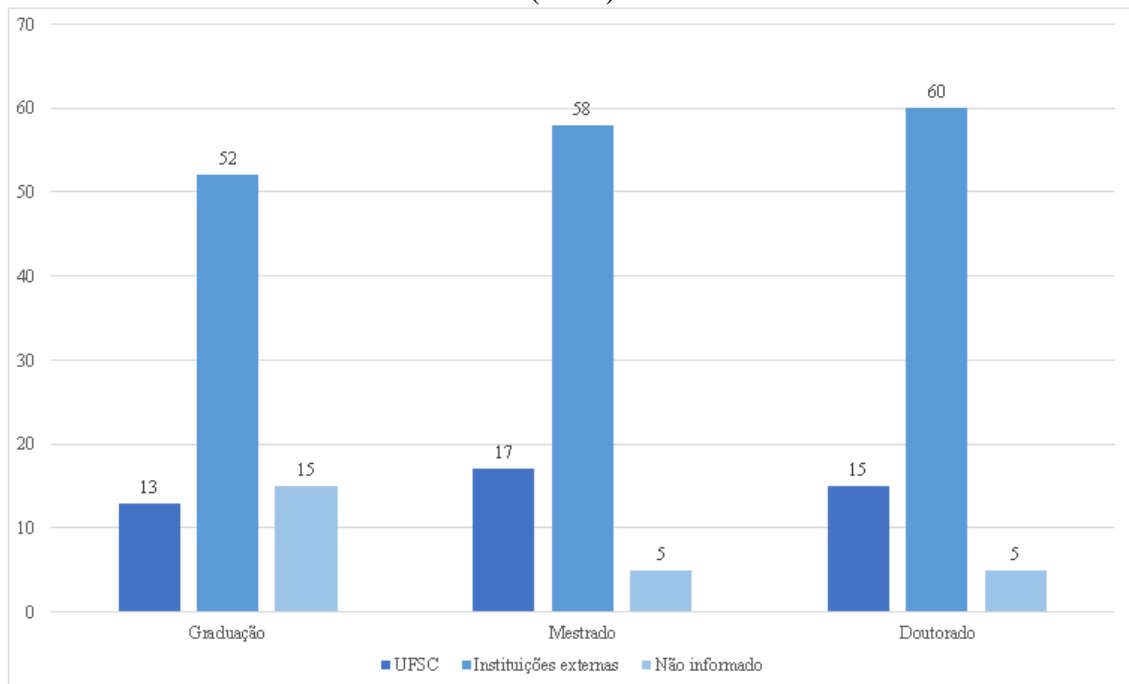
Nesse contexto, 13 currículos (20%) apresentam graduação pela UFSC; 17 (22,7%) têm mestrado pela mesma instituição; e 15 (20%) têm doutorado pela referida universidade.

Na formação de graduação outra instituição que aparece com um número considerável de currículos é a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com 12 currículos, representando 18,5% do total verificado, ocupando a segunda colocação; em terceiro lugar aparece a UDESC, com cinco (7,7%) currículos; e, na quarta posição, a Universidade Regional da Campanha (URCAMP), com três (4,6%) currículos.

No mestrado, a UFSM supera a UFSC em formações, com 20 currículos identificados, representando 26,7% do total de documentos verificados; seguido da UDESC, com cinco currículos, o equivalente a 6,7%; e a UFRGS com quatro currículos, 5,3% do total verificado.

No doutorado, as instituições externas que mais se destacaram dentre os currículos observados está a UFSM com dez currículos (13,3%); a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com nove currículos (12%); e a USP com cinco currículos (6,7%).

Gráfico 10 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Curitibanos (n=80)



Fonte: Lattes (2020).

Na formação da graduação foram evidenciadas 29 instituições, ao todo. No mestrado e no doutorado 22 universidades em cada um dos níveis.

Na graduação não são observadas instituições estrangeiras. Enquanto no mestrado, identifica-se uma instituição estrangeira que é a Universidade Pablo de Olavide (UPO), localizada em Sevilha, na Espanha. Já no doutorado são vistas quatro instituições estrangeiras, são elas: Universidad Complutense de Madrid, na Espanha; Universidade de Coimbra, em Portugal; University of Karlsruhe, na Alemanha; e West Virginia University, nos Estados Unidos. Cada uma dessas instituições internacionais apresentou um docente formado nelas. Pode-se inferir que na medida em que há avanço na formação acadêmica, há maior necessidade, por parte dos docentes, de se expandir o conhecimento para além da sua nacionalidade.

#### 5.2.4 Campus Florianópolis

Para este trabalho, conforme descrito na seção 4, foram coletados 2.035 currículos de docentes que compõem o quadro de pessoal do campus Florianópolis. Enquanto para a análise da formação acadêmica dos docentes lotados no campus Florianópolis foram encontrados 1.699 currículos que trouxeram o campo graduação preenchido; 1.830 currículos com o

campo mestrado informado; e 1.893 currículos com o doutorado devidamente cadastrado.

É importante frisar que muitos dos currículos Lattes de docentes de Florianópolis apresentaram informações incompletas e vagas. Por exemplo, há registros que ao invés de informarem em qual universidade o docente se formou (tanto na graduação, quanto no mestrado e no doutorado), informa o departamento, sem relacioná-lo a uma instituição de ensino superior. Para esses casos, contabilizou-se cada departamento informado no lugar da universidade, como uma instituição. Portanto, pode haver inconsistências nesse sentido, uma vez que os departamentos podem estar relacionados a estabelecimentos de ensino já citados no levantamento.

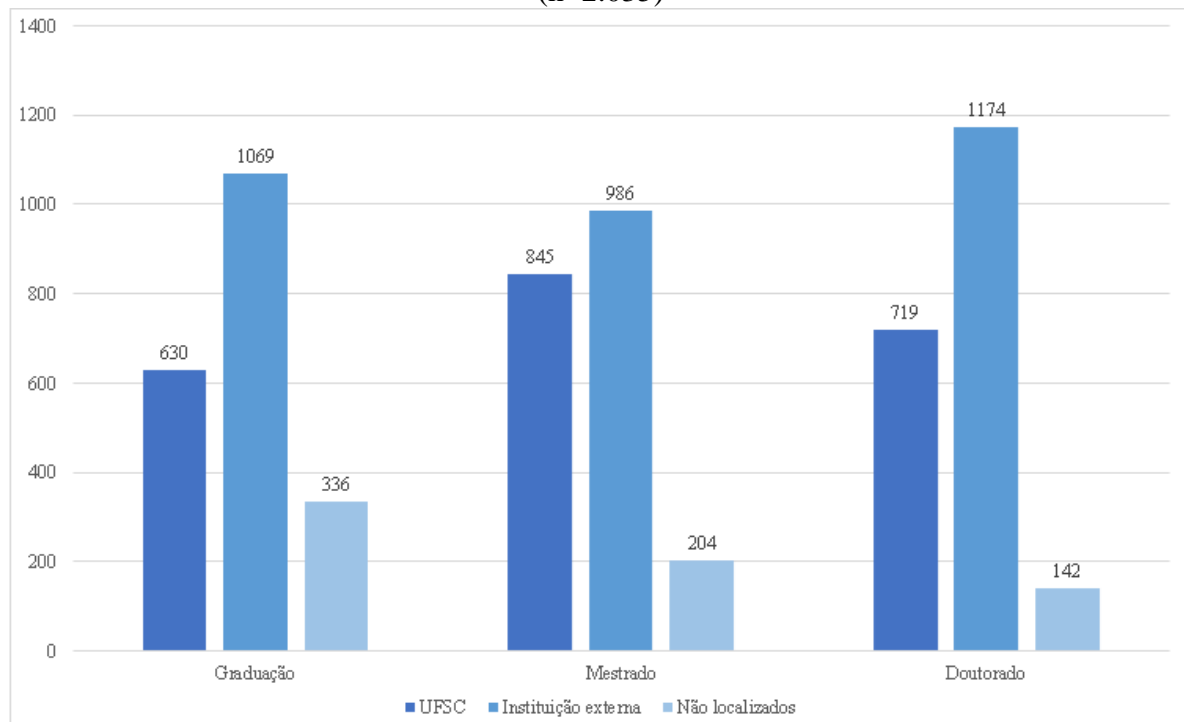
Os docentes do campus Florianópolis apresentam a formação acadêmica conforme o indicado no Gráfico 11.



No Gráfico 11 fica evidente a grande concentração de currículos, cuja formação aponta para a UFSC, na graduação, no mestrado e no doutorado. Da mesma forma existe uma variedade de instituições.

No Gráfico 12, dos 1.699 currículos que informavam a formação na graduação dos docentes da UFSC Florianópolis, 630 (37,1%) indicavam a própria UFSC como instituição responsável por tal título; no mestrado, dos 1.831 currículos que apresentaram essa titulação, 845 (46,1%) eram formados pela própria UFSC; e, no doutorado, a UFSC apareceu em 719 (37,9%) dos currículos, de todos os 1.893 com este campo preenchido.

Gráfico 12 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Florianópolis (n=2.035)



Fonte: Lattes (2020).

Na graduação, as quatro instituições externas que concentram maior número de currículos são: a UFRGS com 108 (6,4%) registros; a USP com 85 (5%) currículos; a UFSC com 71 (4,2%) currículos; e a UFPR com 39 (2,3%) registros. No mestrado, observa-se, também, a UFRGS na segunda posição com 176 (9,6%) currículos; seguida da USP com 162 (8,8%) currículos; a UNICAMP com 79 (4,3%) currículos; e a UFRJ com 55 (3%) currículos. No doutorado, a USP assume a segunda posição, com 238 (12,6%) currículos; seguida da UFRGS com 129 (6,8%) currículos; UNICAMP com 101 (5,4%) currículos; e a UFRJ com 53 (2,8%) currículos.

Na graduação foram listadas 235 instituições distintas; no mestrado 177 universidades;



e no doutorado 296 instituições, muitas delas estrangeiras.

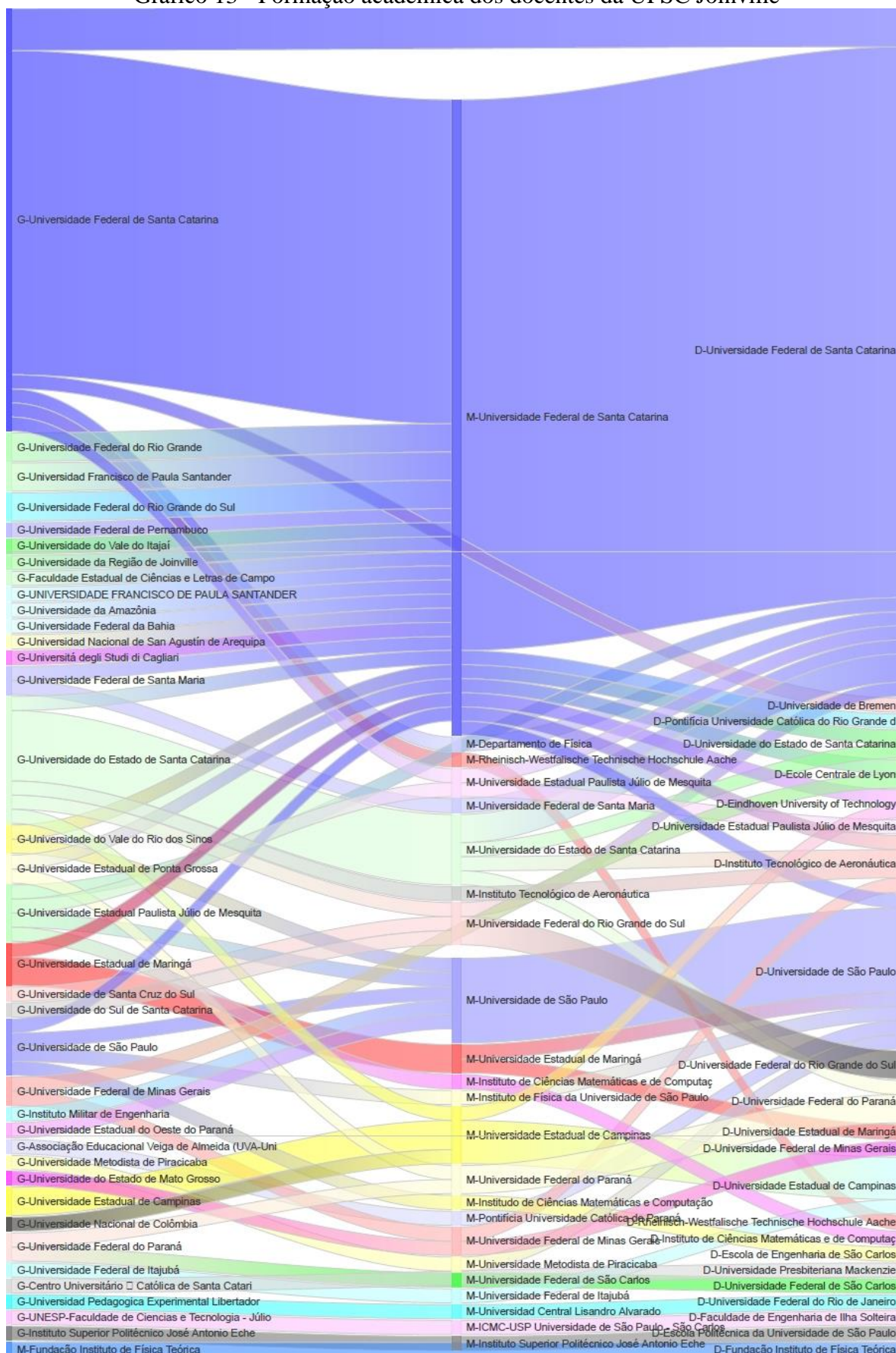
Dentre as instituições estrangeiras observou-se uma diversidade em relação à localidade das mesmas, sendo vistas universidades cuja sede encontra-se em países como Colômbia, Chile, Uruguai, Venezuela, Estados Unidos, Espanha, Itália etc., considerando os três níveis de formação (graduação, mestrado e doutorado).

### **5.2.5 Campus Joinville**

Para esta pesquisa foram considerados 100 currículos Lattes de docentes da unidade de Joinville. Todavia, ao considerar a formação acadêmica desses professores, foram recuperados 91 currículos que apresentavam a graduação (G), o mestrado (M) presente em 88 currículos, e doutorado (D) preenchido em 90 currículos.

O Gráfico 13 demonstra a formação acadêmica dos docentes da UFSC Joinville.

Gráfico 13 - Formação acadêmica dos docentes da UFSC Joinville



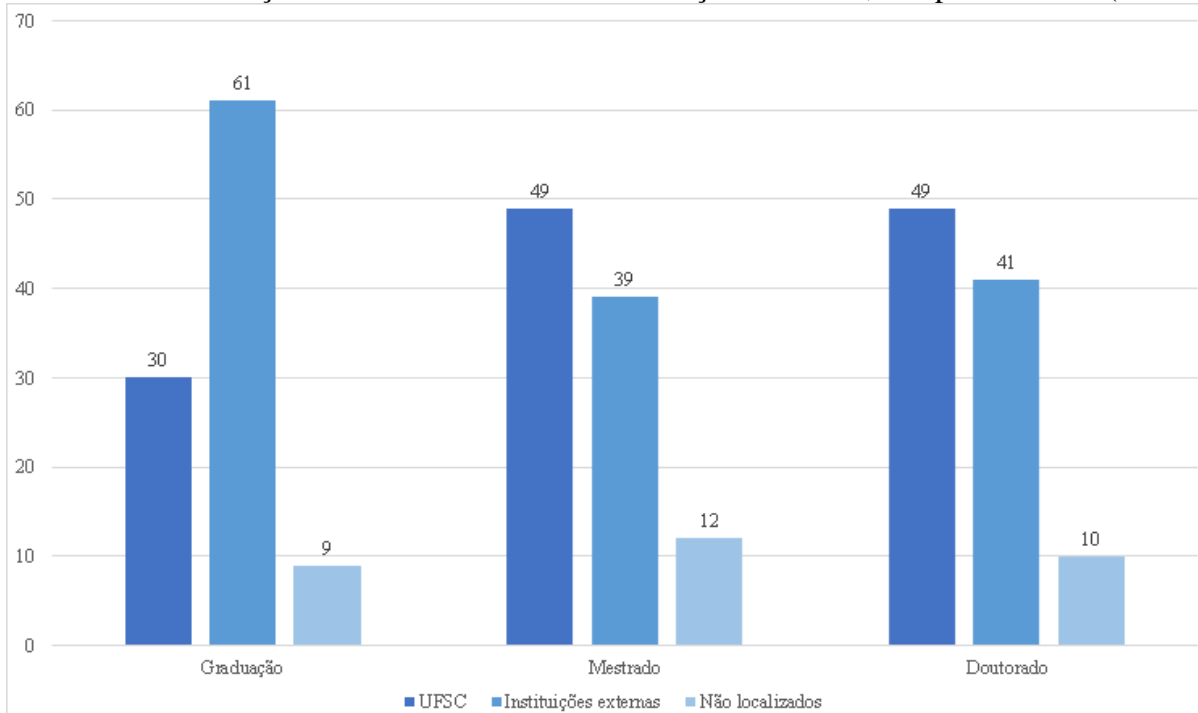
Fonte: Lattes (2020).

No Gráfico 13 também se observa a UFSC com uma representação mais significativa na formação dos docentes do campus em análise. E, novamente, é possível observar uma variedade de instituições presentes nos Lattes dos docentes.

No campus Joinville é possível observar que a UFSC assume papel significativo na formação dos docentes que compõe o seu quadro de pessoal, haja vista que boa parte deles tem a sua trajetória acadêmica — principalmente no que se refere ao mestrado e ao doutorado — solidificada na referida instituição e que retornam ou permanecem nela para o exercício da docência, conforme pode ser visto no Gráfico 14.

Ao todo, foram observados 30 (33%) currículos de docentes que apresentaram graduação na UFSC; 49 (55,7%) docentes da UFSC com mestrado na própria instituição, e 49 (54,4%) professores com doutorado na UFSC.

Gráfico 14 - Formação acadêmica na UFSC x instituições externas, campus Joinville (n=100)



Fonte: Lattes (2020).

Quanto as universidades externas, as que se destacam na formação relativa à graduação dos professores do campus Joinville são, respeitando-se a ordem de representatividade: a UDESC, com nove (9,9%) currículos; seguida da UNESP e da USP, com cinco (5,5%) currículos cada.

No mestrado, a universidade externa de maior destaque é a USP, com dez (11,4%) currículos; seguida da UDESC com cinco (5,7%) das formações; e UNICAMP com quatro

(4,5%) currículos.

Na formação do doutorado, as instituições externas que apresentaram maior representatividade foram: a USP com 14 (15,7%) currículos; seguida do ITA e da UNICAMP com quatro (4,5%) currículos.

A lista de formação da graduação contou com 34 instituições distintas; enquanto no mestrado foram identificadas 17 instituições distintas; e no doutorado, 16.

Dentre as instituições estrangeiras presentes nos currículos dos docentes da UFSC Joinville foram observadas as seguintes: Instituto Superior Politécnico José Antonio Eche (CUAJE), de Cuba; Universidad Francisco de Paula Santander (UFPS) e Universidade Nacional de Colômbia (UNAL), da Colômbia; Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa (UNSA), do Peru; Universidad Pedagógica Experimental Libertador (UPEL) e Universidad Central Lisandro Alvarado (UCLA), da Venezuela; Università degli Studi di Cagliari, da Itália; Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule Aachen (RWTH Aachen University) e Universidade de Bremen, da Alemanha; Cornell University, dos EUA; Ecole Centrale de Lyon, da França; Eindhoven University of Technology (TUE), da Holanda.

O Instituto Superior Politécnico José Antonio Eche (CUJAE) apareceu duas vezes em níveis distintos: uma vez na formação de graduação e outra na formação de mestrado. Da mesma forma, a Rheinisch-Westfälische Technische Hochschule Aachen (RWTH Aachen University) foi contabilizada duas vezes: uma vez na formação de mestrado e outra no doutorado.

### **5.2.6 Panorama geral do perfil acadêmico dos docentes da UFSC**

Cabe salientar que em todos os *campi* da UFSC foi recuperada uma quantidade menor de currículos em comparação ao total considerado de cada *campi* — levando-se em consideração os números apresentados na seção 4 desta pesquisa — ao se trabalhar com a formação acadêmica dos docentes. Nesse caso, algumas hipóteses podem ser consideradas para a não recuperação de todos os currículos dos *campi*, em todas as formações acadêmicas (graduação, mestrado e doutorado), dentre elas: a) inconsistências no preenchimento dos currículos na Plataforma Lattes; b) nem todos os docentes vinculados a uma instituição de ensino superior trabalham com o viés de pesquisa e, por isso, não sentem a necessidade de atualização constante e completa de seu currículo na plataforma; c) no caso específico de currículos isentos da informação acerca do mestrado, pode-se pensar que, durante o processo de formação acadêmica, alguns docentes tenham transitado da graduação direto para o

doutorado; ou, também, formações que entregam juntas as duas titulações de mestrado e doutorado.

De modo geral, as instituições externas são mais representativas na graduação dos docentes da UFSC, de modo que os professores da UFSC graduados na própria instituição apresentaram índice aproximado a 30% em seus *campi*, à exceção de Florianópolis, que concentra 40% dos seus docentes graduados na referida instituição.

Observa-se um processo de endogenia bastante forte na UFSC, quando se verificam os percentuais de formação no mestrado e no doutorado. Pelegrini e França (2020) definem tal processo como a permanência dos formados no doutorado na mesma instituição a qual obtiveram o referido título, porém assumindo o papel de docente. Belmont (2021) investiga a mobilidade acadêmica dos pesquisadores que integram o Sistema Nacional de Investigadores (SNI) do México e demonstra que existe uma tendência dos pesquisadores em manter seus estudos, mais especificamente o doutorado, na mesma região em que realizaram o seu mestrado.

No levantamento feito na UFSC essa constatação é também uma realidade, uma vez que todos os *campi*, à exceção de Curitibanos, tiveram índices de formação na UFSC, no mestrado e doutorado, próximos (na faixa de 40% e 50%, dependendo do campus). No caso de Curitibanos, observou-se que nos três cursos de formação a obtenção dos títulos respeitou também a regionalidade, sendo percebida maior concentração de currículos na UFSM (na faixa de 20% para graduação e mestrado e de 10% para o doutorado) e na UFSC (na faixa de 20% dos currículos, na graduação, mestrado e doutorado), conforme citado anteriormente na subseção 5.2.3 deste trabalho.

Considerando os cinco *campi* da universidade, o índice de formação, na própria UFSC, nesses dois níveis acadêmicos, gira em torno de 40% e 50%. Portanto, há uma tendência para que os discentes da universidade sigam vinculados a ela, retornando ou permanecendo para a carreira docente. Destaca-se aqui que os *campi* fora de sede de Blumenau e Joinville são os que apresentaram maior número de docentes formados (no mestrado e/ou doutorado) pela UFSC, conforme as subseções 5.2.2 e 5.2.4.

Pelegrini e França (2020) tecem críticas à endogenia acadêmica, referindo-se a ela como ‘a imobilidade no corpo docente’ e defendem que ela influencia a produtividade científica, a excelência e a inovação, uma vez que repercute na circulação de ideias e conhecimentos gerados pelas redes de colaboração entre países e instituições. Assim, indivíduos que agregam formações em diferentes instituições conseguem diversificar suas experiências, suas visões, seus processos de aquisição de conhecimento, suas relações de

pesquisa e transmiti-las para as instituições onde atuam; diferentemente de indivíduos que se mantêm vinculados à mesma instituição durante toda, ou parte, da sua formação acadêmica. De acordo com Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2014) a endogenia pode dizer respeito tanto às relações resultantes da vivência dentro dos limites de uma dada instituição ou país.

Apenas para ilustrar os efeitos da endogenia acadêmica, Velho e Krige (1984) demonstraram em uma pesquisa qualitativa na área de ciências agrícolas que cientistas renomados tendem a se comunicar em menores proporções com cientistas de outras instituições e estabelecem uma relação mais próxima com pesquisadores da própria instituição em que atuam. No entanto, a maior percepção que se tem não é a de que pesquisadores endógenos produzem menos (PELEGRINI; FRANÇA, 2020), mas sim, da diversidade de relações que incidem nas colaborações.

Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2014) pontuam que há uma necessidade de descentralização das atividades científicas no Brasil, devido ao que chama de ‘heterogeneidade espacial brasileira’, como tentativa de desenvolver regionalmente áreas menos privilegiadas e direcionar esforços para atender a demandas locais pertinentes. Essa regionalidade reflete os *campi* das universidades públicas, espalhados por todo o território nacional.

De acordo com Pelegrini e França (2020), o Brasil é um país que apresenta uma média salarial padrão para os docentes, principalmente quando se refere à rede federal de ensino superior. Esse fato pode ser relevante para a questão da imobilidade de docentes e pesquisadores, uma vez que não incentiva o deslocamento desses indivíduos para regiões distintas à sua formação acadêmica, o que acaba trazendo reflexos para a melhora da qualidade e produtividade das pesquisas (DILLON, 2003).

Em todos os *campi* da UFSC é possível visualizar que, quando se trata da formação em outras instituições que não a própria universidade em questão, existe a influência da regionalidade, sendo vistas universidades localizadas próximas, ou relativamente próximas, aos *campi* da UFSC; essa regionalidade é demonstrada também no estudo de Belmont (2021). De um modo geral, o que pode ser observado é que muitos docentes se formam em instituições que ficam a um raio de 1.000 km dos *campi* da UFSC, onde exercem as suas atividades profissionais enquanto docentes, depois de concluídas as etapas da formação acadêmica. Nesse contexto, foi identificado que instituições radicadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo são bem presentes na formação acadêmicas dos docentes da UFSC — tendo destaque a PUCRS, a UFPel, a UFSM, a UFRGS, a UNESC, a UDESC, a FURB, a USP, a UNICAMP, a UFSCar, a UNESP e o ITA.

Nesse sentido, identifica-se que as instituições nacionais de maior destaque dentre as formações acadêmicas dos docentes da UFSC, são as públicas. Algumas hipóteses podem ser levantadas a respeito disso, como a não cobrança da mensalidade; a relevância de universidades públicas, especialmente as federais, no processo de pesquisa; a oferta de cursos que atendam áreas altamente especializadas; e a localização geográfica dessas instituições.

Todavia, Catani (2008) argumenta que, no Brasil, 70% das matrículas se concentram em universidades privadas, contudo o autor não especifica se esse dado se refere aos três níveis de formação (graduação, mestrado e doutorado). Silva (2001) esclarece que as instituições privadas de ensino estão submetidas aos efeitos do mercado, enquanto as instituições públicas não; prova disso é que as universidades públicas que conquistaram padrões elevados de ensino e pesquisa foram aquelas que instituíram a dedicação exclusiva e a pesquisa básica no rol das suas atividades, fato este que demonstra “[...] um grau elevado de independência com relação às injunções imediatas do mercado” (SILVA, 2001, p. 299).

Outro ponto observado é que nos *campi* fora de sede da UFSC verificou-se que na graduação há uma diversidade maior de instituições quando comparadas as formações de mestrado e doutorado. Hipóteses para isso são: a) a questão da busca por instituições próximas das cidades de origem dos docentes; b) preferência por instituições públicas; e c) busca por programas de pós-graduação que especializam as áreas que os indivíduos desejam atuar profissionalmente.

Tal hipótese de que exista um afunilamento na quantidade de instituições à medida que se avança na formação acadêmica não se aplica ao campus de Florianópolis, uma vez que a lista de instituições que compõem a formação dos docentes do referido campus supera a quantidade de instituições de formação da graduação desses mesmos docentes. Conforme apresentado na seção 5.2.4, ressalta-se que, na graduação, Florianópolis apresentou 235 instituições distintas; no mestrado 177 universidades; e no doutorado 296 instituições, muitas delas estrangeiras. Cabe reiterar que, conforme explicitado no início da seção 5.2.4, muitos dos currículos Lattes de docentes de Florianópolis apresentaram informações incompletas e vagas, o que pode interferir nessa análise.

Em todos os *campi* fora de sede há a presença de instituições estrangeiras na formação acadêmica dos docentes da UFSC, desde países latinos, norte-americanos e europeus. Marrara (2007) destaca que a internacionalização acadêmica promovida hoje no Brasil, diz respeito ao desenvolvimento da educação e da ciência a partir da troca de experiências com outros indivíduos e entidades estrangeiras; e que esse tipo de atividade só tem sido possível no País graças às agências nacionais como a CAPES e o CNPq, e a algumas agências estaduais de

amparo à pesquisa. Ainda, conforme o autor, a internacionalização acadêmica se dá tanto pelas atividades discentes desenvolvidas, especialmente por mestrandos e doutorandos, como por docentes que têm a possibilidade de realizar estágios no exterior, participar de eventos e cursos internacionais e coorientação de mestrandos e doutorandos estrangeiros (MARRARA, 2007).

No Gráfico 15 é possível observar a distribuição das áreas de formação dos docentes dos cinco *campi* da UFSC.





Observa-se no Gráfico 15 que o campus de Florianópolis (em vermelho) apresenta maior diversidade de áreas quando se refere à formação de seus docentes. O que pode ser atribuído ao fato de ser o campus mais antigo da universidade, com uma estrutura tanto física quanto humana que comporta cursos e o desenvolvimento de atividades em áreas diversas do conhecimento e, que, por este motivo requer a formação de seus docentes em diversas e distintas áreas do conhecimento.

É possível reparar que o campus de Curitibanos (em amarelo) é o que mais se distancia e, portanto, se distingue das áreas presentes no campus sede; dedicando fortemente à área de ciências agrárias e medicina veterinária. Esse campus apresenta particularidades bem específicas que poderão ser observadas também no que diz respeito à sua produção científica e tecnológica, conforme exposto na seção 7.3 deste trabalho.

Os *campi* de Blumenau e Joinville (ambos em verde no gráfico) apresentam áreas de atuação dos seus docentes bem próximas, devido aos cursos de engenharia presentes nos dois *campi*. A maior diferença entre as duas unidades está no fato de que Joinville se dedica única e exclusivamente às áreas de Engenharias e Ciências Exatas e da Terra, enquanto Blumenau, além dessas áreas, desenvolve estudos e atividades também ligados à Educação, uma vez que oferta cursos de graduação do tipo licenciatura.

Araranguá (em azul) apresenta as formações de seus docentes nas áreas ligadas à Saúde; e tem, também, em seu rol de cursos, os ligados às Engenharias e Ciências Exatas e da Terra. Por isso, no Gráfico 15, observa-se a proximidade desse campus, com os *campi* de Florianópolis, Blumenau e Joinville.

### 5.3 INDICADORES DE PRODUÇÃO DOS PESQUISADORES DA UFSC

Nesta seção são apresentados os indicadores de produção científica e tecnológica dos pesquisadores da UFSC registrados na Plataforma Lattes, considerando os seus cinco *campi* — Araranguá, Blumenau, Curitibanos, Florianópolis e Joinville. Cabe ressaltar que os dados expostos aqui se referem ao recorte temporal que se estende do ano de 2009 a 2020, obedecendo a data de criação dos *campi* fora de sede da UFSC, conforme explicitado na seção 4 (Metodologia) deste trabalho.

Não foi possível coletar todos os 2.437 currículos porque, conforme descrito na Metodologia (seção 4), os nomes de alguns docentes não foram localizados durante a busca na Plataforma Lattes. Portanto, o total de currículos considerados nesta análise foi de 2.419 currículos.

### 5.3.1 Distribuição da produção científica e tecnológica por docentes da UFSC e tipo de documento

No quadro 13 são apresentados os números absolutos e as médias de produção por docentes da UFSC, de acordo com seu campus de lotação. Ou seja, demonstra-se quantas publicações, em média, os docentes da UFSC publicaram nos últimos 11 anos. A coluna “nº de currículos analisados” diz respeito à quantidade de docentes que tiveram as suas publicações extraídas do currículo Lattes. Cabe salientar que o campus Blumenau foi criado no ano de 2013, contudo, para fins de padronização, a análise da produção dos docentes desse campus considerou também as produções geradas a partir do ano de 2009.

Foram pontuadas como produções científicas e tecnológicas: artigos científicos, livros, capítulos de livros, anais de eventos, *softwares*, patentes e produtos tecnológicos. A incidência da categoria ‘desenhos técnicos’ foi vista fora do recorte temporal considerado para esta pesquisa, portanto, não foi contemplada na amostra em análise.

É possível observar que dentre os *campi* da UFSC, o comportamento quanto ao tipo de produção que se costuma utilizar para a divulgação de suas pesquisas demonstra-se similar, sendo os anais de eventos, ou *proceedings*, e os artigos científicos, as publicações de maior representatividade em todos os *campi*.

Cabe salientar que para esta pesquisa o uso de números absolutos se mostra ineficiente, pois o tamanho da amostra condizente com o campus sede (Florianópolis) se apresenta em proporções maiores do que a dos demais campus da UFSC. Desse modo, a opção pelo uso da média simples procura aproximar os dados entre os cinco *campi*, de maneira menos discrepante, favorecendo a análise mais condizente com a realidade.

Quadro 13 - Média da Produção Científica e Tecnológica dos pesquisadores da UFSC por tipo de documento

<b>Campus</b>	<b>Nº de currículos analisados</b>	<b>Artigos</b>	<b>Livros</b>	<b>Capítulos de livros</b>	<b>Anais de eventos</b>	<i>Softwares</i>	<b>Patentes</b>	<b>Produtos tecnológicos</b>
Araranguá	108	1.917	175	473	2.977	69	26	17
Blumenau*	96	1.074	93	237	2.040	47	32	23
Curitibanos	80	1.524	88	171	2.850	8	21	7
Florianópolis	2.011	49.736	5.258	12.039	55.871	614	876	401
Joinville	100	915	108	195	2.140	77	69	38
<b>Campus</b>	<b>Nº de currículos analisados</b>	<b>Artigos</b>	<b>Livros</b>	<b>Capítulos de livros</b>	<b>Anais de eventos</b>	<i>Softwares</i>	<b>Patentes</b>	<b>Produtos tecnológicos</b>
Araranguá	108	17,8	1,6	4,4	27,6	0,6	0,2	0,2
Blumenau	96	11,2	1,0	2,5	21,3	0,5	0,3	0,2
Curitibanos	80	19,1	1,1	2,1	35,6	0,1	0,3	0,1
Florianópolis	2.011	24,7	2,6	6,0	27,8	0,3	0,4	0,2
Joinville	100	9,2	1,1	2,0	21,4	0,8	0,7	0,4

\* Foi considerado 2009, porém o campus de Blumenau foi constituído em 2013.

Fonte: Lattes (2020).

Ao considerar a média de publicação nos anais de eventos, Curitiba é o campus que aparece com a maior quantidade de trabalhos desse tipo por autor, o que pode ser justificado pelos cursos na área de Ciências Agrárias, que segundo Mueller (2007), é uma área que prefere os eventos para publicar as suas pesquisas. São 35,6 trabalhos publicados em eventos por docente; ficando à frente, inclusive, do campus sede (Florianópolis), que assume a segunda posição com uma média de 27,8 trabalhos por docente. O campus de Araranguá aparece na terceira posição com 27,6 trabalhos por docente, e como oferta cursos nas áreas de Engenharia e Tecnologia é justificável que tenha participação em eventos bem pontuada, uma vez que, Mueller (2007) esclarece que tais cursos também têm preferência por esse tipo de produção. Em quarto lugar aparece Joinville, com a média de 21,8 trabalhos por docente, que mesmo sendo um campus composto por apenas cursos das áreas de Ciência e Tecnologia, se mostra menos participativo em eventos do que os demais *campi* da UFSC; e, em último e quinto lugar, o campus de Blumenau com 21,3 trabalhos por docente.

Uma hipótese para as publicações em anais de eventos, ou *proceedings*, se destacarem na UFSC é que nessa categoria podem estar inclusas tanto as publicações mais completas, que exigem, de certa forma, mais tempo e dedicação dos seus autores; quanto publicações mais curtas, como resumos e pôsteres, que requerem menos tempo e dedicação para a sua elaboração.

Quanto aos artigos científicos, Florianópolis lidera a quantidade de publicações, apresentando a média de 24,7 trabalhos por docente, provavelmente porque conta com uma variedade maior de cursos, especialmente nas áreas de Ciências Biológicas, Ciências Exatas e até mesmo Ciências Sociais (a contar pela pós-graduação, são 91 programas nessas áreas em Florianópolis, conforme a Tabela 1 apresentada neste trabalho); seguido de Curitiba que aparece com 19,1 artigos por autor e que, curiosamente, mesmo sendo o campus com o menor número de lotação docente, consegue uma posição de segundo lugar na média de produtividade de artigos científicos; Araranguá com 17,8 artigos por docente, também pela natureza de suas áreas de concentração; Blumenau com média de 11,2 artigos por docente; e, por último, Joinville com uma média de 9,2 trabalhos por docente, demonstra e corrobora as colocações de Mueller (2007), que enfatiza que os canais preferenciais de publicação para as Engenharias são os anais de eventos.

Os professores da UFSC Florianópolis produziram, no período de 2009 a 2020, em média, seis capítulos de livros; enquanto os docentes de Araranguá escrevem uma média de quatro capítulos, e os professores dos demais *campi* produzem, em média, dois capítulos de livros. Essa relação pode estar associada ao fato de que Florianópolis dispõe de um número

significativamente maior de cursos nas áreas de Ciências Sociais e Ciências Humanas do que os demais *campi*, é possível visualizar isso na subseção 5.1 deste trabalho, em que são mencionados os cursos de graduação e os programas de pós-graduação ofertados por todos os *campi*. Contudo, mesmo Araranguá não dispondo de cursos nessas áreas, ele mantém certa produtividade desse tipo de publicação.

Assim como demonstrado nos capítulos de livros, a escrita de livros tem média maior em Florianópolis, representando dois livros por docentes; e um (1) livro por docente nos *campi* de Araranguá, Blumenau, Curitiba e Joinville. É possível observar que nos *campi* fora de sede, apesar de seus cursos serem distintos e não relacionados às áreas de Humanidades e Ciências Sociais e Aplicadas (à exceção de Blumenau, que tem cursos na área da educação), a média de escrita desse tipo de publicação por docente não fica muito distante da média apresentada por Florianópolis, que concentra cursos nas referidas áreas.

Os *softwares*, as patentes e os produtos tecnológicos representam uma média de produção inferior a um (1) por docente, em todos os *campi* da UFSC. O que significa dizer que a produção tecnológica na UFSC, como um todo, é menos expressiva se comparada aos demais tipos de produção de conhecimento.

Todavia, ao analisar o Quadro 13, é possível observar que o campus de Joinville consegue ter uma média de produtividade de *softwares*, patentes e produtos tecnológicos maior do que o campus sede. Joinville lidera a lista dentre todos os *campi*. Uma das hipóteses para esse fato é apontada por Meadows (1999) que destaca, também, que as Engenharías, ou melhor, os engenheiros costumam se voltar para o desenvolvimento de produtos e patentes. Além disso, a cidade é considerada um grande polo industrial do estado de Santa Catarina (JOINVILLE, 2018) e, portanto, requer esse tipo de produção informacional. No documento ‘Joinville em dados’, de 2018, destaca-se que o município apresenta histórico de interação entre universidades, públicas e privadas, e empresas; destacando inclusive a presença da UFSC na cidade (JOINVILLE, 2018).

O campus de Araranguá aparece com média de produtividade de *software* duas vezes maior do que Florianópolis, dada a natureza dos seus cursos e a importância do desenvolvimento tecnológico para diversos segmentos econômicos do município, onde destacam-se o comércio, a indústria, a agricultura e o turismo (ARARANGUA, 2020).

Blumenau também aparece à frente de Florianópolis na produção de *softwares*, o que pode ser explicado pelo desenvolvimento tecnológico ao qual essa região tem se submetido nos últimos anos (BLUMENAU, 2016).

No quesito patentes, Florianópolis assume a segunda posição com média de 0,4 por

docente, podendo-se destacar a presença do Centro Tecnológico (CTC) como um argumento para tal produtividade, pois o centro abriga os cursos nas áreas de Engenharia e Tecnologia. Em seguida, Curitiba e Blumenau aparecem com média de 0,3; e Araranguá com média 0,2.

Uma hipótese para os números mais baixos na produção de *softwares* e produtos tecnológicos é que nesses tipos de fontes de informação normalmente há a participação de mais de um docente na elaboração e implantação dos projetos, fazendo com que haja força de trabalho em maior quantidade em um único projeto, por exemplo. Diferentemente do que ocorre em produções científicas, onde, em várias áreas é possível a elaboração de produções de forma individual, o que favorece a ampliação quantitativa de publicação.

Mueller (2005) afirma que há canais preferenciais de comunicação de acordo com as áreas do conhecimento. A autora destaca que as Ciências Exatas e Biológicas preferem publicar em periódicos internacionais os seus artigos científicos, enquanto as áreas de Engenharias e Tecnologias preferem os eventos científicos. Meadows (1999) destaca, também, que as Engenharias, ou melhor, os engenheiros costumam se voltar para o desenvolvimento de produtos e patentes. No estudo de Mueller (2005), a Ciência da Saúde publicou preferencialmente em periódicos nacionais, mas também os periódicos internacionais foram significativos. As Ciências Agrárias demonstram preferência por canais nacionais, tanto para periódicos quanto eventos. Já as Ciências Sociais, Humanas e Linguística, Letras e Artes optam pelos livros e capítulos de livros nacionais e por periódicos nacionais. Contudo, a autora visualiza que o uso dos artigos científicos é crescente em todas as áreas do conhecimento.

Nesse cenário dos canais preferenciais de comunicação, cabe destacar a relevância da comunicação científica, que é o que proporciona a abertura de diálogo entre os pares da comunidade científica, enquanto a divulgação científica se preocupa em divulgar o que ocorre dentro do universo científico para o público externo a ele. Diante disso, “[...] a comunicação é um processo que se inicia com a pesquisa e termina com as descobertas incorporadas ao conhecimento científico, sendo a informação parte inseparável da pesquisa” (VALÉRIO; PINHEIRO, 2008, p. 4).

A geração de informação ocorre durante o processo de pesquisa e a sua disseminação se dá por meio dos canais formais e informais de comunicação, orais ou escritos. (VALÉRIO; PINHEIRO, 2008). Fortemente presente junto aos programas de pós-graduação, Moreira (2003) destaca que a pesquisa e a pós-graduação são ‘interdependentes’. De acordo com o autor, a pesquisa consolidada, forte e independente faz surgir uma pós-graduação nos mesmos

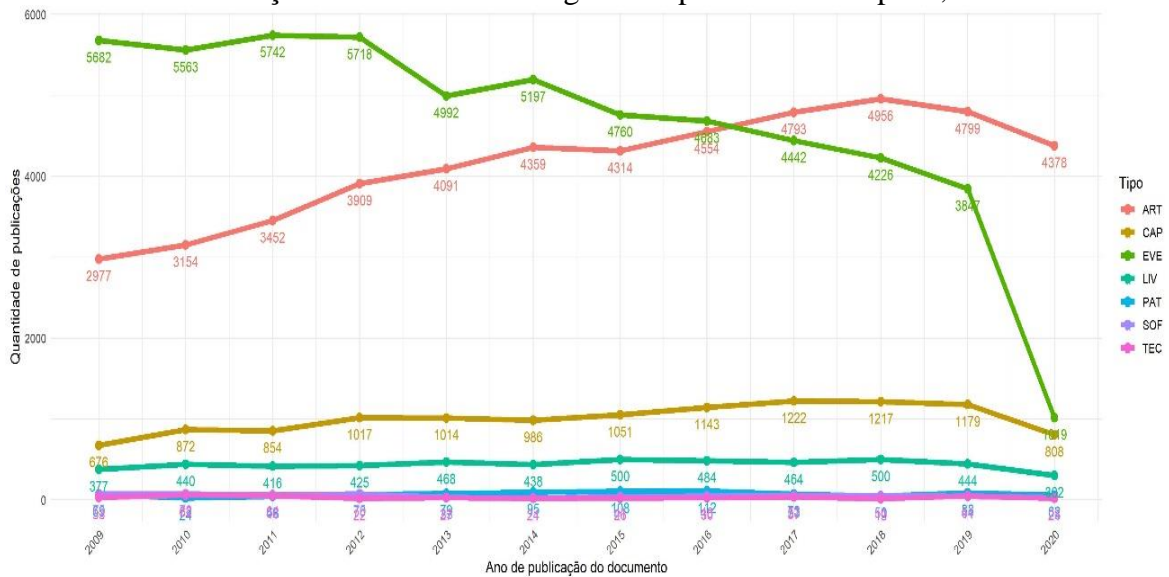
moldes. Mueller (2005) reforça que os cursos de pós-graduação no Brasil têm participação significativa na realização das pesquisas nacionais. Moreira (2003) afirma que para que as pesquisas na sua área de atuação — Ensino de Ciências — sejam providas de qualidade, é fundamental a publicação de seus resultados em revistas onde se tenha mais rigor e crítica; a publicação de artigos em revistas arbitradas é critério internacional, destaca Moreira (2003).

Embora, em Araranguá, Blumenau, Curitiba e Joinville, os anais de eventos, ou *proceedings*, apresentem um número maior de produções em relação aos demais tipos de produção, em Florianópolis evidencia-se que os artigos científicos passaram a superar os anais de eventos a partir do ano de 2016, conforme o Gráfico 16.

Uma das hipóteses para o decréscimo de produções em eventos, no campus Florianópolis, a partir do ano de 2016, pode estar relacionada aos constantes cortes e contingenciamentos de verba que as universidades federais estiveram submetidas a partir do orçamento de 2017 (SEDUFMS, 2017), fazendo com que o auxílio à participação de eventos fosse prejudicado.



Gráfico 16 - Produção científica e tecnológica campus de Florianópolis, de 2009 a 2020



Fonte: Lattes (2020).

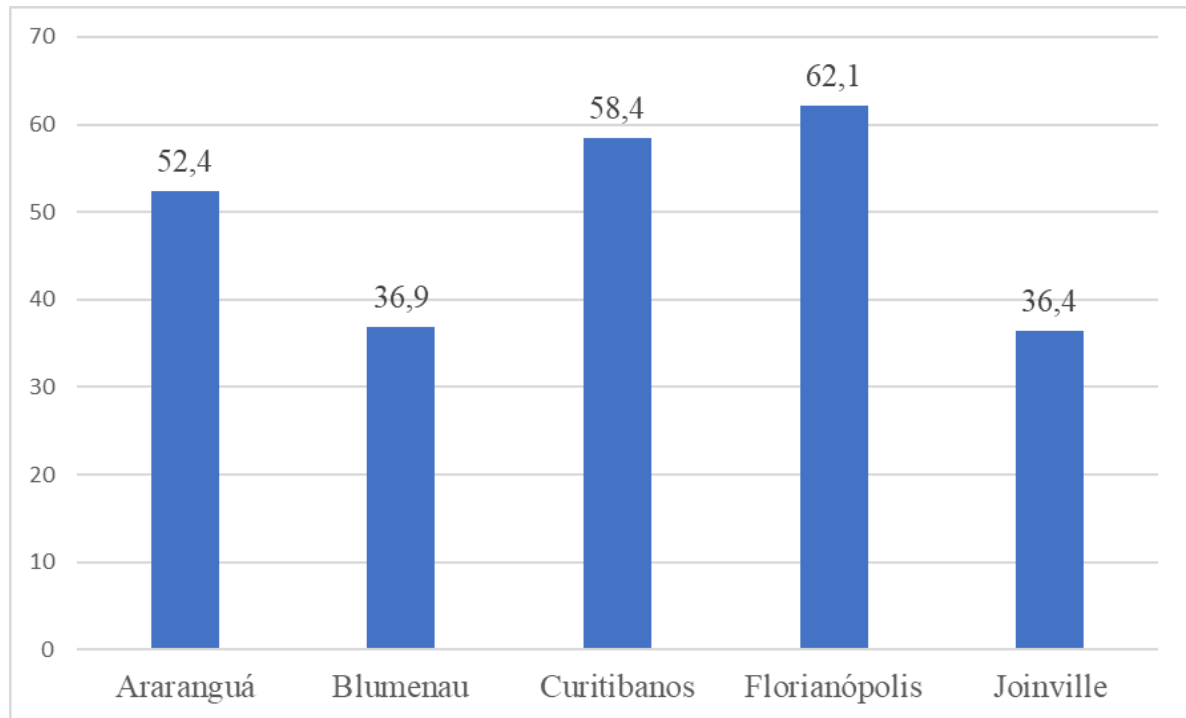
Outro ponto detectado no Gráfico 16, que traz as informações de todos os *campi*, fica evidente a queda na produção de publicações em eventos no ano de 2020, o que pode ser justificado pela pandemia de Coronavírus (Covid-19) que assolou o mundo durante esse período.

### 5.3.2 Produção geral de conhecimento pelos *campi* da UFSC

Ao realizar a análise da produção total de conhecimento entre os *campi* fora de sede da UFSC, se observa que Araranguá é a unidade com maior número de docentes (108), essa é uma das hipóteses que justifica explicar o seu destaque no *ranking* aqui apresentado. Todavia, e curiosamente, o campus de Curitibanos que é o que tem menos docentes lotados em seu quadro de pessoal (80), ocupa a segunda posição em produção de conhecimento dentre os *campi* fora de sede da UFSC. Em terceiro lugar aparece Joinville com 100 docentes em sua composição. E Blumenau, com uma pequena diferença em relação ao campus anterior, ocupa o quarto lugar, com menor quantidade de publicações visualizadas, tendo 96 docentes no campus. Contudo, Blumenau tem menos tempo de existência, considerando que o início das suas atividades ocorreu 5 anos após os demais *campi* fora de sede.

Ao utilizar a média da produção geral de conhecimento por pesquisador, evidencia-se que:

Gráfico 17 - Média da produção científica e tecnológica por pesquisador da UFSC, de 2009 a 2020



Fonte: Lattes (2020).

O campus Florianópolis apresenta média de produção geral, de 62,1 produções por professor, isso pode ser justificado pelo elevado número de cursos, principalmente de programas de pós-graduação, que fazem com que o volume de conhecimento produzido seja exigentemente maior, atrelado a uma estrutura física que permite o desenvolvimento de atividades de cunho acadêmico, científico e tecnológico. Há que se ter em mente, também, que Florianópolis já preserva, de certo modo, uma tradição com a pós-graduação, haja vista que os dois primeiros cursos *stricto sensu* de sede iniciaram as suas atividades no ano de 1969.

Os docentes do campus de Curitibanos têm uma produtividade maior em relação aos demais *campi* fora de sede (58,4), tendo o menor número de docentes dentre os quatro *campi* e apresentando apenas dois programas de pós-graduação, um deles iniciado em 2016 e outro em 2020. Araranguá apresenta 52,4 produções por docente e quatro programas de pós-graduação, três deles iniciados em 2014 e um em 2016. Blumenau tem 36,9 publicações por docente, com quatro programas de pós-graduação, cujo início das atividades ocorreu em 2016, 2017 e dois dos programas em 2019. E, por fim, Joinville com 36,4 produções por docente e dois programas de pós-graduação, iniciados em 2015 e em 2017.

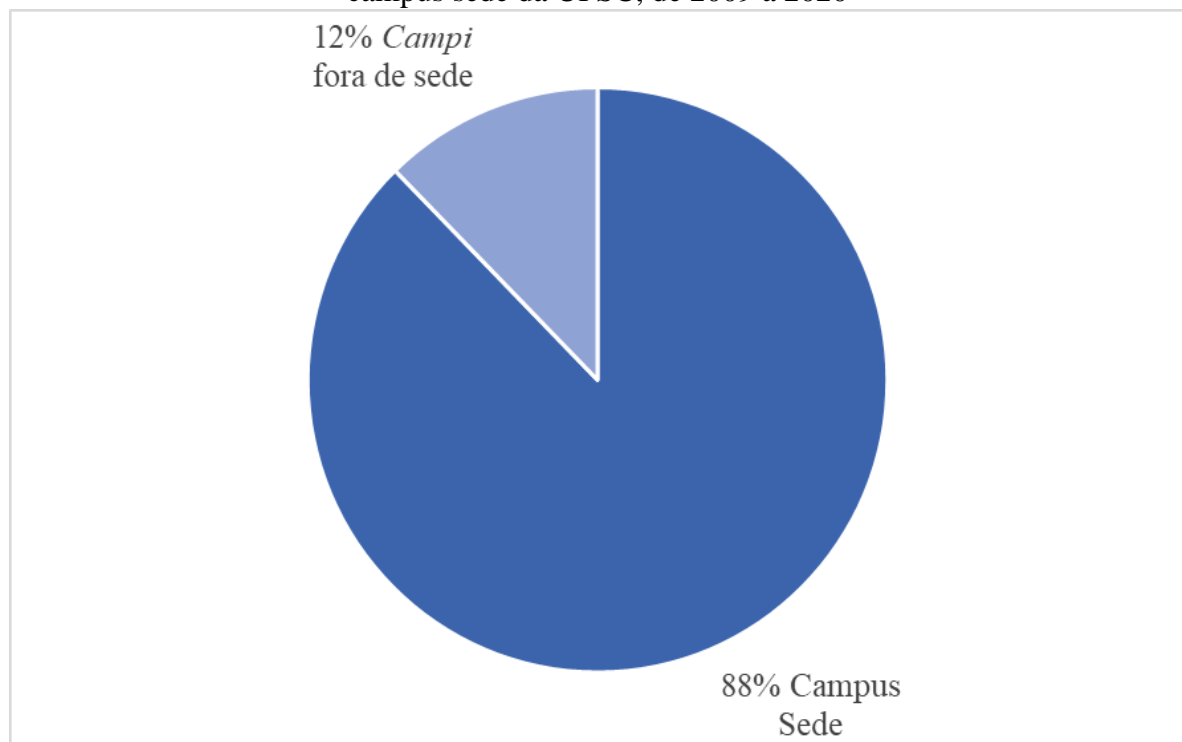
O campus de Curitibanos se destaca na produtividade quando se leva em consideração a variável data de criação dos cursos de pós-graduação. Embora ele tenha tido seu primeiro

curso *stricto sensu* estabelecido em 2016, dois anos depois, inclusive, que o primeiro curso iniciado em Araranguá (2014); um ano depois de um dos programas de Joinville (2015); e no mesmo ano de um dos mestrados de Blumenau; o campus de Curitibanos, ainda assim, consegue obter destaque na produtividade frente aos *campi* fora de sede.

### 5.3.3 Distribuição geral da produção científica e tecnológica da UFSC: *campi* fora de sede x campus sede

A distribuição da produção científica e tecnológica da UFSC entre os *campi* fora de sede e o campus sede (Florianópolis) se deu da seguinte maneira, nos últimos 11 anos: 88% da produção de conhecimento da UFSC ocorreu no campus sede, enquanto 12% apresentaram como cenário os *campi* fora de sede, conforme o Gráfico 18.

Gráfico 18 - Distribuição da produção científica e tecnológica entre os *campi* fora de sede e o campus sede da UFSC, de 2009 a 2020



Fonte: Lattes (2020)

Pode-se tecer algumas considerações para o fato da produção de conhecimento da UFSC se concentrar em maiores proporções no campus sede. Primeiramente, o fato de o campus sede existir desde o ano de 1960 permite a ele uma melhor estrutura física, a disponibilização de um número maior de espaços que servem de apoio, e muitas vezes, de

palco para as pesquisas, como laboratórios devidamente equipados, por exemplo. Cabe reiterar que para este estudo, trabalhou-se com o recorte temporal de 2009 a 2020. Na sequência, pela sua longa existência, o quantitativo de pessoal é notadamente maior do que nos *campi* fora de sede; são mais de 2.000 docentes lotados em Florianópolis, enquanto o somatório de docentes lotados nos quatro *campi* fora de sede da UFSC não chega a 400 docentes. Outro ponto a se considerar, é que o número de cursos, especialmente de programas de pós-graduação em Florianópolis é muito superior ao somatório de programas disponibilizados pelos *campi* fora de sede, conforme pode-se observar no Gráfico 19.

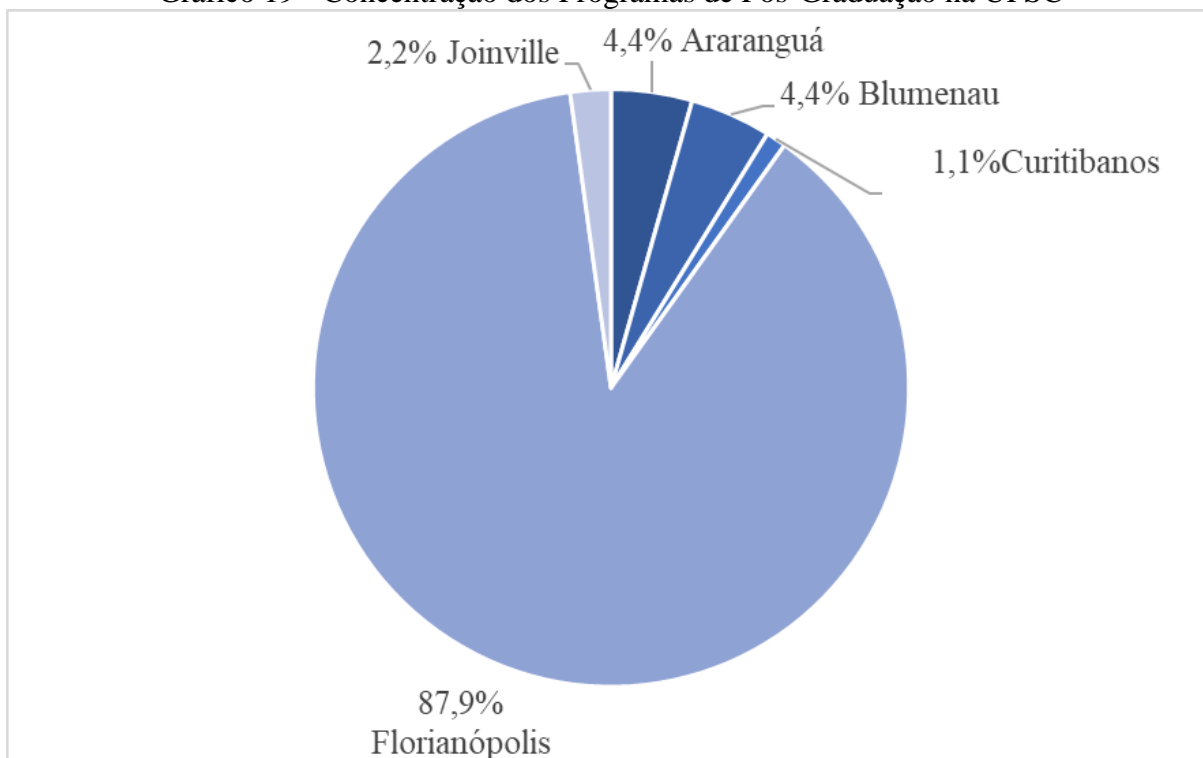
#### 5.3.4 Os Programas de Pós-Graduação na UFSC

Novamente, cabe o destaque de que a pesquisa tem uma relação próxima com os Programas de Pós-Graduação e, como bem pontua Severino (2009), a pós-graduação tem dentre as suas finalidades a criação de conhecimento novo, de maneira que contribua para o avanço da ciência. E, ao expandir a ciência, expande-se também as publicações científicas envoltas nesse processo.

Embora o termo pós-graduação tenha sido utilizado formalmente pela primeira vez no Brasil em 1940 (SANTOS, 2003), foi em 1965 que eles começaram o seu real funcionamento, como aponta Nosella (2010) e, em 1970, foram institucionalizados com a Lei n. 5.540/68 (POBLACIÓN; NORONHA, 2002). Nos anos 90 os cursos *stricto sensu* adquiriram importância no Ensino Superior brasileiro, tendo crescido a partir dessa época (VELLOSO, 2003).

Na UFSC os primeiros cursos *stricto sensu*, como já mencionados, datam de 1969 iniciados, portanto, em Florianópolis. No entanto, nos *campi* fora de sede da UFSC os programas de pós-graduação são novos, uma vez que o curso desse nível, pioneiro nas unidades fora de sede, iniciou as suas atividades no ano de 2014, em Araranguá. Ainda assim, conforme a análise realizada na subseção 5.3 o nível de produção de conhecimento, de uma maneira geral, nos *campi* fora de sede, não fica muito atrás da produção estabelecida em Florianópolis, ao considerar a média da produtividade por docente, especialmente nos *campi* de Curitiba e Araranguá, nessa ordem.

Gráfico 19 - Concentração dos Programas de Pós-Graduação na UFSC



Fonte: Relação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC (UFSC, [2019]).

De acordo com o Gráfico 19, quase 90% dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFSC estão em Florianópolis. Pouco mais de 10% dos programas têm origem nos *campi* fora de sede. Essa diferença pode ser justificada pelo pouco tempo de existência das unidades de Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville, quando comparado à sede. Por exemplo, os primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFSC datam de 1969 (Engenharia de Produção e Engenharia Mecânica), o que corresponde a um intervalo de tempo, desde o início da interiorização da universidade, de 40 anos.

Destaca-se que o Gráfico 19 é muito próximo ao Gráfico 18, demonstrando a proximidade da pesquisa com a pós-graduação.

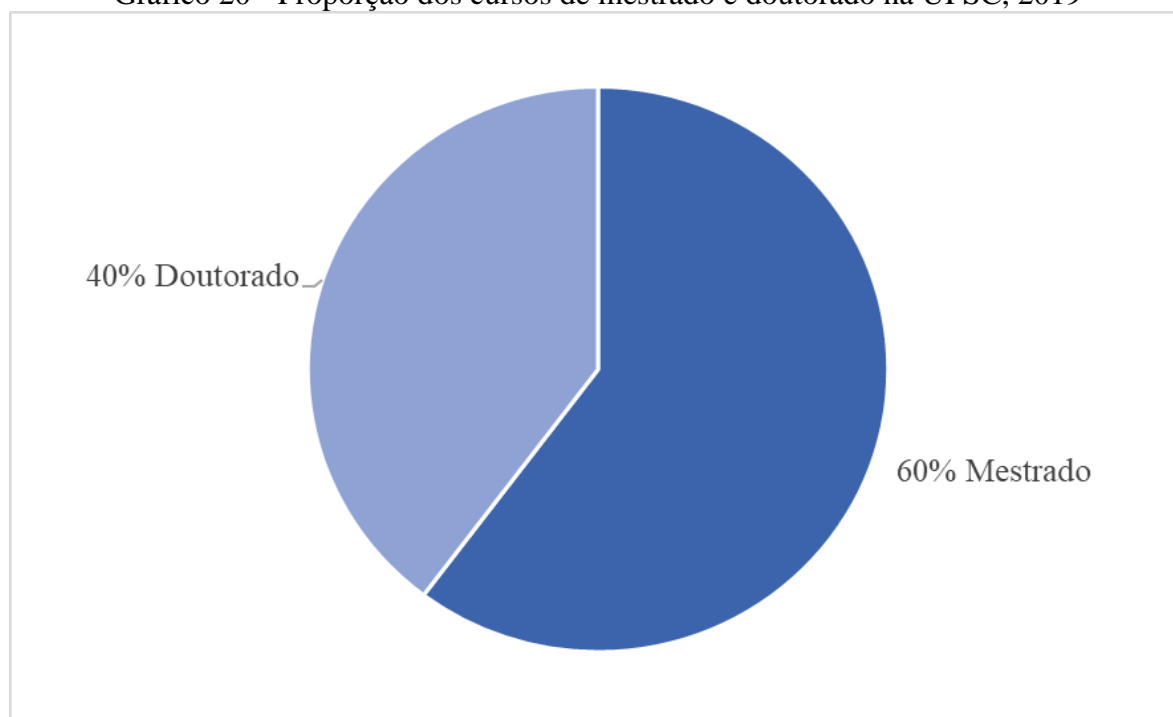
Vale salientar que o campus de Curitibanos conta, desde 2020, com um novo programa de pós-graduação. Portanto, no levantamento apurado junto à Relação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC, disponibilizada pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) (UFSC, [2019]), não consta o curso em questão e, por isso, ele não foi contabilizado no Gráfico 19. Trata-se do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária Convencional e Integrativa. Na lista disponibilizada pela PROPG da UFSC, Curitibanos aparece com apenas um curso *stricto sensu* (Programa de Pós-Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais).

Ainda conforme os dados extraídos da mesma relação disponibilizada pela PROPG

(UFSC, [2019]), a universidade conta com 91 programas de pós-graduação, dos quais 66 são Programas de Pós-Graduação na modalidade acadêmico; 13 são Programas de Pós-Graduação na modalidade profissional; três são Programas de Pós-Graduação na modalidade acadêmico em rede; e nove são Programas de Pós-Graduação na modalidade profissional em rede.

Os programas denominados “em rede” são aqueles estruturados por uma determinada universidade brasileira e que tem o seu formato pedagógico compartilhado com outras instituições de ensino superior brasileiras. Sendo assim, é como se houvesse uma instituição “matriz”, criadora do programa e outras instituições “polos” que reproduzem tais programas, fazendo uso da sua força de trabalho e da sua estrutura física. Portanto, são cursos interinstitucionais, identificados pelo MEC como MINTER (mestrado) e DINTER (doutorado). Esses cursos têm como objetivo “Viabilizar a formação, em nível de pós-graduação *stricto sensu* no País, de docentes e técnicos administrativos estáveis das Instituições de Ensino Superior pertencentes à Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPT)” (CAPES, 2020). A realização desses cursos ocorre devido a parceria da CAPES com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação (MEC), onde são disponibilizados recursos de custeio e bolsas. Conforme a CAPES (2020), os projetos Minter/Dinter atendem a “[...] uma turma ou grupo de alunos por um programa de pós-graduação já consolidado, em caráter temporário e sob condições especiais, caracterizadas pelo fato de parte das atividades de formação desses alunos serem desenvolvidas no campus de outra instituição”. Cabe destacar que apenas Florianópolis conta com cursos de doutorado e pós-doutorado (além do mestrado). Os demais *campi* apresentam apenas cursos de mestrado na modalidade *stricto sensu*. No Gráfico 20 pode-se observar a proporção entre os cursos de mestrado e doutorado, existentes na UFSC como um todo (considerando a sede e os demais *campi*).

Gráfico 20 - Proporção dos cursos de mestrado e doutorado na UFSC, 2019



Fonte: Relação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC (UFSC, [2019]).

De acordo com o Gráfico 20, a maior concentração de cursos *stricto sensu* diz respeito aos cursos de mestrado, com 60%. O doutorado corresponde ao total de 40% de cursos nessa modalidade. Tal medida não surpreende, uma vez que se sabe que a maioria dos programas de pós-graduação iniciam as suas atividades a partir dos cursos de mestrado e, num segundo momento, após ganhar ‘corpo’, tendem a buscar pelo curso de doutorado.

Tabela 1- Programas de pós-graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC, área de conhecimento x campus, em números absolutos

Áreas	Campus					TOTAL
	Araranguá	Blumenau	Curitibanos	Florianópolis	Joinville	
Agrárias	0	0	1	4	0	5
Biológicas	0	0	0	10	0	10
Engenharias	1	1	0	10	2	14
Exatas e da Terra	1	2	0	8	0	11
Humanas	0	0	0	9	0	9
Linguística, Letras e Artes	0	0	0	6	0	6
Multidisciplinar	1	1	0	8	0	10
Saúde	1	0	0	13	0	14
Sociais Aplicadas	0	0	0	12	0	12
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>80</b>	<b>2</b>	<b>91</b>

Fonte: Relação dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* ofertados pela UFSC (UFSC, [2019]).

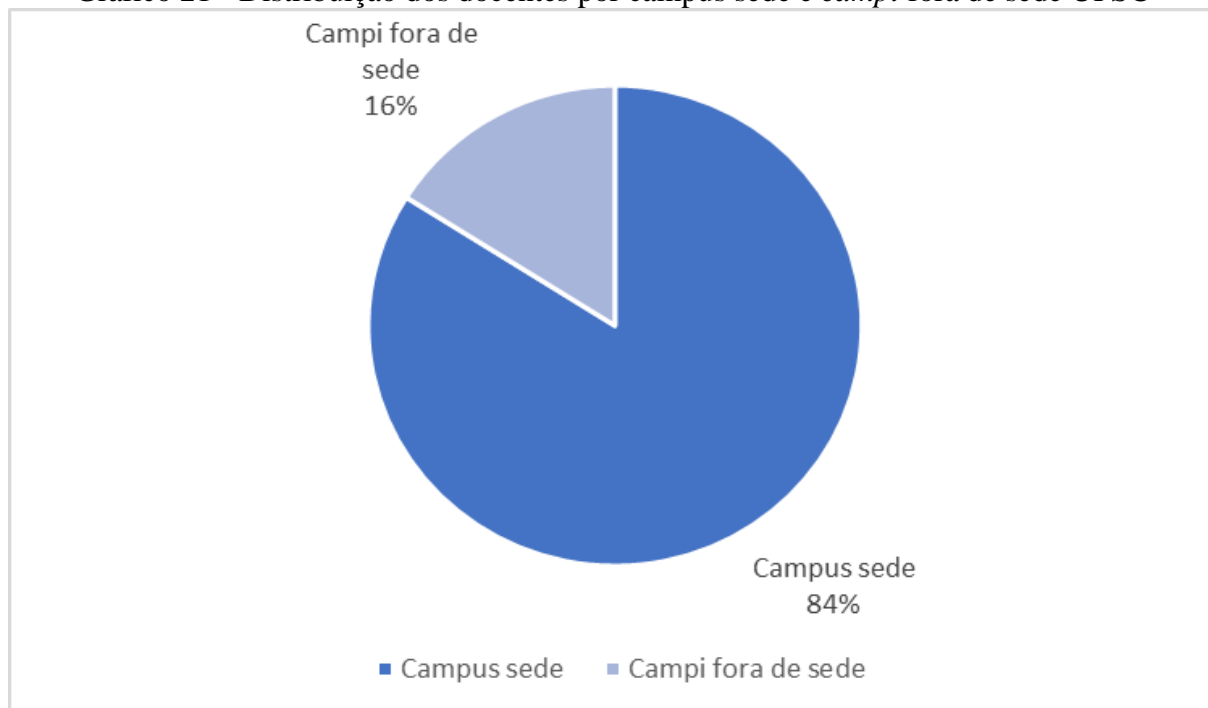
Com base na Tabela 1, evidencia-se que os quatro cursos de pós-graduação *stricto*

*sensu* em Araranguá são das áreas de Engenharias (1), Exatas e da Terra (1), Multidisciplinar (1) e Saúde (1); Blumenau tem mestrados nas áreas de Engenharias (1), Exatas e da Terra (2) e Multidisciplinar (1); Curitiba tem mestrado na área de Agrárias (1), ressaltando que há um segundo curso criado em 2020, e que não está contemplada nessa tabela conforme explicado anteriormente, que também é da área de Agrárias; Florianópolis apresenta cursos *stricto sensu* nas seguintes áreas: Agrárias (4); Biológicas (10); Engenharias (10); Exatas e da Terra (8); Humanas (9); Linguística, Letras e Artes (6); Multidisciplinar (8), Saúde (13), Sociais e Aplicadas (12); e Joinville tem mestrado em Engenharias (2).

### 5.3.5 Distribuição de docentes na UFSC

No Gráfico 21 observa-se a distribuição dos docentes entre o campus sede e os *campi* fora de sede da UFSC, sendo 83,97% dos professores lotados em Florianópolis e 16,03% lotados nos demais *campi* da universidade.

Gráfico 21 - Distribuição dos docentes por campus sede e *campi* fora de sede UFSC



Fonte: Lattes (2020).

O fato de o campus Florianópolis ter uma estrutura maior, que inclui um número maior de cursos, exige desse campus um maior número de docentes que permita que os objetivos e a missão da universidade possam ser colocados em prática. Por isso, também, observa-se maior produtividade em Florianópolis do que nos demais *campi*., em linhas gerais,



conforme analisado anteriormente.

#### 5.4 COLABORAÇÕES CIENTÍFICAS NOS *CAMPI* DA UFSC

Nesta seção são apresentados inicialmente os dados que dizem respeito às colaborações científicas de cada um dos cinco *campi* da UFSC. Ao todo, são cinco subseções contendo como títulos o nome de cada campus que compõe a referida universidade. A última subseção (5.4.6) procura pontuar, entre si, os dados expostos nas seções que dizem respeito aos *campi* e relacioná-los com a literatura científica, que aborda a temática das colaborações científicas.

Conforme apontado na seção 4 deste trabalho, foram estabelecidos alguns critérios para a análise apresentada nessa seção, como o recorte temporal, sendo considerados documentos publicados entre os anos de 2009 e 2020. Outro critério considerado foi quanto ao tipo de documento.

O número de corte utilizado nesta pesquisa para definir as instituições mais relevantes para o processo de colaboração dos *campi* da UFSC foi de 10, ou próximo disso, pois, nos casos em que a frequência repetia a mesma presente na 10ª posição, as instituições foram consideradas no gráfico. Por exemplo, se uma dada universidade aparecia com frequência de 20 aparições na 10ª, 11ª e 12ª posições, a 11ª e a 12ª posições foram consideradas na elaboração do gráfico.

Referente aos países colaboradores com a UFSC, tem-se na legenda ‘Single Country Publication (SCP)’ e ‘Multiple Country Publication (MCP)’, que significam respectivamente ‘Publicação de um único país’ e ‘Publicação de múltiplos países’.

##### 5.4.1 Colaboração no Campus Araranguá

Na consulta realizada na base Scopus a respeito do campus Araranguá, foram recuperados 212 documentos, incluindo-se artigos, trabalhos apresentados em eventos, resumos, capítulos de livros e *short survey*<sup>2</sup>. Para a pesquisa na base, aplicou-se a estratégia de busca apresentada na seção 4 deste trabalho.

Nos documentos em que foram identificadas colaborações, a taxa de coautores é de 5,92 por documento, conforme apresentado no Quadro 14.

---

<sup>2</sup> Pesquisa curta, breve ou minirrevisão da pesquisa original. Características: pesquisas curtas são semelhantes às resenhas, mas geralmente são mais curtas (não mais do que algumas páginas).

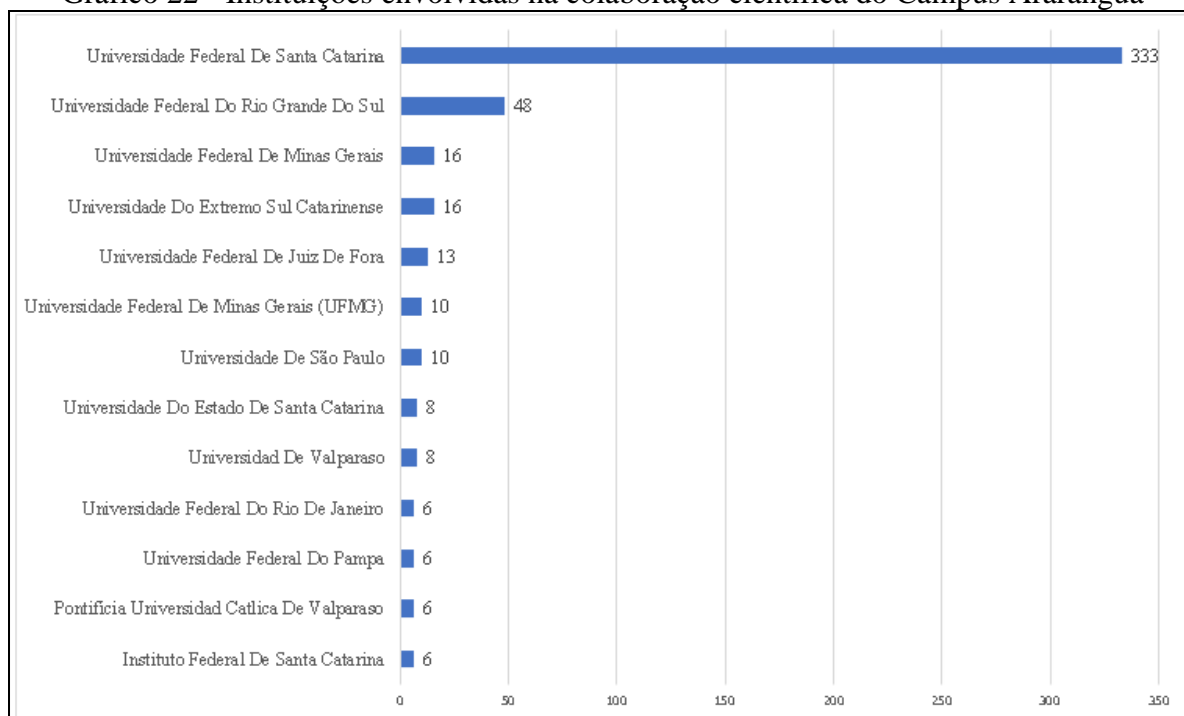
Quadro 14 - Colaboração de autores referente ao Campus Araranguá

COLABORAÇÃO DE AUTORES	
Documentos de autoria única	2
Autor por documento	0,266
Documento por autor	3,75
Coautores por documentos	5,92

Fonte: Scopus (2021).

Em relação às instituições presentes nas colaborações do Campus Araranguá, as mais representativas estão evidenciadas no Gráfico 22.

Gráfico 22 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Araranguá

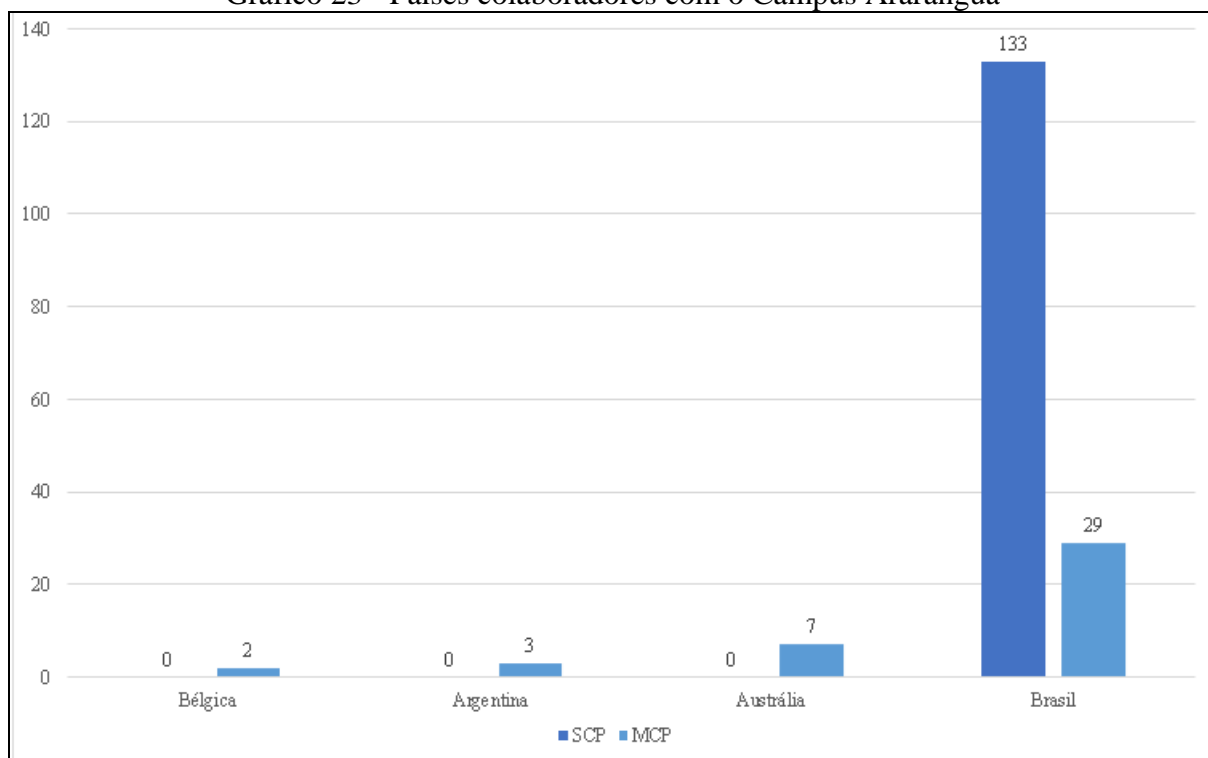


Fonte: Scopus (2021).

Como averiguado no Gráfico 22, a UFSC recebeu frequência de 333 participações em trabalhos presentes no *corpus* verificado, seguida da UFRGS com 48 participações.

No Campus Araranguá, a colaboração ocorre também entre países distintos, conforme explicitado no Gráfico 23.

Gráfico 23 - Países colaboradores com o Campus Araranguá



Fonte: Scopus (2021).

O Campus da UFSC de Araranguá apresenta uma predominância da colaboração dentro do Brasil, concentrando-se principalmente entre pesquisadores da própria UFSC, com 133 trabalhos. A colaboração com outras instituições brasileiras representa 17,9% (29 trabalhos).

Embora a maioria de colaborações esteja restrita ao cenário nacional brasileiro, observou-se iniciativas com outros países como a Bélgica, Argentina e Austrália.

#### 5.4.2 Colaboração no Campus Blumenau

Para a análise de colaboração do campus Blumenau, o *corpus* da pesquisa foi composto por 338 documentos extraídos da base de dados Scopus, seguindo a estratégia de busca apresentada na seção 4 deste trabalho.

O *corpus* analisado apresentou cinco autores em documentos com autoria individual, enquanto autores em coautoria somaram 2.245. Nos registros onde foram visualizadas colaborações há uma taxa de colaboração de 8,83 autores por documento, conforme o Quadro 15.

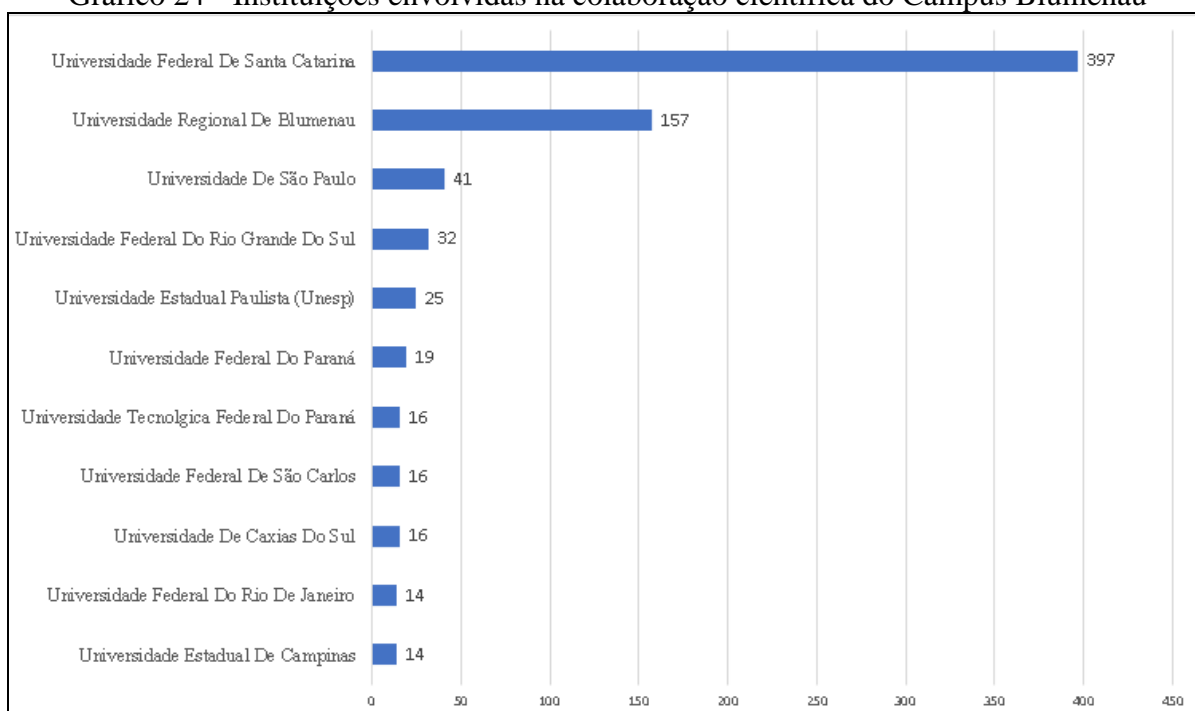
Quadro 15 - Colaboração de autores referente ao Campus Blumenau

<b>COLABORAÇÃO DE AUTORES</b>	
Documentos de autoria única	5
Autor por documento	0,15
Documento por autor	6,65
Coautores por documentos	8,83

Fonte: Scopus (2021).

Quanto às instituições presentes nas colaborações científicas, a mais representativa para o campus Blumenau é a própria UFSC.

Gráfico 24 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Blumenau



Fonte: Scopus (2021).

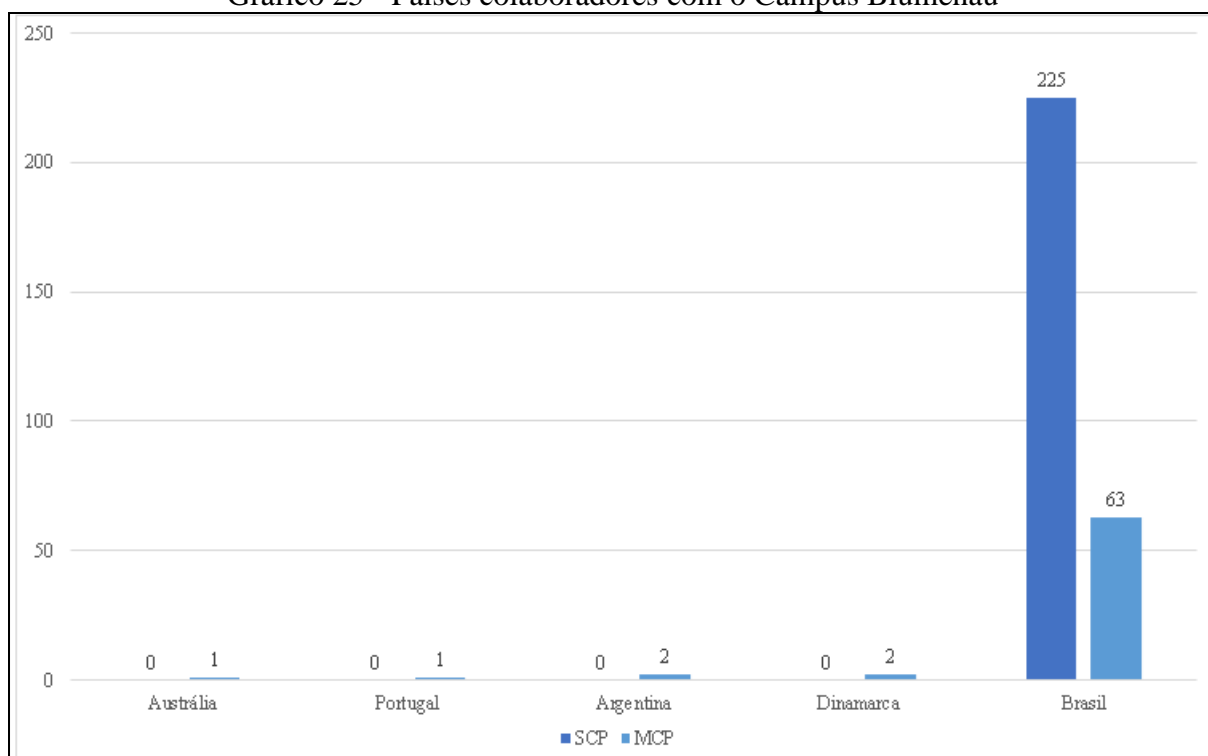
No Gráfico 24 percebe-se que a UFSC tem maior representatividade, aparecendo com 397 incidências. A Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) é a segunda instituição mais representativa para as colaborações do Campus Blumenau, notando-se que ela apresenta frequência de 157 aparições.

Cabe salientar que foram identificados na lista de instituições, 15 pesquisadores independentes, que foram retirados do Gráfico 24, de modo a apresentar somente instituições que colaboram com a UFSC, campus Blumenau.

Verificou-se, também, quais os países que tecem relações de colaboração com o campus Blumenau são apenas cinco, sendo eles: Brasil, Argentina, Dinamarca, Austrália e

Portugal, conforme indicado no Gráfico 25.

Gráfico 25 - Países colaboradores com o Campus Blumenau



Fonte: Scopus (2021)

Percebe-se que o Brasil é o país mais representativo para as colaborações científicas do campus Blumenau, seguido pela Argentina, Dinamarca, Austrália e Portugal. No caso brasileiro, em específico, observa-se que 225 registros se referem a publicações produzidas em colaboração pela própria UFSC e 63 contam com a participação de outras instituições nacionais.

Portanto, as colaborações existentes no âmbito da própria UFSC se traduzem em 78,1% (225 trabalhos) e a colaboração com instituições externas brasileiras equivale a 21,9% (63 trabalhos).

#### 5.4.3 Colaboração no Campus Curitibanos

O *corpus* de análise do campus Curitibanos foi composto por 315 documentos, entre artigos, cartas, resumos, trabalhos apresentados em eventos, capítulos de livros e notas. A busca seguiu a estratégia apresentada na seção 4 deste trabalho.

Nos documentos com coautoria, a taxa de coautores é de 5,55 autores por documentos, conforme apresentado no Quadro 16.

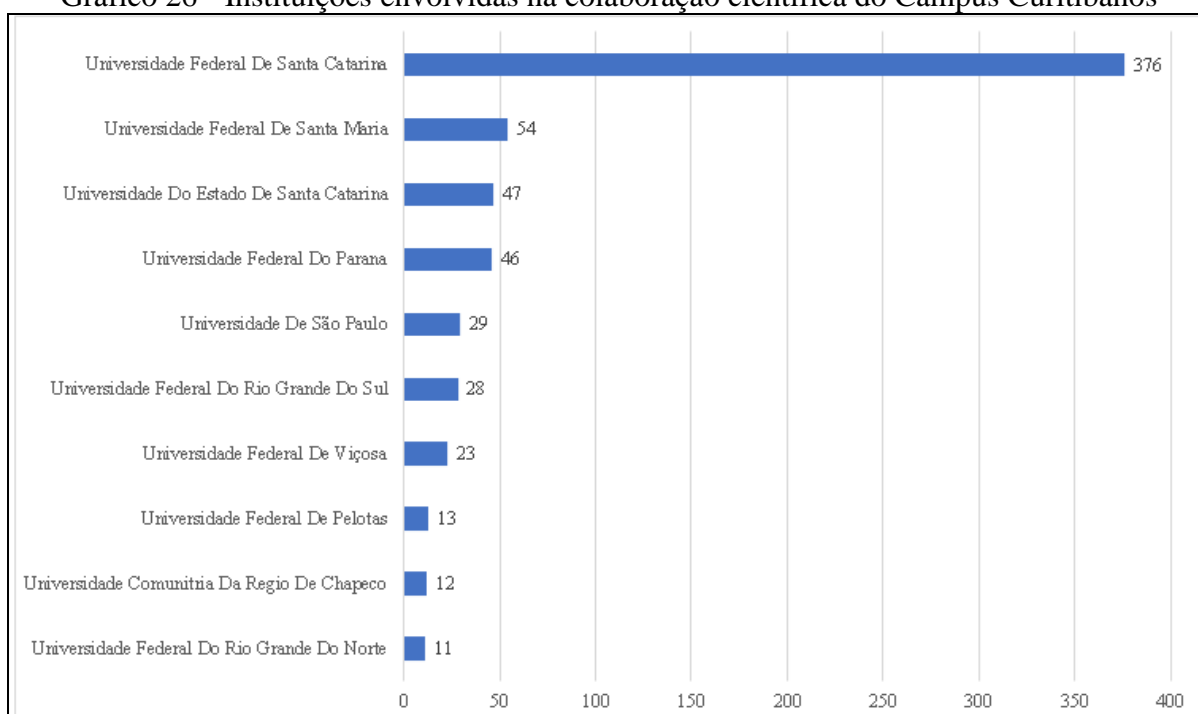
Quadro 16 - Colaboração de autores referente ao Campus Curitibanos

COLABORAÇÃO DE AUTORES	
Documentos de autoria única	9
Autor por documento	0,285
Documento por autor	3,51
Coautores por documentos	5,55

Fonte: Scopus (2021).

Em relação às instituições que colaboram com as produções do campus Curitibanos, as mais relevantes são:

Gráfico 26 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Curitibanos



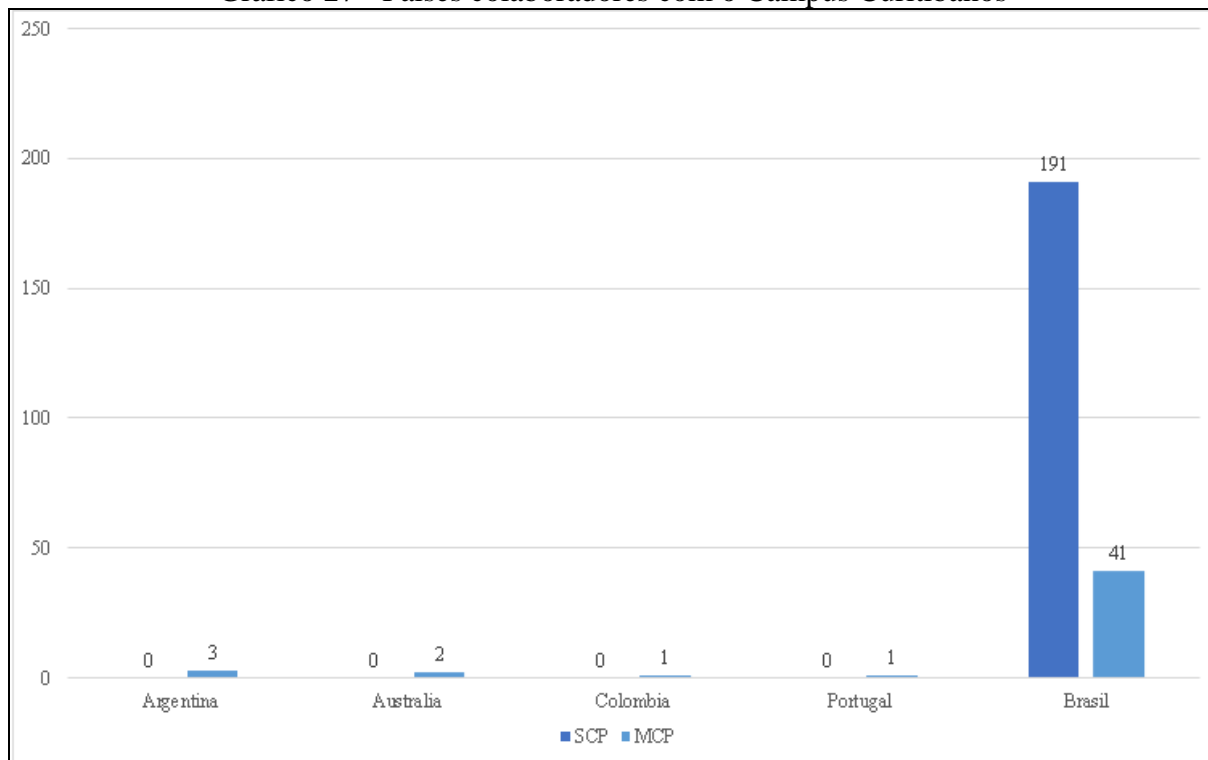
Fonte: Scopus (2021).

No Gráfico 26 estão listadas 10 instituições presentes no *corpus* analisado (após a limpeza dos dados), sendo a UFSC a universidade de maior representatividade, aparecendo com 376 incidências.

A Universidade Federal de Santa Maria é a segunda instituição mais representativa para as colaborações do Campus Curitibanos, notando-se que ela apresenta frequência de 54 aparições nos registros considerados.

Nas colaborações analisadas há autores do Brasil, sendo a maior representatividade, seguido de autores da Argentina, Austrália, Colômbia e Portugal, conforme pode-se verificar no Gráfico 27.

Gráfico 27 - Países colaboradores com o Campus Curitibanos



Fonte: Scopus (2021)

A maioria das colaborações está restrita ao cenário nacional brasileiro, onde se observa que 191 trabalhos são publicações inerentes ao Brasil e, mais especificamente, à própria UFSC, e 17,7% (41 trabalhos) são provenientes de colaborações da UFSC com outras instituições nacionais.

Outros países que aparecem na modalidade de colaboração múltipla são: Portugal, Colômbia, Austrália e Argentina.

#### 5.4.4 Colaboração no Campus Florianópolis

Na busca realizada na Scopus foram recuperados 12.155 documentos referentes ao campus Florianópolis. Contudo, a referida plataforma permite a recuperação de até, no máximo, 2 mil documentos no formato BIBTEX. O *download* do total recuperado só é permitido para o formato CSV, mediante envio dos resultados por e-mail. Contudo, o *software Bibliometrix* processa somente extensões de arquivos BIBTEX para análises de informações coletadas via Scopus. Sendo assim, realizou-se a extração dos dados por ano e, ao final por meio do comando CMD do *Windows* realizou-se a junção de todos os arquivos, traduzindo-os em um único documento. Com o documento unificado fez-se a leitura via

*Bibliometrix*, como ocorrido com os demais *campi* da UFSC.

O *corpus* da pesquisa referente ao campus Florianópolis, conforme já mencionado, contou com 12.155 documentos, entre artigos, livros, capítulos de livros etc. A busca na Scopus seguiu a estratégia apresentada na seção 4 deste trabalho.

Quanto à coautoria, a taxa de coautores é de 7,86 autores por documentos, conforme exposto no Quadro 17.

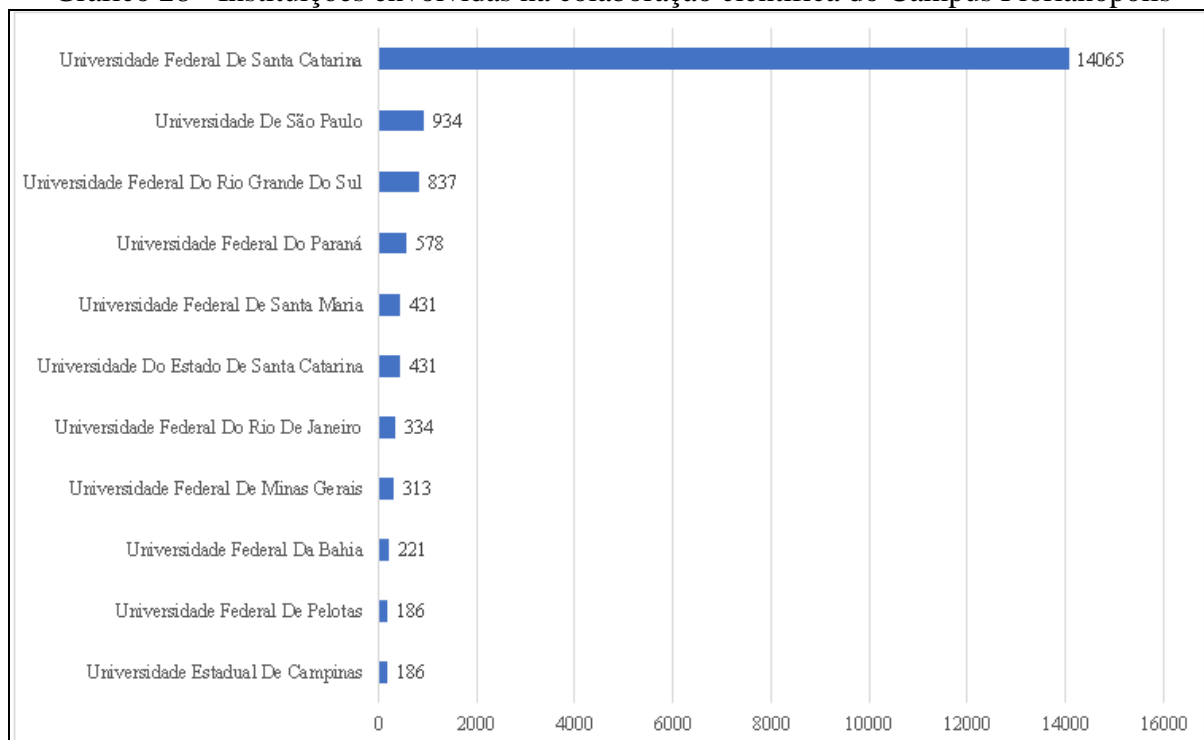
Quadro 17 - Colaboração de autores referente ao Campus Florianópolis

<b>COLABORAÇÃO DE AUTORES</b>	
Documentos de autoria única	453
Autor por documento	3,45
Documento por autor	0,29
Coautores por documentos	7,86

Fonte: Scopus (2021).

No Gráfico 28 estão indicadas as instituições que mais colaboram com as produções apresentadas pelo Campus Florianópolis.

Gráfico 28 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Florianópolis



Fonte: Scopus (2021)

No Gráfico 28 é possível verificar as instituições mais representativas dentro do *corpus* de Florianópolis, sendo a UFSC a universidade de maior representatividade,

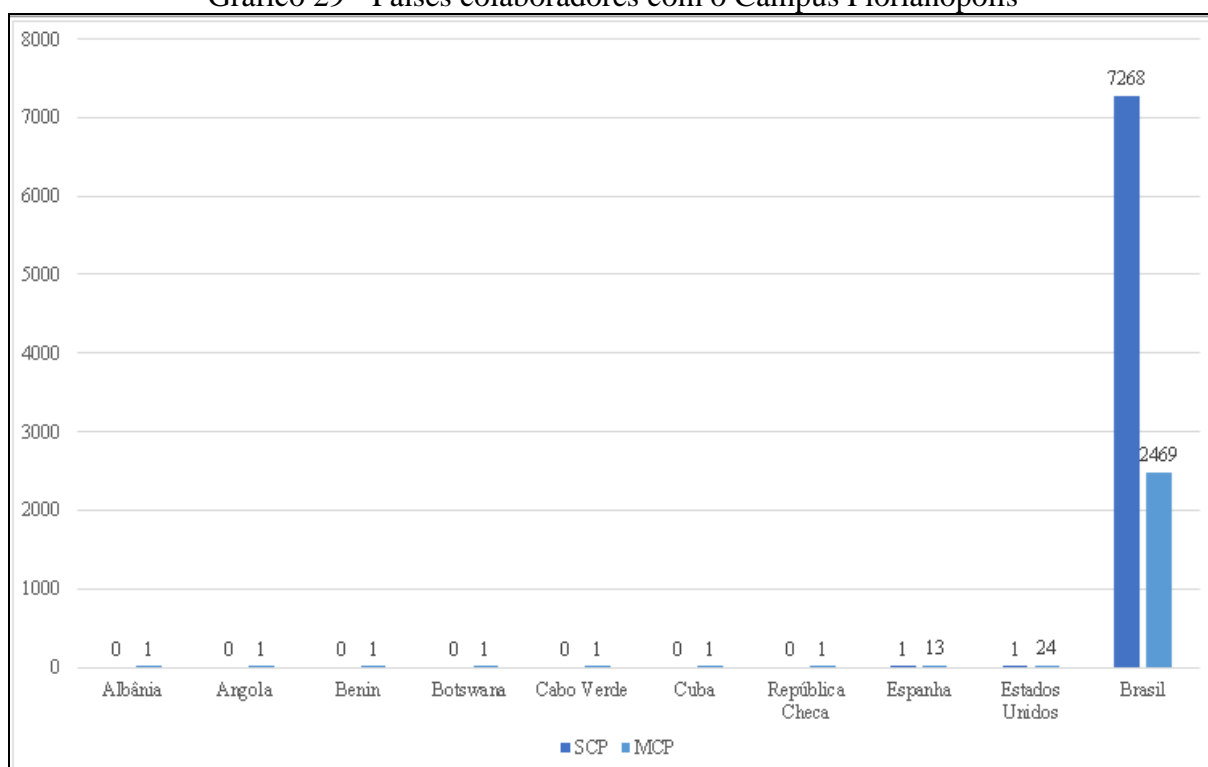


aparecendo com 14.065 incidências.

A Universidade Federal de São Paulo é a segunda instituição mais representativa para as colaborações do Campus Florianópolis, com frequência de 934 aparições nos registros considerados.

Nas colaborações analisadas no campus Florianópolis há autores do Brasil, com maior representatividade, seguido de autores da Espanha, Estados Unidos e demais países, conforme apresentado no Gráfico 29.

Gráfico 29 - Países colaboradores com o Campus Florianópolis



Fonte: Scopus (2021).

A maioria das colaborações está restrita ao Brasil, onde se observa que 74,6%, ou 7.268 publicações, são inerentes à UFSC e 25,4%, ou 2.469 publicações, em colaboração com outras instituições brasileiras. Outros países que aparecem na modalidade de colaboração múltipla estão descritos no Gráfico 29.

#### 5.4.5 Colaboração no Campus Joinville

O *corpus* da pesquisa oriundo da Scopus foi composto por 270 documentos do campus Joinville dentre artigos, cartas, resumos, trabalhos apresentados em eventos, capítulos de livros, notas etc. A busca seguiu a estratégia apresentada na seção 4 deste trabalho.

Quanto à coautoria, a taxa de coautores é de 5,97 autores por documento, conforme indicado no Quadro 18.

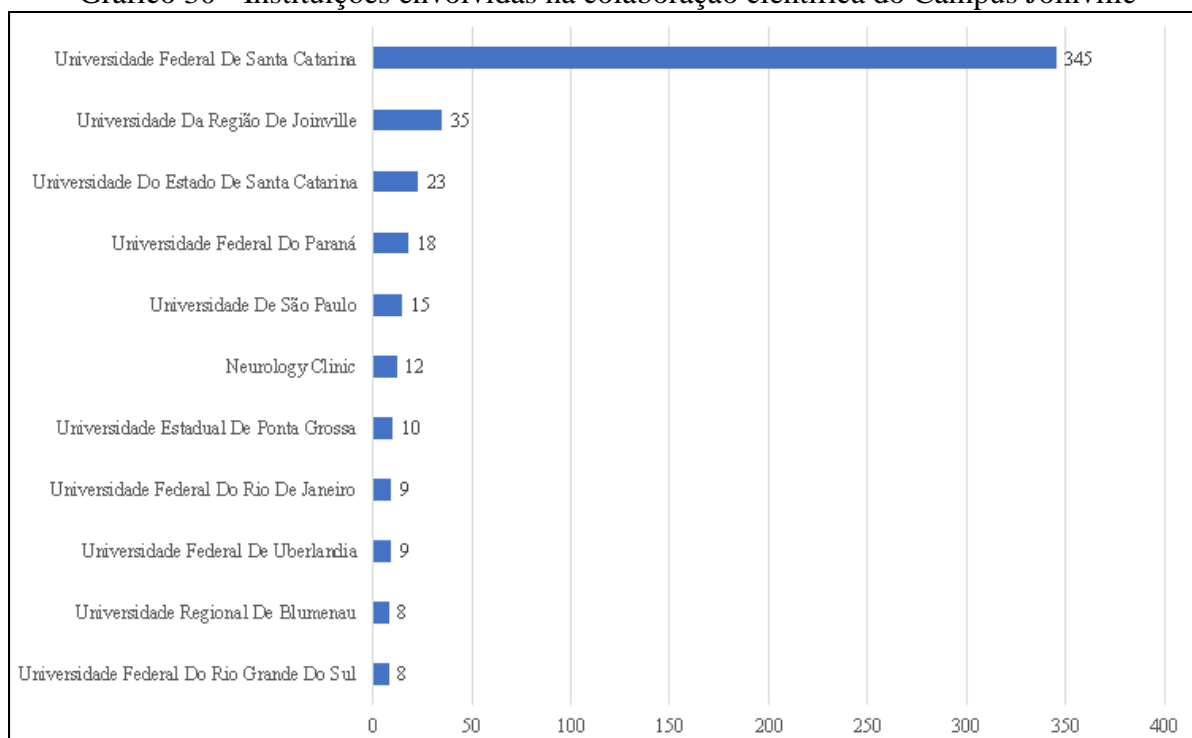
Quadro 18 - Colaboração de autores referente ao Campus Joinville

<b>COLABORAÇÃO DE AUTORES</b>	
Documentos de autoria única	2
Autor por documento	0,245
Documento por autor	4,09
Coautores por documentos	5,97

Fonte: Scopus (2021)

No Gráfico 30 são apresentadas as instituições que mais colaboram com as produções apresentadas pelo Campus Joinville.

Gráfico 30 - Instituições envolvidas na colaboração científica do Campus Joinville

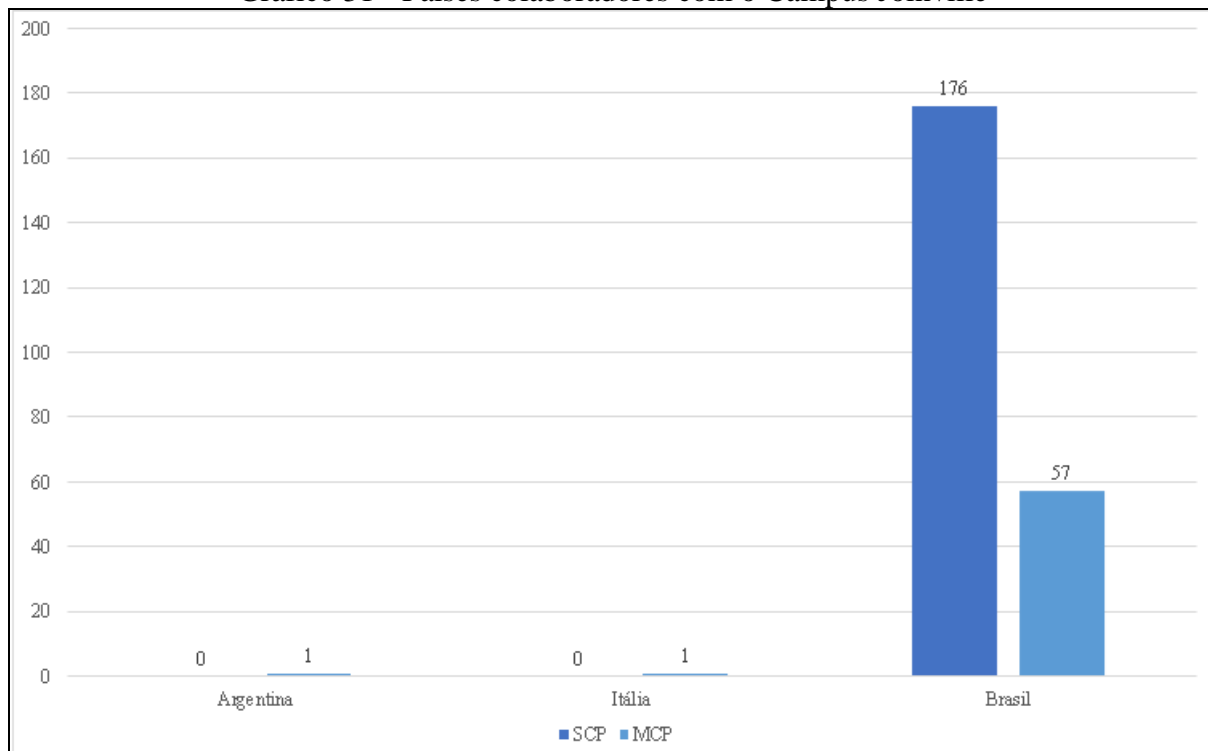


Fonte: Scopus (2021).

Das instituições mais colaborativas, a própria UFSC é a ocupante do primeiro lugar, com 345 incidências. A Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) é a segunda instituição mais representativa para as colaborações do Campus Joinville, notando-se que ela apresenta frequência de 35 aparições nos registros considerados.

Nas colaborações analisadas há autores do Brasil, sendo a maior representatividade, conforme o Gráfico 31.

Gráfico 31 - Países colaboradores com o Campus Joinville



Fonte: Scopus (2021).

No Gráfico 31 constata-se que a maioria das colaborações está restrita ao cenário nacional brasileiro, onde se observa que 176 trabalhos são publicações cujas colaborações são inerentes à própria UFSC e 57 documentos apresentam colaboração com outras instituições do Brasil. Outros países que aparecem na modalidade de colaboração múltipla são: Itália e Argentina.

#### 5.4.6 Panorama geral das colaborações na UFSC

De maneira geral, observa-se que os índices de colaboração da UFSC, em todos os *campi* variam de 5,55 até 8,83 autores por trabalho.

Nota-se que Blumenau é o campus que apresenta maior número de colaborações por trabalho, com 8,83 autores por trabalho, demonstrando o perfil do campus voltado para as áreas de Ciências Exatas, Tecnológicas e Engenharias, mesmo sendo ofertados cursos nas áreas de licenciatura. Todavia, a natureza de tais cursos é, em essência, na área de Exatas, uma vez que são Cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Química. No Gráfico 15 é possível observar um certo distanciamento do Campus Blumenau em relação ao Campus Sede (Florianópolis).

Garcia *et al.* (2010) elucidam que há áreas do conhecimento que se mostram mais consolidadas no quesito colaboração científica, no sentido de congregar vários autores ou instituições em um único estudo. É o caso exemplificado pelos próprios autores em relação à área de Física, na qual eles citam uma pesquisa da referida área com 1.681 autores (GARCIA *et al.*, 2010). Nessa linha, Souza, Barbastefano e Lima (2012) reforçam que a colaboração científica é um fenômeno social que tem ocorrido mais nas ciências naturais, e que, aos poucos, tem conquistado espaço nas ciências sociais.

Da mesma forma, pesquisas interdisciplinares costumam exigir um nível maior de colaboração, haja vista que requerem conhecimentos de áreas distintas. Também, pesquisadores vinculados a grandes departamentos e universidades costumam participar de grupos de pesquisa, o que ocasiona o envolvimento destes em produções conjuntas a outros pesquisadores (SMITH, 1958).

A colaboração científica pode ser visualizada nas relações em que os pesquisadores dividem tanto o mérito quanto a responsabilidade sob as publicações científicas, desenvolvidas em parceria (SOUZA; BARBASTEFANO; LIMA, 2012).

Florianópolis é o segundo campus com maior nível de colaboração, retratando 7,89 autores por trabalho. Isso pode ser reflexo das múltiplas áreas presentes no campus em questão, apresentando-se como hipótese que embora haja áreas que tradicionalmente produzem de maneira mais individual, como as áreas de Humanas, por exemplo, a presença de áreas mais colaborativas tende a sobressair as mais individualizadas. Por exemplo, enquanto um trabalho de Humanas conta com um ou dois autores, uma pesquisa na área de Ciências Naturais, como já pontuado, pode precisar de 20 autores ou mais para ser executada com a devida excelência, dado o uso de equipamentos e experimentos que precisam ser realizados por mais de um indivíduo. Outra questão que vale o destaque é que a base Scopus trabalha com a indexação de revistas altamente qualificadas o que, por sua vez, pode significar a aplicação de um maior número de colaborações, tendo em vista que quanto mais colaborações há em uma pesquisa, maior tende a ser a sua qualificação. E, mais, quanto maior o número de autores e instituições envolvidas nos trabalhos, maior alcance terão esses trabalhos, com maiores possibilidades de serem citados (PERSSON; GLÄNZEL; DANELL, 2004). Nesse sentido, a multiautoria impacta o grau de competência dos trabalhos (KATZ; MARTINS, 1997).

Araranguá e Joinville apresentaram indicadores de colaboração próximos de 5,92 e 5,97, respectivamente. Lembrando que são *campi* que concentram algumas áreas próximas, como Engenharias e Ciência e Tecnologia. Contudo, enquanto Joinville concentra

majoritariamente as áreas de Engenharias e Ciências Exatas e da Terra, Araranguá apresenta cursos na área da Saúde, o que coloca o campus de Araranguá mais próximo ao campus sede, conforme Gráfico 15 deste trabalho.

O campus de Curitibanos foi o que apresentou menor número de colaborações entre todos os *campi* da UFSC, com 5,55 autores por trabalho. É, também, o campus que apresenta o menor número de docentes em seu quadro de pessoal — 80 ao todo —, conforme apresentado na subseção 5.1.3.

Quanto às colaborações interinstitucionais, nota-se que o campus Curitibanos produz de maneira mais significativa com a UFSM, a UDESC e a UFPR. Coincidentemente e, especialmente, conforme apresentado na subseção 5.2.3 deste trabalho, a UFSM é também a instituição externa a UFSC que está fortemente ligada a formação do perfil acadêmico dos docentes do campus Curitibanos. Portanto, uma hipótese a ser levantada é a de que professores egressos da UFSM mantêm vínculos de pesquisa firmados durante a sua formação, com a mesma instituição. Nesse sentido, Gazda e Quandt (2010) definem que no ambiente acadêmico os projetos interinstitucionais são bases importantes para o desenvolvimento das colaborações e, mais precisamente, do desenvolvimento científico.

No caso de Blumenau, observa-se que há forte participação da FURB na colaboração científica do campus UFSC Blumenau. Ao todo, foram identificadas 157 incidências da FURB sobre as colaborações em conjunto com a UFSC Blumenau. Uma hipótese a ser considerada é o fato de a FURB ter sido fundada em 1964, demonstrando maior tradição e consolidação local, na cidade de Blumenau. Desse modo, pode ser que ela sirva como uma instituição que auxilia a UFSC, recém-chegada à cidade, na absorção de conhecimentos, estando a FURB mais alinhada com as questões sociais e econômicas do município, inclusive.

Da mesma forma, o campus de Joinville firma colaboração com a UNIVILLE, que é a mais antiga na cidade, além da UDESC que também apresenta unidade na cidade de Joinville e atua também nas áreas de Ciências Exatas e da Terra, e Engenharias.

O estudo proposto por Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2014) demonstra que a regionalidade ou a proximidade geográfica entre pesquisadores e instituições tem forte influência sobre o processo de colaboração científica. Esse aspecto pode ser observado nas análises evidenciadas nos *campi* da UFSC, em que se visualiza que o campus de Blumenau recebe participação da FURB em suas pesquisas; bem como, o campus de Joinville recebe a participação da UNIVILLE nas suas colaborações científicas. Por sua vez, as colaborações interinstitucionais existentes no campus de Araranguá são mais presentes com a UFRGS. Já o campus Florianópolis apresenta colaborações mais intensas com a USP, a UFRGS, a UFPR, a

UFSC e a UDESC. Além disso, confere-se a presença de instituições do sudeste brasileiro nas colaborações apresentadas pelo campus Florianópolis, conforme o Gráfico 28, presente na subseção 5.4.5.

Quanto à participação de países estrangeiros nas colaborações científicas nas pesquisas da UFSC, pode-se perceber que o campus de Florianópolis apresenta uma diversidade maior de países congregados nas pesquisas, do que os *campi* fora de sede. Uma hipótese a se considerar para isso é o fato de que há maior amplitude de programas de pós-graduação no campus Florianópolis, enquanto nos *campi* fora de sede esse fenômeno é relativamente novo. Portanto, Florianópolis por apresentar mais tempo de trabalho com pesquisa conquistou mais espaço no cenário internacional, até o presente momento, possibilitando maior diversidade de países que colaboram em suas pesquisas. De acordo com Glänzel (2001), a coautoria internacional tende a elevar as taxas de citação.

Observa-se, ainda, que as colaborações científicas na UFSC costumam ocorrer mais dentro da própria universidade, fortalecendo o processo de endogenia.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UFSC se estrutura em um modelo multicampi, que ganhou forma com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto n. 6.096, de 24 de abril de 2007.

O estudo proposto nesta dissertação de mestrado objetivou descrever a institucionalização dos *campi* fora de sede da UFSC, com vistas à ciência e à tecnologia produzida em seus vários *campi*, como forma de demonstrar de que maneira tal processo tem ocorrido no modelo relativamente novo ao qual a universidade em questão se inseriu.

Foram quatro pontos centrais analisados: a estrutura física, organizacional e humana dos *campi* da UFSC; a identificação do perfil de formação acadêmica dos docentes da UFSC; a produção científica e tecnológica dos *campi* da UFSC e as colaborações nos documentos científicos produzidos pelos *campi* da UFSC.

Todos os *campi* fora de sede mantêm prédios alugados. Blumenau sob regime híbrido de locação e cooperação. Quanto à expansão física, observa-se que os *campi* da UFSC se apresentam com áreas em construção, à exceção do Campus de Blumenau.

Em termos de estrutura organizacional, os *campi* fora de sede da UFSC se apresentam com uma direção, uma vice-direção e uma direção administrativa. Os *campi* fora de sede podem ser considerados como uma extensão da Reitoria da universidade; as decisões tomadas pelos órgãos superiores (Reitoria e CUn) repercutem também nos *campi*. Todavia, as unidades fora de sede contam com certa autonomia sob alguns aspectos, como por exemplo, no que se refere ao orçamento, que é próprio; por isso, seus processos de compra não precisam passar pelo aval da Reitoria. Os *campi* fora de sede contam com uma unidade universitária, representada por um centro de ensino.

Enquanto o campus de Florianópolis apresenta vários setores administrativos, encabeçado pelo Conselho Universitário (CUn), Conselho de Curadores, Câmara de Graduação, Câmara de Pesquisa, Câmara de Extensão, Câmara de Pós-Graduação, Reitor, Vice-Reitor, em seguida as Pró-Reitorias, depois as Secretarias, na sequência as Diretorias dos Campus, a seguir os vários Centros de Ensino.

Todos os *campi* ofertam cursos de graduação e pós-graduação. O campus de Florianópolis se destaca nos Programas de Pós-Graduação, se comparado aos *campi* fora de sede. A própria estrutura física e humana contribui para que essa diferença seja notada. Sem contar o tempo de existência do campus Florianópolis, levando em consideração que há uma diferença de praticamente 50 anos entre a inauguração do campus sede e os primeiros *campi*

fora de sede da UFSC. Além disso, nos próprios *campi* fora de sede o fenômeno da pós-graduação é, também, recente.

Quanto à formação do perfil acadêmico dos docentes da UFSC, de maneira geral, as instituições externas são mais representativas na graduação desses docentes. Observa-se que há endogenia forte na universidade, em relação aos percentuais de formação no mestrado e no doutorado. Os *campi* da UFSC, à exceção de Curitibanos, tiveram índices consideráveis de formação na própria instituição, no mestrado e doutorado. No caso de Curitibanos observou-se que nos três cursos de formação, a obtenção dos títulos respeitou também a regionalidade, com maior concentração de currículos na UFSC e na UFSCar.

Ao observar o perfil de formação acadêmica dos docentes, nota-se que muitos deles se formam em instituições que ficam próximas dos *campi* da UFSC, no qual exercem as suas atividades profissionais enquanto docentes, depois de concluídas as etapas da formação acadêmica. Nesse contexto, foram identificados que instituições radicadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo são bem presentes na formação acadêmicas dos docentes da UFSC, tendo destaque a: PUCRS, UFPel, UFSCar, UFRGS, UNESC, UDESC, FURB, USP, UNICAMP, UFSCar, UNESP e o ITA.

Identifica-se que as instituições nacionais de maiores destaques dentre as formações acadêmicas dos docentes da UFSC, são as públicas. Outro ponto observado é que nos *campi* fora de sede da UFSC verificou-se que na graduação há uma diversidade maior de instituições quando comparadas às formações de mestrado e doutorado. Em todos os *campi* há a presença de instituições estrangeiras na formação acadêmica dos docentes da UFSC, desde países latinos, norte-americanos e europeus.

Com relação aos indicadores de produção científica e tecnológica da UFSC, trabalhou-se com médias de produção de seus docentes, e se identificou que o tipo de produção utilizada pela UFSC como um todo para divulgar o resultado de suas pesquisas costuma ser os anais de eventos e os artigos científicos. Contudo, o campus Florianópolis, nos últimos anos, tem produzido menos anais de eventos e aumentado a produtividade de artigos científicos, conforme demonstrado no gráfico 16.

Se considerado o somatório de publicações entre os anos de análise desse estudo, pode-se apontar que o maior destaque de publicação em todos os *campi* da UFSC permanece sendo os anais de eventos e os artigos científicos, como demonstrado no Quadro 13.

Na média de publicações em anais de eventos o destaque é o campus de Curitibanos, que mesmo sendo o menor campus da UFSC em termos de pessoal (quadro docente) é o que apresenta maior média de produtividade. Seguindo a ordem de produção desse tipo de



publicação apareceu Florianópolis, Araranguá, Joinville e, por fim, Blumenau, sendo este último o campus mais novo da universidade. É possível notar que considerando as médias apresentadas, os *campi* fora de sede têm participação nas produções a se considerar.

Com relação à produção de artigos científicos, na produção por docente, Florianópolis lidera a lista, seguida de Curitiba, Araranguá, Blumenau e Joinville, com médias menores. Observou-se que a produção de *softwares*, patentes e produtos tecnológicos é menos significativa para a UFSC do que os demais tipos de produções de conhecimento. Todavia, dentre os números apresentados, evidenciou-se que o Campus Joinville é o que apresenta maior média de produtividade desse tipo de conhecimento, o que pode ser explicado pelo fato de o campus concentrar cursos nas áreas de Engenharias e estar inserido em uma cidade com polo industrial e tecnológico fortes.

A produção de conhecimento, científico e tecnológico na UFSC corresponde a 12% aos *campi* fora de sede e 88% ao campus sede. Destaca-se, também, os programas de pós-graduação para a produção de conhecimento no ambiente acadêmico, sendo que Florianópolis responde pela maior fatia desse tipo de curso, dentro da UFSC, o que é esperado, pela estrutura que o campus sede dispõe, tanto em termos físicos quanto de pessoal e, também, pela sua tradição de tempo investido em processos como esses. Portanto, 87,9% dos programas de pós-graduação são ofertados em Florianópolis e 12,1% são oferecidos pelos *campi* fora de sede, lembrando que nesses *campi* os cursos de pós-graduação são um fenômeno bastante recente.

As colaborações científicas na UFSC variaram entre 5,5 e 8,33 autores por trabalho. Blumenau foi o campus com maior número de autores por trabalho, o que demonstra seu caráter ligado às áreas de Ciências Exatas e da Terra e às Engenharias. Em seguida, apareceu Florianópolis com o maior nível de colaboração, 7,89 autores por documento, podendo ser reflexo das múltiplas áreas presentes no campus sede. Araranguá, Joinville e Curitiba foram os *campi* que apresentaram menores índices de colaboração científica.

Observou-se a presença de instituições como a UFSM, UDESC, UFPR, USP, UFRGS, FURB e UNIVILLE nos processos de colaboração científica dos *campi* da UFSC. No Campus Florianópolis se observou a presença mais intensa de instituições do sudeste brasileiro. Quanto aos países estrangeiros — logo, institutos e universidades estrangeiras — que colaboram com as pesquisas na UFSC, evidenciou-se um número maior de colaborações no campus Florianópolis, o que leva a crer que os programas de pós-graduação consolidados, bem como o seu maior tempo de existência contribuem para que relações desse tipo sejam estabelecidas.

Outro ponto visto é que as colaborações na UFSC costumam ocorrer mais fortemente entre instituições nacionais e, mais do que isso, principalmente dentro da própria UFSC, mais uma vez, fortalecendo o processo de endogenia.

Ressalta-se que a realização de um acompanhamento do processo de institucionalização dos *campi* fora de sede da UFSC é importante para verificar em que medida a universidade tem alcançado os seus objetivos e, da mesma forma, quais tem sido os seus pontos fracos ao longo do processo, para que sejam fortalecidos; e, ainda, enaltecer os pontos fortes.

Os índices de produtividade científica e tecnológica demonstram que os *campi* fora de sede surpreendem em alguns aspectos, quando delineados sob o olhar do campus sede (Florianópolis). O destaque do Campus Curitibanos, por exemplo, frente à produção de conhecimento, mostra que os *campi* fora de sede têm evoluído desde o seu surgimento.

Dessa forma, considerando-se as etapas da institucionalização, apresentadas por Tolbert e Zucker (2007), pode-se atestar que elas estão presentes na UFSC. Entretanto, em relação à última etapa, a total institucionalização, do ponto de vista científico, a consolidação e a perpetuação ainda são processos em construção nos *campi* fora de sede. Uma vez que essas unidades têm os seus cursos de graduação reconhecidos por órgãos reguladores como o MEC, mas com relação ao estabelecimento da pós-graduação, que é um dos fatores principais para o progresso da pesquisa nas instituições universitárias, ainda buscam fortificar os seus processos e os seus papéis sociais.

As limitações de estudo presentes nesta dissertação dizem respeito principalmente às bases de dados necessárias para a coleta de dados. A Scopus foi empregada para a criação do *corpus* referente às colaborações presentes na UFSC, com o uso de dois campos para refinamento da busca “*affilorg*” (para refinar por ‘Universidade Federal de Santa Catarina’) e “*affilcity*” (para refinar pelas cidades onde estão localizados os *campi* da UFSC). Nesse sentido, alguns registros recuperados desconsideraram os *campi* fora de sede e apresentaram trabalhos cujo vínculo era com o campus sede (Florianópolis), além de outras instituições, que não a UFSC, com sede na mesma cidade onde encontram-se alguns dos *campi* fora de sede. Também, com relação à pesquisa tecnológica, a base de dados *Patentscope* não permite o refinamento por cidades específicas, portanto, os *campi* fora de sede não seriam contemplados na busca, estariam todos identificados como ‘UFSC’ apenas, o que inviabilizou o estudo das redes de colaborações científicas. Outra limitação apontada é que nem todos os docentes da universidade possuem currículo cadastrado na Plataforma Lattes.

Com relação a estudos futuros, esse estudo apresentou um panorama acerca da institucionalização científica, porém, casos como o de Curitiba (produtividade científica considerável, tendo o menor número de docentes dentre todos os *campi* da universidade) e o caso do campus Joinville (no que se refere a produção tecnológica). Também, a questão da endogenia pode ser estudada no futuro, comparando-se a endogenia na formação dos pesquisadores das universidades brasileiras. Outros estudos possíveis de serem realizados no futuro: a investigação das colaborações da UFSC nos depósitos de patentes; a comparação da coautoria entre as publicações científicas e as tecnológicas/ investigar as frentes de pesquisa da universidade, expressas na ciência (publicações) e na tecnologia (patentes).

Em suma, se observa que o processo de institucionalização científica dos *campi* fora de sede tem ocorrido, porém é necessário que os programas de pós-graduação sejam fortificados nessas unidades fora de sede, para que se possam obter resultados mais relevantes com a pesquisa. Todavia, é preciso tempo para que haja uma consolidação desse processo, bem como investimentos e insumos para produções científicas e tecnológicas cada vez mais encorpadas.

Considerando o que foi exposto acerca dos cortes de recursos para as instituições de ensino federal na seção de introdução dessa dissertação, ressalta-se que mesmo diante de cenários como esse, a UFSC demonstra o crescimento de seus *campi* fora de sede, quer seja do ponto de vista de expansão da infraestrutura, quer seja no aspecto de sua produção de conhecimento. E, que, quanto maiores e contínuos forem os repasses de verbas para instituições como a UFSC, melhores serão os seus resultados frente aos seus processos produtivos de conhecimento, bem como de formação de pessoal capacitado.

## REFERÊNCIAS

- ABREU JÚNIOR, N. de. **Universidade multicampi e sua gestão acadêmica**: o caso da Universidade Estadual de Goiás. 2017. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31372/1/2017\\_NelsondeAbreuJ%C3%BAnior.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31372/1/2017_NelsondeAbreuJ%C3%BAnior.pdf). Acesso em: 15 maio 2020.
- ACEDO, F. J. *et al.* Co-authorship in management and organizational studies: an empirical and network analysis. *Journal of Management Studies*, **Journal of Management Studies**, [S. l.], v. 43, n. 5, p. 957-983, Jul. 2006. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-6486.2006.00625.x>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; FERRAZ, M. H. M. Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 3-14, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13555.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- ARARANGUÁ (SC). Prefeitura Municipal de Araranguá. **Economia**. Disponível em: <https://www.ararangua.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/12498#:~:text=A%20economia%20do%20município%20tem,%2C%20feijão%2C%20fumo%20e%20milho>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S.; MOREIRO-GONZÁLEZ, J. A. A produção brasileira em Ciência da Informação no exterior como reflexo de institucionalização científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. 3, v. 16, p. 75-92, 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/37739>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- BAMPI, A. C.; DIEL, J. O. O modelo multicampi de universidade e suas relações com a sociedade. *In: COLÓQUIO DE GESTIÓN UNIVERSITÁRIA EN AMÉRICAS*, 13., 2000, [S. l.]. **Anais [...]**. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/114920/2013281%20-%20O%20modelo%20Multicampi%20de%20universidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2020.
- BARLEY, S. R.; TOLBERT, P. S. Institutionalization and Structuration: Studying the Links between Action and Institution. **Organization Studies**, v. 18, n. 1, p. 93-117, 1997. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/017084069701800106>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- BAZI, R. E. R.; SILVEIRA, M. A. A. da. Constituição e institucionalização da ciência: apontamentos para uma discussão. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 19, p. 129-137, maio/ago. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862007000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862007000200004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 25 fev. 2020.
- BELMONT, E. R. Mobility of the Members of the National System of Researchers of Mexico in their Academic Training in Latin America. **Journal of Scientometric Research**, v. 10, n. 1, 2021. (Online first). No prelo.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014.

BLUMENAU (SC). Prefeitura Municipal de Blumenau. **PEDEM Blumenau**: Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico Municipal de Blumenau. [2016]. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj57NrFrsLuAhVRu1kKHczMCgUQFjAJegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.blumenau.sc.gov.br%2Fgoverno%2Fsecretaria-de-desenvolvimento-economico%2Fpagina%2Fplano-desenvolvimento-economico-sedec%26download%3Dfa0fc206d453f575691b7215bdc013eb&usg=AOvVaw1vdndku\\_C\\_-lHrtSgHhJS-](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj57NrFrsLuAhVRu1kKHczMCgUQFjAJegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.blumenau.sc.gov.br%2Fgoverno%2Fsecretaria-de-desenvolvimento-economico%2Fpagina%2Fplano-desenvolvimento-economico-sedec%26download%3Dfa0fc206d453f575691b7215bdc013eb&usg=AOvVaw1vdndku_C_-lHrtSgHhJS-). Acesso em: 20 fev. 2021.

BOTTONI, A.; SARDANO, E. J.; COSTA FILHO, G. B. Uma breve história da Universidade no Brasil: de Dom João a Lula e os desafios atuais. *In*: COLOMBO, S. S. (org.). **Gestão Universitária**: os caminhos para a excelência. Porto Alegre: Penso, 2013.

BRASIL. **Decreto n. 3.860 de 09 de julho de 2001**. Dispõe sobre a organização do ensino superior, a avaliação de cursos e instituições, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2001/decreto-3860-9-julho-2001-342382-norma-pe.html>. Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Decreto n. 5.773 de 09 de maio de 2006**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/89>. Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Decreto n. 5.786 de 24 de maio de 2006**. Dispõe sobre os centros universitários e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5786.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.786%2C%20DE%2024%20DE%20MAIO%20DE%202006.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20os%20centros%20universit%C3%A1rios,vista%20o%20disposto%20no%20art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5786.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.786%2C%20DE%2024%20DE%20MAIO%20DE%202006.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20os%20centros%20universit%C3%A1rios,vista%20o%20disposto%20no%20art). Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Decreto n. 6.303 de 12 de dezembro de 2007**. Altera dispositivos dos Decretos n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/90/decreto-n-6.303#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%206.303%2C%20DE%2012,Altera%20dispositivos%20dos%20Decretos%20n.&text=Republicado%20Decreto%20n%C2%BA%209.057%2C%20de%2025%20de%20maio%20de%202017>. Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Decreto n. 8.142 de 21 de novembro de 2013** Altera o Decreto n. 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2013/decreto-8142-21-novembro-2013-777446-norma-pe.html#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%208.142%2C%20DE%2021,ensino%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias>. Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Decreto n. 8.754 de 10 de maio de 2016.** Altera o Decreto n. 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8754.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8754.htm). Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Decreto n. 9.235, de 15 de dezembro de 2017.** Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. 2017b. Disponível em: [https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Decreto\\_9235-2017\\_%20Referente-regulacao\\_supervisao-avaliacao-IES\\_e-cursos-graduacao\\_pos.pdf](https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Decreto_9235-2017_%20Referente-regulacao_supervisao-avaliacao-IES_e-cursos-graduacao_pos.pdf). Acesso em: 05 fev. 2020.

BRASIL. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm). Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.235, de 15 de dezembro de 2016.** Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm). Acesso em: 05 maio 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CES 282/2002.** Análise de estatutos e de regimentos de IES não universitárias. 2002. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2002/pces282\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2002/pces282_02.pdf). Acesso em: 05 fev. 2020.

BRASIL. **Portaria n. 21, de 21 de dezembro de 2017.** Dispõe sobre o sistema e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC. 2017a. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria21-2017-sistema-emec.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2020.

BRASIL. **Portaria n. 40, de 12 de dezembro de 2007.** Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/legislacao/2007/portaria\\_40\\_12122007.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/legislacao/2007/portaria_40_12122007.pdf). Acesso em 26 jul. 2020.

BRASIL. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).** 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?>. Acesso em: 06 mar. 2020.

BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da

informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652005000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000200002). Acesso em: 20 fev. 2020.

CAPES. **MINTER e DINTER – CAPES/STEC**. Publicado: 19 maio 2017 e atualizado em 26 ago. 2020. Disponível em: <https://uab.capes.gov.br/bolsas/premios/46-bolsas-no-pais/7459-minter-e-dinter-capes-setec>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CATANI, A. M. O papel da universidade pública hoje: concepção e função. **Jornal de políticas educacionais**, n. 4, p. 04-14, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.iq.usp.br/palporto/Catani2008.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CATIVELLI, A. S.; LUCAS, E. R. de O. Patentes universitárias brasileiras: perfil dos inventores e produção por área do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 67-81, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2016v21n47p67/32342>. Acesso em: 04 jul. 2020.

CHALHUB, T.; GUERRA, C. B. Visibilidade da produção científica de grupos de pesquisa em serviço social do estado do rio de janeiro. **Transinformação**, v. 23, n. 3, p. 185-194, 2011. DOI 10.1590/S0103-37862011000300001 Acesso em: 03 ago. 2020.

CNPq. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes**. [2020]. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/o-que-e/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CROSS, D.; THOMSON, S.; SINCLAIR, A. **Research in Brazil: a report for CAPES by Clarivate Analytics**. Clarivate Analytics, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

CUPANI, A. La peculiaridad del conocimiento tecnológico. **ScientiaeStudia**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 353-71, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ss/v4n3/a01v4n3.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

DAGNINO, R. Como é a universidade de que o Brasil precisa? **Avaliação**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 293-333, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v20n2/1414-4077-aval-20-02-00293.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

DEMO, P. **Praticar ciência: metodologias do ensino científico**. São Paulo: Saraiva, 2011. Não paginado. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=iSFnDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=defini%C3%A7%C3%A3o+de+ci%C3%Aancia&ots=m1\\_9ubUvor&sig=jjX6K8CKLUGWSNK6Q1ydsdp4S7M#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=iSFnDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=defini%C3%A7%C3%A3o+de+ci%C3%Aancia&ots=m1_9ubUvor&sig=jjX6K8CKLUGWSNK6Q1ydsdp4S7M#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 05 jun. 2020.

DILLON, N. The postdoctoral system under the spotlight. **EMBO Reports**, v. 4, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.embopress.org/doi/epdf/10.1038/sj.embor.embor721>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ELIEL, R. A. Institucionalização da ciência da informação no brasil: estudo da convergência entre a produção científica e os marcos regulatórios da área. **Transinformação**, v. 20, n. 3, p.

207-224, 2008. DOI 10.1590/S0103-37862008000300001. Acesso em: 30 out. 2020.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 90, maio/ago. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142017000200023#:~:text=Definimos%20a%20H%C3%A9lice%20Tr%C3%ADplice%20como,da%20inova%C3%A7%C3%A3o%20e%20do%20empreendedorismo](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000200023#:~:text=Definimos%20a%20H%C3%A9lice%20Tr%C3%ADplice%20como,da%20inova%C3%A7%C3%A3o%20e%20do%20empreendedorismo). Acesso em: 20 jul. 2020.

FRANÇA, S. F. Uma visão geral sobre a educação brasileira. **Integração**, v. 1, p. 75-87, 2008. Disponível em: [http://ssystem08.upis.br/repositorio/media/revistas/revista\\_integracao/educacao\\_brasileira.pdf](http://ssystem08.upis.br/repositorio/media/revistas/revista_integracao/educacao_brasileira.pdf) Acesso em: 05 fev. 2020.

FREITAS JÚNIOR, V. *et al.* A pesquisa científica e tecnológica. **Espacios**, Caracas, v. 35, n. 9, 2014. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a14v35n09/14350913.html#:~:text=O%20resultado%20da%20pesquisa%20cient%C3%ADfica,n%C3%A3o%20%C3%A9%20boa%20nem%20m%C3%A1>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FUJINO, A.; PEREIRA, C. A.; MARICATO, J. de M. A institucionalização da pesquisa sobre patentes na ciência da informação: evolução e tendências na produção científica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2012. Disponível em: [http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1933/Fujino\\_A%20institucionalizacao.pdf?sequence=1](http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1933/Fujino_A%20institucionalizacao.pdf?sequence=1). Acesso em: 15 nov. 2020.

FURB. **Nossa história**: como tudo começou. [2021]. Disponível em: <https://www.furb.br/web/1317/institucional/a-furb/nossa-historia>. Acesso em: 25 mar. 2021.

GARCIA, C. C. *et al.* Autoria em artigos científicos: os novos desafios. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, Rio Preto, out./dez. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-76382010000400021](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76382010000400021). Acesso em: 03 mar. 2021.

GAO, X. *et al.* **Technology transferring performance of Chinese universities**: Insights from patent licensing data. *Advances in Applied Sociology*, v. 4, n. 12, p. 289, 2014. Disponível em: [https://file.scirp.org/Html/4-2290229\\_52511.htm#p300](https://file.scirp.org/Html/4-2290229_52511.htm#p300). Acesso em: 18 jan. 2021.

GAZDA, E.; QUANDT, C. O. Colaboração interinstitucional em pesquisa no Brasil: tendências em artigos na área de gestão da inovação. **ERA eletrônica**, v. 9, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/raeel/v9n2/a10v9n2.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Livraria Martins, 2003.

GLÄNZEL, W. National characteristics in international scientific coauthorship relations. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 51, n.1, p. 69-115, 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/226307483\\_National\\_characteristics\\_in\\_international](https://www.researchgate.net/publication/226307483_National_characteristics_in_international)



al\_scientific\_co-authorship\_relations. Acesso em: 27 dez. 2020.

HJORLAND, B. Reviews of concepts in knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 44, n. 6, 2017. Disponível em: [https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2017-6-436.pdf?download\\_full\\_pdf=1](https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2017-6-436.pdf?download_full_pdf=1). Acesso em: 15 abr. 2021.

HOLM, P. The dynamics of institutionalization: transformation processes in Norwegian Fisheries. **Administrative Science Quarterly**, v. 40, n. 3, set. 1995, p. 398-422. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2393791?seq=1>. Acesso em: 15 nov. 2020.

JACKSON, G. Actors and Institutions. In: MORGAN, G. *et al.* (org.). **The Oxford Handbook of Comparative Institutional Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 63-86. Disponível: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1408664](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1408664). Acesso em: 29 nov. 2020.

JOINVILLE (SC). Prefeitura de Joinville. **Joinville cidade em dados**. 2018. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/Joinville-Cidade-em-Dados-2018-Promoção-Econômica.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

JORGE, M. F.; *et al.* **Indicadores de Propriedade Industrial 2018**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), 2018. Disponível em: [http://www.inpi.gov.br/sobre/estatisticas/arquivos/pagina-inicial/indicadores-de-propriedade-industrial-2018\\_versao\\_portal.pdf](http://www.inpi.gov.br/sobre/estatisticas/arquivos/pagina-inicial/indicadores-de-propriedade-industrial-2018_versao_portal.pdf). Acesso em: 18 jan. 2021.

KATZ, J. S.; MARTIN, B. What is research collaboration? **Research Policy**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 1-18, mar. 1997. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0048733396009171#!>. Acesso em: 28 jul. 2020.

KOBASHI, N. Y.; SANTOS, R. N. M. dos. Institucionalização da pesquisa científica no Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. **Transinformação**, Campinas, v. 1, n. 18, p. 27-36, jan./abr. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862006000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862006000100003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 fev. 2020.

LABAND, D. N.; TOLLISON, R. D. Intellectual Collaboration. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 108, n. 3, p. 632-662, jun. 2000. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/10.1086/262132?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/10.1086/262132?seq=1#metadata_info_tab_contents). Acesso em: 25 jul. 2020.

LIMA, Paulo Gomes. Políticas de educação superior no Brasil na primeira década do século XXI: alguns cenários e leituras. **Revista Avaliação**, Sorocaba, SP, v.18, n.1, mar.2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/pyTmcW8VvGfzBSr9YRWrpFj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

LOPES, D. de O.; OLIVEIRA, Í. M. de. Órgãos de fomento da pós-graduação brasileira: a história do CNPq e da CAPES, 5, 2018, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48427>. Acesso em: 06 maio 2020.

MACHADO-DA-SILVA, C. L. *et al.* **Formalismo como mecanismo institucional coercitivo de processos relevantes de mudança na sociedade brasileira**. 2001. Disponível em:

[https://www.academia.edu/1301825/Formalismo\\_como\\_mecanismo\\_institucional\\_coercitivo\\_de\\_processos\\_relevantes\\_de\\_mudanca\\_na\\_sociedade\\_brasileira](https://www.academia.edu/1301825/Formalismo_como_mecanismo_institucional_coercitivo_de_processos_relevantes_de_mudanca_na_sociedade_brasileira). Acesso em: 29 nov. 2020.

MAIA, M. de F. S.; CAREGNATO, S. E. Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 18-31, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v13n2/a03v13n2.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MALTRÁS-BARBA, Bruno. **Los indicadores bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia**. Gijón: TREA, 2003.

MARRARA, T. Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 4, n. 8, 2007. Disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/132>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MCTI. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e Comunicações. **Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação**. 2019. Disponível em: [http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/indicadores/arquivos/Indicadores\\_CTI\\_2019.pdf](http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/indicadores/arquivos/Indicadores_CTI_2019.pdf). Acesso em: 05 jul. 2020.

MEADOWS, A J. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MEC. Ministério da Educação. **Pesquisa traça perfil de alunos das universidades federais**. [201-?]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33261>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MEYER, J. W.; ROWAN, B. Institutionalized organizations: formal structure as myth and ceremony. **American Journal of Sociology**, v. 83, n. 2, set. 1977, p. 340-363. Disponível em: [https://security.ufpb.br/gets/contents/documentos/meyer\\_rowan\\_teor%C3%ADa\\_institucional.pdf](https://security.ufpb.br/gets/contents/documentos/meyer_rowan_teor%C3%ADa_institucional.pdf). Acesso em: 15 nov. 2020.

MEYER, J. W.; BOLI, J.; THOMAS, G. M. Ontology and rationalization in the western cultural account. *In*: SCOTT, W. R.; MEYER, J. W. (ed.) **Institutional environments and organizations: structural complexity and individualism**. Thousand Oaks: Sage, 1994, p. 9-27.

MOREIRA, C. H.; MOREIRA, V. H.; PALMEIRA, E. M. Instituições de ensino superior enquanto organizações. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 1, n. 7, set. 2009. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/ced/07/mmp.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MOREIRA, M. A. Pós-graduação e pesquisa em ensino de ciências no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 4., 2003, Bauru. **Mesa Redonda...** Bauru: ABRAPECENET, 2003. p. 1-4. Disponível em: <https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/enpec/ivenpec/Arquivos/Mesas/M02MAM.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

MOTTA, E. M.; PEREIRA, J. R. D. Estudo sobre indicadores de produção científica *versus*

produção tecnológica na Universidade Estadual de Maringá. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 12, n. 4, p. 795-809, dez. 2019. Disponível em: <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/nit/article/view/32767/20134>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MUELLER, S. P. M. Literatura científica, comunicação científica e ciência da informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf#page=125>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MUELLER, S. P. M. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, fev. 2005. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/980/2/ARTIGO\\_PublicacaoCiencia.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/980/2/ARTIGO_PublicacaoCiencia.pdf). Acesso em: 20 fev. 2021.

NOSELLA, P. A pesquisa em educação: um balanço da produção dos programas de pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, jan./abr. 2010. p. 177-203. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a13v15n43.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

NUNES, M. A. S. N. *et al.* Discussões sobre produção acadêmico-científica & produção tecnológica: mudando paradigmas. **Revista GEINTEC: Gestão, Inovação e Tecnologias**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 205-220, 2013. Disponível em: <http://www.revistageintec.net/index.php/revista/article/view/122>. Acesso em: 3 jul. 2020.

ODELIUS, C. C.; SENA, A. de C. Atuação em grupos de pesquisa: competências e processos de aprendizagem. **Revista Administração Faces Journal**, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 13-31, out./dez. 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/162/159>. Acesso em: 20 jul. 2020.

PELEGRINI, T.; FRANÇA, M. T. A. Endogenia acadêmica: *insights* sobre a pesquisa brasileira. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 573-610, out./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ee/v50n4/0101-4161-ee-50-04-0573.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PERSSON, O.; GLÄNZEL, W.; DANELL, R. Inflationary bibliometric values: The role of scientific collaboration and the need for relative indicators in evaluative studies. **Springer Link**. 2004. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/B:SCIE.0000034384.35498.7d>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PIMENTA, L. B. **Processo decisório na universidade multicampi**: dinâmica dos conselhos superiores e órgãos de execução. 2007. Tese (Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11342/1/Lidia%20Pimenta.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005. v I e II.

POBLACIÓN, D. A.; NORONHA, D. P. Produção da literatura “branca” e “cinzenta” pelos docentes/doutores dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 98-106, maio/ago. 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652002000200011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652002000200011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 mar. 2021.

SANTOS, R. N. M. dos. Indicadores estratégicos em ciência e tecnologia: refletindo a sua prática como dispositivo de inclusão/exclusão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. esp., p. 129-140, set./dez. 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862003000500007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862003000500007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 mar. 2021.

SCHWARTZMAN, S. Pesquisa Universitária e Inovação no Brasil. *In: Avaliação de políticas de ciência, tecnologia e inovação: diálogo entre experiências internacionais e brasileiras*. Brasília: CGEE, 2008. p. 19-43. Disponível em: [http://www.schwartzman.org.br/simon/cgee2008\\_simon.pdf](http://www.schwartzman.org.br/simon/cgee2008_simon.pdf). Acesso em: 20 set. 2020. SCOPUS. Elsevier, 2021. Disponível em: <https://www.scopus.com>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SCOTT, R. W. **Instituições e organizações**. Thousand Oaks: Sage. 2001.

SEDUFMS. **Governo Temer faz novos cortes na Educação**. 2017. Disponível em: <http://sedufsm.org.br/?secao=noticias&id=4483>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e sistematização do conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, jan./abr. 2009, p. 13-27. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189115658002.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SIDONE, O. J. G.; HADDAD, E. A.; MENA-CHALCO, Jesús. P. Scholarly publication and collaboration in Brazil: The role of geography. **TD Nereus**. São Paulo, 2014. Disponível em: [http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TD\\_Nereus\\_01\\_2014.pdf](http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TD_Nereus_01_2014.pdf). Acesso em: 20 fev. 2021.

SILVA, F. L. Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a15.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SOUZA, C. G. de; BARBASTEFANO, R. G.; LIMA, L. S. de. Redes de colaboração científica na área de química no Brasil: um estudo baseado nas coautorias dos artigos da revista Química Nova. **Química Nova**, São Paulo, v. 35, n. 4, 2012. p. 671-676. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/qn/v35n4/a03v35n4.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SELZNICK, P. **A liderança na administração: uma interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: FGV, 1972.

SELZNICK, P. Institutionalism ‘old’ and ‘new’. **Administrative Science Quarterly**, v. 41, n. 2, jun. 1996, p. 270-277. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2393719?seq=1>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SILVA, J. R.; TARGINO, M. D. G. Visibilidade e prestígio na construção da rede colaborativa dos docentes de medicina veterinária da universidade federal de alagoas: um

olhar a partir do conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu. **Ciência da Informação em Revista**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 14-30, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36231>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SILVA, M. de F.; JUNQUEIRA, L. A. P.; CARDOSO, O. Inovação e a Teoria Institucional. **Gestão.org**, v. 14, n. 1, 2016, p. 106-114. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/download/22024/18452>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SMITH, M. The trend toward multiple authorship in Psychology. **American Psychologist**, Washington, v. 13, p. 596-599, 1958. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/1960-00275-001>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TOLBERT, P. S.; ZUCKER, L. G. A institucionalização da teoria institucional. *In*: CLEGG, S. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999, v. 3, p. 196-219.

TOLBERT, P. S.; ZUCKER, L. G. A institucionalização da teoria institucional. *In*: CLEGG, Stewart R.; HARDY, C.; NORD, W. (org.). **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

TROSTER, T. R. **Indução e ciência em Aristóteles**. 2015. Tese (Doutorado) – Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19082016-133155/publico/2015\\_TomasRobertoTroster\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19082016-133155/publico/2015_TomasRobertoTroster_VOrig.pdf). Acesso em: 05 jul. 2020.

UFMA. **Campi ou Câmpus?** Saiba como fica o plural da palavra campus. 2013. Disponível em: [https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=40644#:~:text=Desde%20o%20ano%20passado%2C%20o,\(latim\)%20“campi”.&text=No%20dicionário%2C%20a%20palavra%20Campi,unidades%20de%20ensino%20e%20residência](https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=40644#:~:text=Desde%20o%20ano%20passado%2C%20o,(latim)%20“campi”.&text=No%20dicionário%2C%20a%20palavra%20Campi,unidades%20de%20ensino%20e%20residência). Acesso em: 06 ago. 2020.

UFSC. **Boletim de Dados**. 2018. Disponível em: <http://dpgi.seplan.ufsc.br/files/2020/02/BOLETIM-DE-DADOS-2018-novo.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2020.

UFSC. **Estrutura UFSC**. 2020. Disponível em: <https://estrutura.ufsc.br/>. Acesso em: 04 ago. 2020.

UFSC. **Pró-reitoria de Pós-Graduação (PROPG)**. [2019]. Disponível em: <https://propg.ufsc.br/cap/programas-de-pos-graduacao/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

UFSC. **UFSC 54 anos**: conheça um pouco desta história. 2014. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2014/12/ufsc-54-anos-conheca-um-pouco-desta-historia/#:~:text=A%20UFSC%20foi%20criada%20com,a%20adi%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20nova.&text=Uma%20onda%20de%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de,em%20cidades%20m%C3%A9dias%20em%201960>. Acesso em: 04 ago. 2020.

UFSC ARARANGUÁ. **UFSC Araranguá**. Disponível em: <https://ararangua.ufsc.br/>. 2020. Acesso em: 10 jan. 2020.

UFSC BLUMENAU. **UFSC Blumenau**. Disponível em: <https://blumenau.ufsc.br/campus/>. 2020. Acesso em: 10 jan. 2020.

UFSC CURITIBANOS. **UFSC Curitiba**. Disponível em: [https://curitibanos.ufsc.br/?page\\_id=13362](https://curitibanos.ufsc.br/?page_id=13362). 2020. Acesso em: 10 jan. 2020.

UFSC JOINVILLE. **UFSC Joinville**. Disponível em: <https://joinville.ufsc.br/>. 2020. Acesso em: 10 jan. 2020.

VALE, M. P. E. de M. **Institucionalização do ensino em administração de empresas na cidade de São Paulo**: um estudo de caso sobre a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo (FEA-USP). 2012. 143 f. Dissertação (Administração de Empresas) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo, 2012. Disponível em: [https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/miriam\\_pires\\_eustachio\\_de\\_medeiros\\_vale.pdf](https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/miriam_pires_eustachio_de_medeiros_vale.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

VALÉRIO, P. M.; PINHEIRO, L. V. Da comunicação científica à divulgação. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 2, maio/ago. 2008, p. 159-169. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3843/384334798004.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

VANZ, S. A. de S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 42-55, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pci/v15n2/a04v15n2.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

VELHO, L.; KRIGE, J. Publication and Citation Practices of Brazilian Agricultural Scientists. **Social Studies of Science**, v. 14, n. 1, 1984, p.45-62. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240707654\\_Publication\\_and\\_Citation\\_Practices\\_of\\_Brazilian\\_Agricultural\\_Scientists](https://www.researchgate.net/publication/240707654_Publication_and_Citation_Practices_of_Brazilian_Agricultural_Scientists) Acesso em: 20 fev. 2021.

VELLOSO, J. A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 157, ago. 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742004000200012&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742004000200012&script=sci_arttext). Acesso em: 04 mar. 2021.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1998.

WHITLEY, R. Cognitive and social institutionalization of scientific specialties and research areas. In: WHITLEY, R. **Social processes of scientific development**. London: Routledge and Kegan, 1975. p. 69-95. Disponível: [https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-94-010-1831-9\\_3.pdf](https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-94-010-1831-9_3.pdf). Acesso: 25 fev. 2020.

World University Rankings. **The World University Rankings**. 2021. Disponível em: [https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2021/world-ranking#!/page/0/length/25/sort\\_by/rank/sort\\_order/asc/cols/stats](https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2021/world-ranking#!/page/0/length/25/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/stats). Acesso em: 20 mar. 2021.

ZILBER, T. B. Institutionalization as an interplay between actions, meanings, and actors: the case of a rape crisis center in Israel. **Academy of Management Journal**, v. 45, n. 1, 2002, p.

234-254.

APÊNDICE A – Planilha (*Excel*) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Araranguá.

GRADUAÇÃO			MESTRADO			DOUTORADO		
Instituição	Nº currículos	%	Instituição	Nº currículos	%	Instituição	Nº currículos	%
Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu	1	1,0%	Escola Superior de Administração e Gerência	1	1,0%	Universidade do Porto	2	2,1%
Centro Universitário Sant'Anna	1	1,0%	Universidade São Paulo	4	4,2%	Universidade de São Paulo	7	7,4%
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Catan	1	1,0%	Fundação de Apoio à Educação, Pesquisa e Exte	1	1,0%	Fundação Oswaldo Cruz	1	1,1%
Fundação Universidade Federal de Ciências da Sa	1	1,0%	Fundação Universidade Federal de Ciências da Sa	1	1,0%	Fundação Universidade Federal de Ciências da Sa	1	1,1%
Fundação Universidade Regional de Blumenau	3	3,1%	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação	1	1,0%	INCOR	1	1,1%
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	1	1,0%	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	3	3,1%	Swansea University	1	1,1%
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	6	6,1%	Programa Associado de Pós-Graduação UEM/UEL	1	1,0%	Technische Universitaet Darmstadt	1	1,1%
Universidad Complutense de Madnid	1	1,0%	The University of New México	1	1,0%	The University of New México	1	1,1%
Universidad de Panamá	1	1,0%	Universidad Complutense de Madnid	1	1,0%	Universidad Complutense de Madnid	1	1,1%
Universidade Comunitária da Região de Chapecô	1	1,0%	Universidade de Franca	1	1,0%	Universidade de Alcalá	1	1,1%
Universidade da Região de Joinville	1	1,0%	Universidade do Estado de Santa Catarina	3	3,1%	Universidade do Estado de Santa Catanna	4	4,2%
Universidade de Cruz Alta	2	2,0%	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1	1,0%	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1	1,1%
Universidade de Passo Fundo	1	1,0%	Universidade do Extremo Sul Cataninense	5	5,2%	Universidade do Extremo Sul Cataninense	2	2,1%
Universidade do Estado de Santa Catarina	4	4,1%	Universidade do Vale do Itajai	1	1,0%	Universidade do Sul de Santa Catarina	1	1,1%
Universidade do Extremo Sul Cataninense	1	1,0%	universidade estacio de sa	1	1,0%	Universidade Estadual de Campinas	5	5,3%
Universidade do Oeste de Santa Catarina	1	1,0%	Universidade Estadual de Campinas	4	4,2%	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	1	1,1%
Universidade do Planalto Cataninense	2	2,0%	Universidade Estadual de Maringá	1	1,0%	Universidade Federal da Paraíba	1	1,1%
Universidade do Sul de Santa Catarina	2	2,0%	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	1	1,0%	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	1,1%
Universidade do Vale do Itajai	1	1,0%	Universidade Federal de Juiz de Fora	1	1,0%	Universidade Federal de Minas Gerais	2	2,1%
Universidade Estadual de Campinas	2	2,0%	Universidade Federal de Minas Gerais	2	2,1%	Universidade Federal de Santa Catarina	36	37,9%
Universidade Estadual de Londrina	1	1,0%	Universidade Federal de Santa Catanna	36	37,5%	Universidade Federal de Santa Maria	1	1,1%
Universidade Estadual de Maringá	1	1,0%	Universidade Federal de Santa Maria	3	3,1%	Universidade Federal de São Carlos	1	1,1%
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	2	2,0%	Universidade Federal de São Carlos	1	1,0%	Universidade Federal de São Paulo	2	2,1%
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	3	3,1%	Universidade Federal de São Paulo	1	1,0%	Universidade Federal do Paraná	2	2,1%
Universidade Estatal de Economia de Kharkiv	1	1,0%	Universidade Federal do Paraná	2	2,1%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2	2,1%
Universidade Federal de Juiz de Fora	3	3,1%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1,0%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	13	13,7%
Universidade Federal de Minas Gerais	1	1,0%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	15	15,6%	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e	1	1,1%
Universidade Federal de Pelotas	5	5,1%	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e	1	1,0%	Universität Bremen	1	1,1%
Universidade Federal de Santa Catarina	27	27,6%	Universidade Luterana do Brasil	1	1,0%	University of Calgary	1	1,1%
Universidade Federal de Santa Maria	3	3,1%	<b>TOTAL</b>	<b>96</b>	<b>100%</b>	<b>TOTAL</b>	<b>95</b>	<b>100%</b>
Universidade Federal de São Carlos	2	2,0%						
Universidade Federal do Amazonas	1	1,0%						
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1	1,0%						
Universidade Federal do Maranhão	1	1,0%						
Universidade Federal do Rio de Janeiro	2	2,0%						
Universidade Federal do Rio Grande	3	3,1%						
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3	3,1%						
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e	2	2,0%						
Universidade Metodista de Piracicaba	1	1,0%						
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio	1	1,0%						
<b>TOTAL</b>	<b>98</b>	<b>100%</b>						



APÊNDICE B – Planilha (*Excel*) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Blumenau.

GRADUAÇÃO			MESTRADO			DOUTORADO		
Intituição	Nº currículos	%	Intituição	Nº currículos	%	Intituição	Nº currículos	%
Sistemas - PGEPS/UFSC	1	1,2%	Faculdade de Engenharia Química de Lorena	1	1,1%	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto	1	1,1%
Centro de Ensino Superior de Erechim	1	1,2%	Fundação Universidade Regional de Blumenau	1	1,1%	Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada	1	1,1%
Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têx Centro Tecnológico	1	1,2%	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1	1,1%	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2	2,1%
Escola Superior de Estudos Sociais - Fundação Ed	1	1,2%	Technische Universität Dresden	1	1,1%	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1	1,1%
Faculdade de Engenharia Química de Lorena	1	1,2%	Universidad Centroccidental Lisandro Alvarado	1	1,1%	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	1	1,1%
Faculdade Senai-Cetiqt	1	1,2%	Universidade de Brasília	1	1,1%	Universidade de Brasília	2	2,1%
Fundação Universidade Regional de Blumenau	6	7,3%	Universidade de Caxias do Sul	1	1,1%	Universidade de São Paulo	9	9,5%
Instituto Federal de São Paulo	1	1,2%	Universidade de Passo Fundo	1	1,1%	Universidade do Estado de Santa Catarina	2	2,1%
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense	1	1,2%	Universidade de Santa Cruz do Sul	1	1,1%	Universidade do Minho	3	3,2%
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	1	1,2%	Universidade de São Paulo	3	3,3%	Universidade do Porto	1	1,1%
Universidad de Pamplona	1	1,2%	Universidade do Estado de Santa Catarina	1	1,1%	Universidade Estadual de Campinas	11	11,6%
Universidad de Tarapacá	1	1,2%	Universidade do Extremo Sul Catarinense	1	1,1%	Universidade Estadual de Maringá	1	1,1%
Universidad Nacional Del Callao	1	1,2%	Universidade do Minho	1	1,1%	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	2	2,1%
Universidad Pedagógica Experimental Libertador	1	1,2%	Universidade do Sul de Santa Catarina	1	1,1%	Universidade Federal de Juiz de Fora	1	1,1%
Universidade de Brasília	2	2,4%	Universidade Estadual de Campinas	8	8,9%	Universidade Federal de Santa Catarina	41	43,2%
Universidade de Caxias do Sul	2	2,4%	Universidade Estadual de Londrina	2	2,2%	Universidade Federal de Santa Maria	1	1,1%
Universidade de Santa Cruz do Sul	1	1,2%	Universidade Estadual de Maringá	1	1,1%	Universidade Federal de São Carlos	5	5,3%
Universidade de São Paulo	1	1,2%	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	1	1,1%	Universidade Federal do Ceará	1	1,1%
Universidade de São Paulo - Instituto de Física	1	1,2%	Universidade Federal de Juiz de Fora	1	1,1%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2	2,1%
Universidade do Estado de Santa Catarina	2	2,4%	Universidade Federal de Santa Catarina	44	48,9%	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	1,1%
Universidade do Minho	1	1,2%	Universidade Federal de Santa Maria	2	2,2%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3	3,2%
Universidade do Sul de Santa Catarina	1	1,2%	Universidade Federal de São Carlos	4	4,4%	Universitá di Firenze	1	1,1%
Universidade do Vale do Itajaí	1	1,2%	Universidade Federal do Ceará	1	1,1%	University of Münster	1	1,1%
Universidade Estadual de Campinas	2	2,4%	Universidade Federal do Espírito Santo	1	1,1%	Westfälische Wilhelms Universität Münster	1	1,1%
Universidade Estadual de Londrina	2	2,4%	Universidade Federal do Pará	1	1,1%	<b>TOTAL</b>	<b>95</b>	<b>100%</b>
Universidade Estadual de Maringá	1	1,2%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2	2,2%			
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	2	2,4%	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	1,1%			
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	5	6,1%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3	3,3%			
Universidade Federal de Alfenas	1	1,2%	Universidade Federal Rural de Pernambuco	1	1,1%			
Universidade Federal de Lavras	1	1,2%	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	1	1,1%			
Universidade Federal de Ouro Preto	1	1,2%	<b>TOTAL</b>	<b>90</b>	<b>100%</b>			
Universidade Federal de Santa Catarina	21	25,6%						
Universidade Federal de Santa Maria	2	2,4%						
Universidade Federal de São Carlos	1	1,2%						
Universidade Federal de Viçosa	1	1,2%						
Universidade Federal do Ceará	1	1,2%						
Universidade Federal do Espírito Santo	1	1,2%						
Universidade Federal do Pará	1	1,2%						
Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1,2%						
Universidade Federal do Rio Grande	1	1,2%						
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	1,2%						
Universidade Federal de Feevale	2	2,4%						
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e	1	1,2%						
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	1	1,2%						
<b>TOTAL</b>	<b>82</b>	<b>100%</b>						

APÊNDICE C – Planilha (*Excel*) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Curitibanos.

GRADUAÇÃO			MESTRADO			DOUTORADO		
Instituição	Nº de currículos	%	Instituição	Nº de currículos	%	Instituição	Nº de currículo	%
Centro Universitário Cesumar	1	1,5%	Departamento de Química	1	1,3%	Departamento de Química	1	1,3%
Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista	1	1,5%	Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias -	1	1,3%	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1	1,3%
FCAV / UNESP Jaboticabal	1	1,5%	Universidade de Brasília	1	1,3%	Universidad Complutense de Madrid	1	1,3%
Fundação Universidade Regional de Blumenau	2	3,1%	Universidade de Passo Fundo	1	1,3%	Universidade de Coimbra	1	1,3%
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1	1,5%	Universidade de São Paulo	2	2,7%	Universidade de São Paulo	5	6,7%
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	1	1,5%	Universidade do Estado de Santa Catarina	5	6,7%	Universidade de São Paulo - Escola Superior de Ag	1	1,3%
Universidade da Região da Campanha	3	4,6%	Universidade Estadual de Campinas	1	1,3%	Universidade do Estado de Santa Catarina	3	4,0%
Universidade de Brasília	1	1,5%	Universidade Estadual de Londrina	1	1,3%	Universidade Estadual de Campinas	4	5,3%
Universidade de Passo Fundo	1	1,5%	Universidade Estadual de Maringá	4	5,3%	Universidade Estadual de Feira de Santana	1	1,3%
Universidade de Santa Cruz do Sul	1	1,5%	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	3	4,0%	Universidade Estadual de Maringá	2	2,7%
Universidade de Taubaté	1	1,5%	Universidade Federal da Bahia	1	1,3%	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	6	8,0%
Universidade do Contestado	1	1,5%	Universidade Federal de Lavras	2	2,7%	Universidade Federal de Lavras	2	2,7%
Universidade do Estado de Santa Catarina	5	7,7%	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	1,3%	Universidade Federal de Pelotas	1	1,3%
Universidade Estadual de Campinas	1	1,5%	Universidade Federal de Pelotas	2	2,7%	Universidade Federal de Santa Catarina	15	20,0%
Universidade Estadual de Londrina	2	3,1%	Universidade Federal de Santa Catarina	17	22,7%	Universidade Federal de Santa Maria	10	13,3%
Universidade Estadual de Maringá	2	3,1%	Universidade Federal de Santa Maria	20	26,7%	Universidade Federal de Viçosa	2	2,7%
Universidade Estadual do Norte do Paraná/Facultad	1	1,5%	Universidade Federal de Viçosa	2	2,7%	Universidade Federal do Amazonas	1	1,3%
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	1	1,5%	Universidade Federal do Paraná	3	4,0%	Universidade Federal do Paraná	6	8,0%
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	1	1,5%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1,3%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	9	12,0%
Universidade Federal de Juiz de Fora	1	1,5%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	4	5,3%	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	1	1,3%
Universidade Federal de Lavras	1	1,5%	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	1	1,3%	University of Karlsruhe/Institute of Grapevine Bre	1	1,3%
Universidade Federal de Pelotas	2	3,1%	Universidade Pablo de Olavide	1	1,3%	West Virginia University	1	1,3%
Universidade Federal de Santa Catarina	13	20,0%	<b>Total Geral</b>	<b>75</b>	<b>100%</b>	<b>Total Geral</b>	<b>75</b>	<b>100%</b>
Universidade Federal de Santa Maria	12	18,5%						
Universidade Federal de Viçosa	2	3,1%						
Universidade Federal do Paraná	1	1,5%						
Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1,5%						
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	3,1%						
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	2	3,1%						
<b>Total Geral</b>	<b>65</b>	<b>100%</b>						

**APÊNDICE D – Planilha (Excel) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Florianópolis.**

GRADUAÇÃO			MESTRADO			DOUTORADO		
Instituição	Nº de currículos	%	Instituição	Nº de currículos	%	Instituição	Nº de currículos	%
Evolutionary Biology	1	0,1%	Belorussian State University	1	0,1%	Adam Mickiewicz University	1	0,1%
Associação Educacional Unyahna	1	0,1%	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	3	0,2%	Auburn University	1	0,1%
Belorussian State University	1	0,1%	Unesp	27	1,5%	Australian National University	1	0,1%
Centro de Ciências da Saúde	1	0,1%	Centro de Ciências Biológicas	2	0,1%	Belarusian State University	1	0,1%
Centro de Ciências Jurídicas	1	0,1%	Centro de Pesquisa Odontológicas São Leopoldo M	3	0,2%	Boston University	1	0,1%
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora	2	0,1%	Centro Ricerche-Istituto Europeo di Design	1	0,1%	Cardiff University	1	0,1%
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas	1	0,1%	CUM LAUDE&amp	1	0,1%	Carnegie Mellon University	2	0,1%
Centro Universitário Assis Gurgacz	1	0,1%	Czech Technical University in Prague	1	0,1%	Centre D'Etudes Supérieures D'Aménagement	1	0,1%
Centro Universitário da Fundação Educacional de	1	0,1%	Dalhousie University	1	0,1%	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	1	0,1%
Centro Universitário de Brusque	1	0,1%	Departamento de Ciência da Computação	1	0,1%	UNESP	41	2,2%
Centro Universitário de Volta Redonda	1	0,1%	Departamento de Enfermagem	1	0,1%	Centro de Pesquisas Odontológicas São Leopoldo M	2	0,1%
Centro Universitário do Triângulo	1	0,1%	Departamento de Engenharia de Produção	1	0,1%	Christian-Albrechts-Universität Zu Kiel	2	0,1%
Centro Universitário Fundação Santo André	1	0,1%	Departamento de Engenharia Elétrica	2	0,1%	City University of New York	1	0,1%
Centro Universitário Sagrado Coração	1	0,1%	Departamento de Engenharia Mecânica	2	0,1%	COPPE / Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	0,1%
Departamento de Biologia Animal	1	0,1%	Departamento de Engenharia Química	1	0,1%	Cornell University	1	0,1%
Departamento de Ciências Biológicas	1	0,1%	DePaul University	1	0,1%	Departamento de Engenharia Mecânica	1	0,1%
Departamento de Ciências Farmacêuticas	1	0,1%	Durham University	1	0,1%	Duke University	3	0,2%
Departamento de Engenharia Elétrica	1	0,1%	Eastern Michigan University	1	0,1%	Duquesne University	1	0,1%
Departamento de Engenharia Mecânica	2	0,1%	Ecole Nationale Des Ponts Et Chaussées	1	0,1%	Durham University	1	0,1%
Duke University	1	0,1%	Ecole Nationale Supérieure d'Ingénieurs Electri	1	0,1%	Eberhard Karls Universität Tübingen	2	0,1%
Ecole Nationale Supérieure d'Ingénieurs Electri	1	0,1%	Ecole Nationale Supérieure de Chimie de Rennes	1	0,1%	Ecole Centrale de Lyon	1	0,1%
Escola de Química da Universidade Federal do Rio	1	0,1%	Escola de Comunicações e Artes	1	0,1%	Ecole Nationale Supérieure Agronomique de Rennes	1	0,1%
Escola Naval	1	0,1%	Escola Nacional de Ciências Estatísticas	1	0,1%	Ecole Nationale Supérieure des Telecommunications	1	0,1%
Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz	1	0,1%	Escola Superior de Agricultura &amp	1	0,1%	Eindhoven University of Technology	2	0,1%
Escola Superior de Estudos Sociais	1	0,1%	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz	1	0,1%	Emory University	1	0,1%
Escola Superior de Propaganda e Marketing	1	0,1%	Escuela Nacional de Sanidad Madrid	1	0,1%	Escola de Comunicação e Artes - Universidade de	1	0,1%
Escuela Militar de Ingeniería	1	0,1%	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto	2	0,1%	FIOCRUZ	2	0,1%
Faculdade CESUSC	1	0,1%	Faculdade de Economia, Administração e Contabili	2	0,1%	ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA	1	0,1%
Faculdade de Administração do Alto Vale do Rio T	1	0,1%	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	2	0,1%	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz	3	0,2%

Faculdade de Artes do Paraná	1	0,1%	FEP - Faculdade de Economia do Porto	1	0,1%	Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa	1	0,1%
Faculdade de Ciências Administrativas e Tecnológicas	1	0,1%	Fundação Getúlio Vargas	4	0,2%	Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Porto	1	0,1%
Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativa	1	0,1%	Fundação Oswaldo Cruz	8	0,4%	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto	1	0,1%
Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão	1	0,1%	Fundação Universidade Regional de Blumenau	2	0,1%	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade do Porto	2	0,1%
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Curitiba	1	0,1%	G. d'Annunzio	1	0,1%	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto	3	0,2%
Faculdade de Educação de Joinville	1	0,1%	Halmstad University	1	0,1%	Faculdade de Engenharia de Alimentos	1	0,1%
Faculdade de Educação Física da Acm de Sorocaba	1	0,1%	Institut National Des Sciences Appliquées de Lyon	1	0,1%	Faculdades Pequeno Príncipe	1	0,1%
Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira	1	0,1%	Institut National Polytechnique de Grenoble	1	0,1%	Facultés Universitaires Notre-Dame de la Paix	1	0,1%
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Moema	1	0,1%	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação	1	0,1%	Friedrich-Schiller-Universität Jena	1	0,1%
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada	1	0,1%	Instituto de Bioquímica Médica - UFRJ	1	0,1%	Fundação Getúlio Vargas - SP	3	0,2%
CULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE PA	1	0,1%	Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul	1	0,1%	Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	1	0,1%
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	1	0,1%	Instituto de Física	1	0,1%	Fundação Universidade Regional de Blumenau	1	0,1%
Faculdade de Medicina de Itajuba	1	0,1%	Instituto de Matemática e Estatística	1	0,1%	Georg-August-Universität Göttingen	1	0,1%
Faculdade Estácio de Sá	2	0,1%	Instituto de Química de São Carlos - Universidade	1	0,1%	Goethe Universität Frankfurt am Main	1	0,1%
Faculdade Evangélica do Paraná	1	0,1%	Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein	1	0,1%	Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover	1	0,1%
Faculdade Metodista Centenário	1	0,1%	Instituto Militar de Engenharia	1	0,1%	Humboldt-Universität Zu Berlin	1	0,1%
Faculdade Ruy Barbosa	1	0,1%	Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada	5	0,3%	Imperial College Of Science Technology And Medicine	1	0,1%
Faculdade Salesiana de Educação Física	1	0,1%	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia	1	0,1%	Indiana University Purdue University At Indianapolis	1	0,1%
Faculdade Santa Terezinha	1	0,1%	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	2	0,1%	Institut d'Études Politiques de Paris	1	0,1%
Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis	1	0,1%	Instituto Tecnológico de Aeronáutica	1	0,1%	Institut d'Urbanisme de Grenoble	1	0,1%
Faculdades Integradas Padre Anchieta de Guarapari	1	0,1%	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro	1	0,1%	Institut National Polytechnique de Toulouse	1	0,1%
Fundação Educacional de Brusque	2	0,1%	INTERNATIONAL UNIVERSITY OF JAPAN	1	0,1%	Institut National de Sciences Appliquées de Rouen	2	0,1%
Fundação Educacional de Criciúma	1	0,1%	Jagiellonian University	1	0,1%	INSTITUT NATIONAL DES SCIENCES APPLIQUEES	1	0,1%
Fundação Getúlio Vargas - SP	1	0,1%	Kansas State University	1	0,1%	Institut National Des Sciences Appliquées de Lyon	4	0,2%
Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista	1	0,1%	Lesley College	1	0,1%	Institut National Polytechnique de Grenoble	2	0,1%
Fundação Municipal de Ensino Superior de Marília	1	0,1%	Ludwigs Maximilian Universität	1	0,1%	Institut National Polytechnique de Lorraine	2	0,1%
Fundação pinhalense de ensino	1	0,1%	Michigan State University	1	0,1%	Institut National Polytechnique de Toulouse	3	0,2%
Fundação Universidade do Contestado - Concórdia	1	0,1%	Netherlands Universities Foundation For International Cooperation	1	0,1%	Institut National Polytechnique Grenoble	1	0,1%
Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica	1	0,1%	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação	1	0,1%
Fundação Universidade Regional de Blumenau	16	0,9%	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	1	0,1%	Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo	1	0,1%
Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	1	0,1%	Instituto de Bioquímica Médica - UFRJ	1	0,1%
Instituição Toledo de Ensino	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	20	1,1%	Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal de Rio de Janeiro	1	0,1%
Institut National Polytechnique de Grenoble	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	4	0,2%	Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação	1	0,1%

Institut National Polytechnique de Grenoble	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	4	0,2%	Instituto de Ciências Matemáticas e de Computaç	1	0,1%
Instituto de Ciências Matemáticas e de Computaç	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janei	21	1,1%	Instituto de Economia da UFRJ	1	0,1%
Instituto de Física	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	26	1,4%	Instituto de Educação da Universidade do Minho -	1	0,1%
Instituto Del Profesorado En Educación Física	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande D	1	0,1%	Instituto de Estudos Sociais e Políticos	2	0,1%
Instituto Metodista de Educacao e Cultura	3	0,2%	Pontifícia Universita della Santa Croce	1	0,1%	Instituto de Informática	1	0,1%
Instituto Tecnológico de Aeronáutica	1	0,1%	Pós-graduação em Linguística da Universidade F	1	0,1%	Instituto Fernandes Figueira	1	0,1%
Instituto Unificado de Ensino Superior Objetivo	1	0,1%	Progettazione Ambientale&amp	1	0,1%	Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada	6	0,3%
Kansas State University	1	0,1%	Programa de Pós Graduação em Antropologia Soci	1	0,1%	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia	1	0,1%
Michigan State University	1	0,1%	Programa de Pós Graduação em Saúde Pública da	1	0,1%	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais	2	0,1%
Organização Santamarense de Educação e Cultura	1	0,1%	Roskilde Univesitet	1	0,1%	International School for Advanced Studies	1	0,1%
Pontificia Universidad Catolica de Chile	2	0,1%	The University Of Texas At Austin	1	0,1%	Jagiellonian University	1	0,1%
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	4	0,2%	Tulane University	1	0,1%	Johannes Gutenberg University of Mainz	1	0,1%
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	2	0,1%	Universidad Autónoma de Barcelona	1	0,1%	Kansas State University	1	0,1%
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	8	0,5%	Universidad Complutense de Madrid	1	0,1%	Karlsruher Institut für Technologie	2	0,1%
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	5	0,3%	Universidad de Granada	1	0,1%	Katholieke Universiteit Leuven	4	0,2%
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	11	0,6%	Universidad de La Habana	1	0,1%	Kyoto University	1	0,1%
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	8	0,5%	Universidad de los Andes Colombia	1	0,1%	Leeds University	1	0,1%
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande d	17	1,0%	Universidad Del Museo Social Argentino	1	0,1%	Lehigh University	1	0,1%
quot	2	0,1%	Universidad del Pais Vasco	1	0,1%	Loughborough University	1	0,1%
Technische Universitaet Berlin	1	0,1%	Universidad Nacional Autónoma de Mexico	1	0,1%	Max Planck Institut Für Metallforschung	1	0,1%
União das Faculdades de Criciúma	1	0,1%	Universidad Nacional Autónoma de México	1	0,1%	McGill University	2	0,1%
Universidad Catolica de Valparaiso Chile	1	0,1%	Universidade Católica de Pelotas	1	0,1%	Museu de Arqueologia e Etnologia	1	0,1%
Universidad Central Del Ecuador	1	0,1%	Universidad Complutense de Madri	1	0,1%	Oregon State University	2	0,1%
Universidad Complutense de Madrid	1	0,1%	Universidade da Região de Joinville	1	0,1%	Plymouth University	1	0,1%
Universidad de Buenos Aires	1	0,1%	Universidade de Belgrado	1	0,1%	Pontificia Univercidade Catolica do Rio Grande do	1	0,1%
Universidad de Concepción	1	0,1%	Universidade de Brasília	11	0,6%	Pontifícia Universidade Católica	1	0,1%
Universidad de Granada	1	0,1%	Universidade de Caxias do Sul	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	26	1,4%
Universidad de La Habana	3	0,2%	Universidade de Coimbra	2	0,1%	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	10	0,5%
Universidad de La Laguna	1	0,1%	Universidade de Paris-Sorbonne IV	1	0,1%	Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do S	24	1,3%
Universidad de Santiago de Chile	1	0,1%	Universidade de Ribeirão Preto	1	0,1%	Pós-graduação em Linguística da Universidade F	1	0,1%
Universidad de Sevilla	1	0,1%	Universidade de Santa Cruz do Sul	1	0,1%	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Soci	1	0,1%
Universidad Industrial de Santander	1	0,1%	Universidade de São Paulo	162	8,8%	Purdue University	1	0,1%
Universidad Mayor de San Francisco Xavier	1	0,1%	Universidade de Yaounde 1	1	0,1%	Queen's University Belfast	1	0,1%

Universidad Mayor de San Simon	1	0,1%	Universidade do Contestado	1	0,1%	quot	3	0,2%
Universidad Nacional de Colombia	3	0,2%	Universidade do Estado de Santa Catarina	19	1,0%	Rheinisch Westfälisch Technische Hochschule Aach	4	0,2%
Universidad Nacional de Córdoba	2	0,1%	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	3	0,2%	Swiss Federal Institute of Technology Zurich	1	0,1%
Universidad Nacional de la Amazonia Peruana	1	0,1%	Universidade do Vale do Itajaí	9	0,5%	Technische Universität Berlin	1	0,1%
Universidad Nacional de La Plata	2	0,1%	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	6	0,3%	Technical University of Crete	1	0,1%
Universidad Nacional de Rosario	3	0,2%	Universidade Estadual de Campinas	79	4,3%	Technische Universitaet Dresden	1	0,1%
Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa	1	0,1%	Universidade Estadual de Londrina	9	0,5%	Technische Universitaet Karlsruhe	1	0,1%
Universidad Nacional de San Juan	1	0,1%	Universidade Estadual de Maringá	8	0,4%	Technische Universität Berlin	1	0,1%
Universidad Nacional de Trujillo	1	0,1%	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	1	0,1%	Technische Universität Dresden	1	0,1%
Universidad Nacional Del Comahue	1	0,1%	Universidade Estadual de Ponta Grossa	3	0,2%	Technische Universität Hamburg Harburg	1	0,1%
Universidad Nacional Del Sur	1	0,1%	Universidade Estadual do Ceará	1	0,1%	Texas A M University	1	0,1%
Universidad Privada de Tacna	1	0,1%	Universidade Federal da Bahia	7	0,4%	The University of Manchester	1	0,1%
Universidad Ricardo Palma	1	0,1%	Universidade Federal da Paraíba	7	0,4%	The University Of Michigan Ann Arbor	1	0,1%
Universidad Simon Bolivar	2	0,1%	Universidade Federal de Campina Grande	3	0,2%	The University of Sydney	1	0,1%
Universidade Candido Mendes	1	0,1%	Universidade Federal de Goiás	3	0,2%	The University Of Texas At Austin	1	0,1%
Universidade Católica de Brasília	1	0,1%	Universidade Federal de Juiz de Fora	2	0,1%	The University of Western Australia	2	0,1%
Universidade Católica de Pelotas	12	0,7%	Universidade Federal de Lavras	3	0,2%	Tokyo University Of Fisheries	1	0,1%
Universidade Católica do Uruguai	1	0,1%	Universidade Federal de Mato Grosso	1	0,1%	Trinity College Dublin	1	0,1%
Universidade Católica Dom Bosco	1	0,1%	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	2	0,1%	Universidad Autónoma de Barcelona	1	0,1%
Universidade Cidade de São Paulo	1	0,1%	Universidade Federal de Minas Gerais	13	0,7%	Universidad Carlos III de Madrid	2	0,1%
Universidade Comunitária da Região de Chapecó	4	0,2%	Universidade Federal de Pelotas	4	0,2%	Universidad Complutense de Madrid	1	0,1%
Universidade Comunitaria Regional de Chapecó - UN	1	0,1%	Universidade Federal de Pernambuco	5	0,3%	Universidad de Cadiz	1	0,1%
Universidade da Amazônia	2	0,1%	Universidade Federal de Santa Catarina	845	46,1%	Universidad de Chile	1	0,1%
Universidade da Região da Campanha	3	0,2%	Universidade Federal de Santa Maria	36	2,0%	Universidad de Concepción	1	0,1%
Universidade da Região de Joinville	4	0,2%	Universidade Federal de São Carlos	15	0,8%	Universidad de Granada	2	0,1%
Universidade de Augsburg	1	0,1%	Universidade Federal de São Paulo	15	0,8%	Universidad de Sevilla	3	0,2%
Universidade de Belgrado	1	0,1%	Universidade Federal de Uberlândia	2	0,1%	Universidad de Valladolid	2	0,1%
Universidade de Brasília	9	0,5%	Universidade Federal de Viçosa	5	0,3%	Universidad de Zaragoza	1	0,1%
Universidade de Caxias do Sul	7	0,4%	Universidade Federal do Ceará	3	0,2%	Universidad del Pais Vasco	1	0,1%
Universidade de Coimbra	1	0,1%	Universidade Federal do Espírito Santo	2	0,1%	Universidad Nacional de Córdoba	1	0,1%
Universidade de Cruz Alta	4	0,2%	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	3	0,2%	Universidad Politécnica de Madrid	1	0,1%
Universidade de Fortaleza	1	0,1%	Universidade Federal do Pará	2	0,1%	Universidad Pontificia Comillas	1	0,1%
Universidade de Passo Fundo	14	0,8%	Universidade Federal do Paraná	36	2,0%	Universidade Católica de Pelotas	1	0,1%

Universidade de Pernambuco	1	0,1%	Universidade Federal do Piauí	1	0,1%	Universidade da Florida	1	0,1%
Universidade de Ribeirão Preto	4	0,2%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	55	3,0%	Universidade de Bordeaux	1	0,1%
Universidade de Santa Cruz do Sul	4	0,2%	Universidade Federal do Rio Grande	8	0,4%	Universidade de Brasília	6	0,3%
Universidade de São Paulo	85	5,0%	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	1	0,1%	Universidade de Caxias do Sul	1	0,1%
Universidade de Taubaté	2	0,1%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	176	9,6%	Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg	1	0,1%
Universidade de Yaounde 1	1	0,1%	Universidade Federal Fluminense	3	0,2%	Universidade de Coimbra	3	0,2%
Universidade do Contestado	2	0,1%	Universidade Federal Rural de Pernambuco	1	0,1%	Universidade de Guarulhos	1	0,1%
Universidade do Estado de Santa Catarina	29	1,7%	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	5	0,3%	Universidade de Hohenheim	1	0,1%
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	7	0,4%	Universidade Luterana do Brasil	1	0,1%	Universidade de Liege	1	0,1%
Universidade do Extremo Sul Catarinense	4	0,2%	Universidade Metodista de São Paulo	1	0,1%	Universidade de Ribeirão Preto	1	0,1%
Universidade do Minho	1	0,1%	Universidade Nacional de Kharkiv V. N. Karazin	1	0,1%	Universidade de Santiago de Compostela	1	0,1%
Universidade do Oeste de Santa Catarina	3	0,2%	Universidade Nove de Julho	1	0,1%	Universidade de São Paulo	238	12,6%
Universidade do Oeste Paulista	1	0,1%	Universidade Paulista	1	0,1%	Universidade de São Paulo São Carlos	1	0,1%
Universidade do Planalto Catarinense	1	0,1%	Universidade Presbiteriana Mackenzie	1	0,1%	Universidade de Toronto	1	0,1%
Universidade do Sul de Santa Catarina	7	0,4%	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio	1	0,1%	Universidade de Yaounde 1	1	0,1%
Universidade do Vale do Itajaí	25	1,5%	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e	1	0,1%	Universidade do Algarve	1	0,1%
Universidade do Vale do Paraíba	1	0,1%	Universidade São Francisco - Itatiba	1	0,1%	Universidade do Estado de Santa Catarina	8	0,4%
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	17	1,0%	Universidade Tuiuti do Paraná	2	0,1%	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1	0,1%
Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES	1	0,1%	Universit? de Metz	1	0,1%	Universidade do Extremo Sul Catarinense	1	0,1%
Universidade Estadual da Paraíba	2	0,1%	Università degli Studi - Firenze	1	0,1%	Universidade do Minho	2	0,1%
Universidade Estadual de Campinas	35	2,1%	Università degli Studi di Parma	1	0,1%	Universidade do Porto	4	0,2%
Universidade Estadual de Feira de Santana	1	0,1%	Università Degli Studi Padova	1	0,1%	Universidade do Vale do Itajaí	1	0,1%
Universidade Estadual de Londrina	14	0,8%	Universitaet Kaiserslautern	1	0,1%	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	3	0,2%
Universidade Estadual de Maringá	18	1,1%	Universität Basel	1	0,1%	Universidade Estadual de Campinas	101	5,3%
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	1	0,1%	Universitat de Barcelona	1	0,1%	Universidade Estadual de Londrina	3	0,2%
Universidade Estadual de Montes Claros	2	0,1%	Universität Konstanz	1	0,1%	Universidade Estadual de Maringá	8	0,4%
Universidade Estadual de Ponta Grossa	6	0,4%	Université Bordeaux 1 Sciences et Technologies	1	0,1%	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ri	1	0,1%
Universidade Estadual do Ceará	2	0,1%	Université Catholique de Louvain	1	0,1%	Universidade Federal da Bahia	7	0,4%
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	2	0,1%	Université D' Aix Marseille II	1	0,1%	Universidade Federal da Paraíba	1	0,1%
Universidade Estadual do Piauí	2	0,1%	Université d'Oran Es-Senia	1	0,1%	Universidade Federal de Juiz de Fora	1	0,1%
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	26	1,5%	Université de Nancy II	1	0,1%	Universidade Federal de Lavras	1	0,1%
Universidade Federal da Bahia	10	0,6%	Universite de Poitiers	1	0,1%	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	0,1%
Universidade Federal da Paraíba	8	0,5%	Université de Technologie de Compiègne	1	0,1%	Universidade Federal de Minas Gerais	13	0,7%

Universidade Federal de Alagoas	1	0,1%	Université Des Sciences Et Techniques Du Langued	1	0,1%	Universidade Federal de Pelotas	5	0,3%
Universidade Federal de Alfenas	1	0,1%	Université Montpellier III	1	0,1%	Universidade Federal de Pernambuco	5	0,3%
Universidade Federal de Campina Grande	2	0,1%	Université Paris Descartes	1	0,1%	Universidade Federal de Santa Catarina	722	38,1%
Universidade Federal de Goiás	5	0,3%	Université Pierre et Marie Curie	1	0,1%	Universidade Federal de Santa Maria	11	0,6%
Universidade Federal de Juiz de Fora	7	0,4%	University Of Alabama At Birmingham	1	0,1%	Universidade Federal de São Carlos	19	1,0%
Universidade Federal de Lavras	5	0,3%	University of Bath	1	0,1%	Universidade Federal de São Paulo	24	1,3%
Universidade Federal de Mato Grosso	4	0,2%	University of California - Davis	1	0,1%	Universidade Federal de São Paulo-Escola Paulista	1	0,1%
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	3	0,2%	University of Cambridge	1	0,1%	Universidade Federal de Viçosa	2	0,1%
Universidade Federal de Minas Gerais	12	0,7%	University of Illinois - System	1	0,1%	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1	0,1%
Universidade Federal de Ouro Preto	4	0,2%	University of London	1	0,1%	Universidade Federal do Maranhão	1	0,1%
Universidade Federal de Pelotas	22	1,3%	University of Minnesota System	1	0,1%	Universidade Federal do Paraná	38	2,0%
Universidade Federal de Pernambuco	8	0,5%	University of North Carolina	1	0,1%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	53	2,8%
Universidade Federal de Rondônia	1	0,1%	University of Southampton	1	0,1%	Universidade Federal do Rio Grande	2	0,1%
Universidade Federal de Santa Catarina	630	37,1%	University of Strathclyde	1	0,1%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	129	6,8%
Universidade Federal de Santa Maria	71	4,2%	University of Texas at Austin	1	0,1%	Universidade Federal Fluminense	5	0,3%
Universidade Federal de São Carlos	11	0,6%	University of Vermont	1	0,1%	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	2	0,1%
Universidade Federal de São João Del-Rei	1	0,1%	University of Waterloo	1	0,1%	Universidade Livre de Bruxelas	1	0,1%
Universidade Federal de São Paulo	5	0,3%	<b>TOTAL</b>	<b>1831</b>	<b>100%</b>	Universidade Metodista de São Paulo	1	0,1%
Universidade Federal de Sergipe	3	0,2%				UNIVERSIDADE NACIONAL AUTONOMA DO MÉXICO	1	0,1%
Universidade Federal de Uberlândia	3	0,2%				Universidade Nacional de Kiev Taras Shevchenko	1	0,1%
Universidade Federal de Viçosa	3	0,2%				Universidade Nova de Lisboa	1	0,1%
Universidade Federal do Acre	1	0,1%				Universidade Nove de Julho	1	0,1%
Universidade Federal do Amazonas	1	0,1%				Universidade Presbiteriana Mackenzie	1	0,1%
Universidade Federal do Ceará	7	0,4%				Universidade Salgado de Oliveira (Niterói)	1	0,1%
Universidade Federal do Espírito Santo	3	0,2%				Universidade São Francisco	1	0,1%
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	5	0,3%				Universidade Técnica de Lisboa	2	0,1%
Universidade Federal do Pará	9	0,5%				Universit? de Bordeaux II - Victor Segalen	1	0,1%
Universidade Federal do Paraná	39	2,3%				Universit? Joseph Fourier - Grenoble I	1	0,1%
Universidade Federal do Piauí	2	0,1%				Università degli Studi di Ferrara	1	0,1%
Universidade Federal do Rio de Janeiro	36	2,1%				Universita Degli Studi Di Macerata	1	0,1%
Universidade Federal do Rio Grande	22	1,3%				Università degli Studi di Milano	1	0,1%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	3	0,2%				Università degli Studi di Parma	1	0,1%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	108	6,4%				Università degli Studi di Roma ?Tor Vergata&quot	1	0,1%



Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e	1	0,1%				Universita Degli Studi Di Venezia	3	0,2%
Universidade Federal Fluminense	12	0,7%				Università degli Studi di Verona	1	0,1%
Universidade Federal Rural de Pernambuco	1	0,1%				Università Luigi Bocconi	1	0,1%
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	4	0,2%				Universitaet Goettingen	1	0,1%
Universidade Federal Rural do Semi-Árido	1	0,1%				Universitaet Hoehenheim	1	0,1%
Universidade Franciscana	1	0,1%				Universitaet Kaiserslautern	1	0,1%
Universidade Iguacu	1	0,1%				Universitat Autònoma de Barcelona - UAB	4	0,2%
Universidade Luterana do Brasil	3	0,2%				Universität Bern / Institut für Sozialanthropolo	1	0,1%
Universidade Metodista de Piracicaba	1	0,1%				Universität Bonn	2	0,1%
Universidade Metodista de São Paulo	2	0,1%				Universität Bremen	1	0,1%
Universidade Metropolitana de Santos	1	0,1%				Universität de Barcelona	3	0,2%
Universidade Municipal de São Caetano do Sul	1	0,1%				Universität de València	2	0,1%
Universidade Nacional de Ingeniería	1	0,1%				Universität Gesamthochschule Essen	1	0,1%
Universidade Nacional de Kharkiv V. N. Karazin	1	0,1%				Universität Karlsruhe (TH)	1	0,1%
Universidade Nacional de Rosario	2	0,1%				Universität Politècnica de Catalunya	1	0,1%
Universidade Paranaense	1	0,1%				Universität Stuttgart	1	0,1%
Universidade Paulista	3	0,2%				Universität Tübingen	1	0,1%
Universidade Presbiteriana Mackenzie	2	0,1%				Université Bordeaux 1 Sciences et Technologies	2	0,1%
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio	8	0,5%				Université Claude Bernarde Lyon 1	1	0,1%
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e	6	0,4%				Université D' Aix Marseille II	1	0,1%
Universidade Santa Úrsula	1	0,1%				Université D' artois	1	0,1%
Universidade São Francisco - Itatiba	1	0,1%				Université de Bordeaux II	1	0,1%
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	5	0,3%				Université de Bourgogne	1	0,1%
Universidade Tuiuti do Paraná	1	0,1%				Université de Lorraine	2	0,1%
Università degli Studi &quot;	1	0,1%				Université de Nice - Sophia Antipolis	1	0,1%
Università degli Studi di Milano	1	0,1%				Université de Nice Sophia Antipolis	1	0,1%
Università degli Studi di Padova	1	0,1%				Université de Orleans	1	0,1%
Università degli Studi di Teramo	1	0,1%				Universite de Poitiers	3	0,2%
Universita degli Studi di Udine	1	0,1%				Université de Rennes I	2	0,1%
Universitaet Kaiserslautern	1	0,1%				Université de Technologie de Compiègne	1	0,1%
Universität Basel	1	0,1%				Universite do Poitiers	1	0,1%
Universität de Barcelona	1	0,1%				Université du Québec à Montréal	1	0,1%
Université d'Oran Es-Senia	1	0,1%				Université du Québec à Trois-Rivières	1	0,1%

Université Joseph Fourier - Grenoble I	1	0,1%				Université Henri Poincaré Nancy I	1	0,1%
Université Lumière Lyon II	1	0,1%				Université Joseph Fourier - Grenoble I	2	0,1%
Université Toulouse III Paul Sabatier	1	0,1%				Université Lumière Lyon 2	1	0,1%
University of Aberdeen	1	0,1%				Université Montpellier 2 - Sciences et Techniques	1	0,1%
University of California Santa Cruz	1	0,1%				Université Montpellier I	1	0,1%
University Of Minnesota Twin Cities	1	0,1%				Université Montpellier III	1	0,1%
University of Münster	1	0,1%				Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis	1	0,1%
University of Oxford	1	0,1%				Université Paris Descartes	3	0,2%
Usurj	1	0,1%				Université Paris Diderot	1	0,1%
<b>TOTAL</b>	<b>1699</b>	<b>100%</b>				Université Paris-Ouest Nanterre la Défense	2	0,1%
						Université Paris-Sorbonne	2	0,1%
						Université Paris-Sud 11	4	0,2%
						Université Pierre et Marie Curie	3	0,2%
						Université René Descartes	1	0,1%
						Université Toulouse III Paul Sabatier	3	0,2%
						Universiteit Gent	1	0,1%
						University College London	1	0,1%
						University Of Alabama At Birmingham	1	0,1%
						University of Alberta	1	0,1%
						University of Birmingham	2	0,1%
						University of Bristol	4	0,2%
						University of California at Berkeley	1	0,1%
						University Of California At Davis	2	0,1%
						University Of California Santa Cruz	1	0,1%
						University of California, Berkeley	1	0,1%
						University of Cambridge	3	0,2%
						University of Colorado	1	0,1%
						University of Delaware	1	0,1%
						University Of Essex	2	0,1%
						University of Groningen	1	0,1%
						University Of Guelph	1	0,1%
						University of Illinois - System	1	0,1%
						University of Illinois at Chicago	2	0,1%

						University of Leeds	2	0,1%
						University of Leicester	1	0,1%
						University of London	3	0,2%
						University of Manchester	1	0,1%
						University Of Manchester Institute Of Science And	3	0,2%
						University of Massachusetts System	1	0,1%
						University of Michigan	1	0,1%
						University of Minnesota System	3	0,2%
						University of Modena and Reggio Emilia	1	0,1%
						University of Montpellier	1	0,1%
						University of Münster	2	0,1%
						University of Notre Dame	1	0,1%
						University of Nottingham	1	0,1%
						University of Ottawa	1	0,1%
						University of Oxford	3	0,2%
						University of Queensland	1	0,1%
						University of Reading	4	0,2%
						University of Rhode Island	1	0,1%
						University of Sheffield	2	0,1%
						University of Southampton	2	0,1%
						University of Stellenbosch	1	0,1%
						University of Strathclyde	1	0,1%
						University of Sussex	2	0,1%
						University Of Swansea Wales	1	0,1%
						University of Texas at Austin	2	0,1%
						University of Toronto	2	0,1%
						University of Tübingen	1	0,1%
						University of Vermont	1	0,1%
						University of Victoria	2	0,1%
						University of Wales, Swansea	1	0,1%
						University of Waterloo	4	0,2%
						University System of Maryland	1	0,1%
						University of Texas at Austin	1	0,1%
						Virginia Commonwealth University	1	0,1%
						Virginia Tech	1	0,1%
						Wayne State University	1	0,1%
						Westfälischen Wilhelms-Universität Münster	1	0,1%
						<b>TOTAL</b>	<b>1893</b>	<b>100%</b>

**APÊNDICE E – Planilha (Excel) de Instituições de Ensino Superior (IES) que compõem a formação acadêmica dos docentes da UFSC, campus Joinville.**

....

<b>Intituição da Graduação</b>	<b>Número de currículos</b>	<b>%</b>	<b>Intituição da Mestrado</b>	<b>Número de currículos</b>	<b>%</b>	<b>Intituição da Doutorado</b>	<b>Número de currículos</b>	<b>%</b>
Centro Universitário – Católica de Santa Catari	1	1,1%	Universidade Estadual de São Paulo	3	3,4%	Universidade Estadual de São Paulo	3	3,3%
Universidade Estadual do Paraná	1	1,1%	Universidade de São Paulo	10	11,4%	Instituto Tecnológico de Aeronáutica	4	4,4%
Intituto Militar de Engenharia	1	1,1%	Instituto Tecnológico de Aeronáutica	1	1,1%	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1	1,1%
Polytechnic José Antonio Echeverría	1	1,1%	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1	1,1%	Universidade de São Paulo	14	15,6%
Universidade Estadual Paulista	5	5,5%	Universidade do Estado de Santa Catarina	5	5,7%	Universidade do Estado de Santa Catarina	2	2,2%
Universidad Francisco de Paula Santander	3	3,3%	Universidade Estadual de Campinas	4	4,5%	Universidade Estadual de Campinas	4	4,4%
Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa	1	1,1%	Universidade Estadual de Maringá	2	2,3%	Universidade Estadual de Maringá	1	1,1%
Universidade Federal de Pelotas	1	1,1%	Universidade Federal de Itajubá	1	1,1%	Universidade Federal de Minas Gerais	1	1,1%
Universidade da Amazônia	1	1,1%	Universidade Federal de Minas Gerais	2	2,3%	Universidade Federal de Santa Catarina	49	54,4%
Universidade da Região de Joinville	1	1,1%	Universidade Federal de Santa Catarina	49	55,7%	Universidade Federal de São Carlos	1	1,1%
Universidade de Santa Cruz do Sul	1	1,1%	Universidade Federal de Santa Maria	1	1,1%	Universidade Federal do Ceará	1	1,1%
Universidade de São Paulo	5	5,5%	Universidade Federal de São Carlos	1	1,1%	Universidade Federal do Paraná	3	3,3%
Universidade do Estado do Mato Grosso	1	1,1%	Universidade Federal de Uberlândia	1	1,1%	Universidade Federal do Rio de Janeiro	1	1,1%
Universidade do Estado de Santa Catarina	9	9,9%	Universidade Federal do Ceará	1	1,1%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	2,2%
Universidade do Sul de Santa Catarina	1	1,1%	Universidade Federal do Paraná	2	2,3%	Mackenzie	1	1,1%
Universidade do Vale do Itajaí	1	1,1%	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3	3,4%	Universidade Federal Tecnológica do Paraná	1	1,1%
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2	2,2%	Universidade Metodista de Piracicaba	1	1,1%	-	1	1,1%
Universidade Estadual de Campinas	2	2,2%	<b>TOTAL</b>	<b>88</b>	<b>100%</b>	<b>TOTAL</b>	<b>90</b>	<b>100%</b>
Universidade Estadual de Maringá	3	3,3%						
Universidade Estadual de Ponta Grossa	2	2,2%						
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	1	1,1%						
Universidade Federal da Bahia	1	1,1%						
Universidade Federal de Itajubá	1	1,1%						
Universidade Federal de Minas Gerais	2	2,2%						
Universidade Federal de Pernambuco	1	1,1%						
Universidade Federal de Santa Catarina	30	33,0%						
Universidade Federal de Santa Maria	2	2,2%						
Universidade Federal do Ceará	1	1,1%						
Universidade Federal do Paraná	2	2,2%						
Universidade Federal do Rio Grande	2	2,2%						
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2	2,2%						
Universidade Metodista de Piracicaba	1	1,1%						
Universidad Nacional de Colombia	1	1,1%						
Università degli Studi di Cagliari	1	1,1%						
<b>TOTAL</b>	<b>91</b>	<b>100%</b>						